Diário de Lisboa

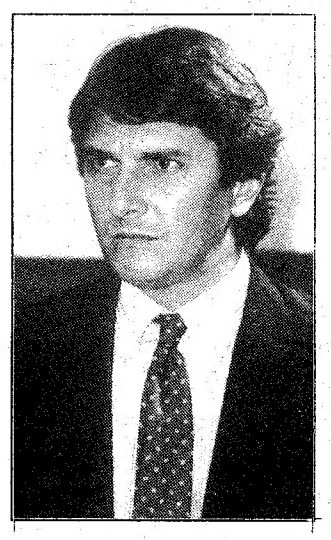
FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23200 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 15 MARÇO 90 60$00

Governo altera pacote laboral

Quebra de produtividade pode dar despedimento

«Inaceitável» e «auxílio ao patronato» foi como as centrais sindicais definiram ao DL as novas disposições estabelecidas no ante-projecto de diploma governamental sobre legislação laboral. A UGT e a CGTP manifestaram-se já contra estas disposições e afirmam que o Governo parece querer a via do confronto. A redução de produtividade ou de qualidade de trabalho são apresentadas no documento do Ministério do Emprego e Segurança Social como razões para justa causa de despedimento. O ante-projecto sobre cessação do contrato laboral faz parte de um conjunto de diplomas que envolve idade mínima de admissão, trabalho domiciliário, pré-reforma, contratação colectiva, redução e suspensão do contrato de trabalho, horário e organização do tempo de ocupação e incentivos à contratação por tempo indeterminado.

Pág. 18



Brasil com Collor

Fernando Collor de Mello, o primeiro Presidente brasileiro eleito democraticamente, em 30 anos, toma hoje posse em Brasília. Ao acto, rodeado de um forte dispositivo de segurança, assistem 120 delegações estrangeiras, para além de 24 chefes de Estado (entre os quais Mário Soares). Collor de Mello, que recebe uma "pesada herança" de Sarney, divulga amanhã o seu programa económico.

Pág. 14

Ruas de Lisboa viradas do avesso

Calçada do Combro

Estrada da Luz

Calçada da Boa Hora

As calçadas do Combro e da Boa-Hora e a Estrada da Luz vão ficar como novas. Estes importantes arruamentos da capital estão incluídos no programa de reconstrução integral que a autarquia lisboeta está a realizar. Estas obras, de grande fôlego, incluem, além da remoção do pavimento degradado, a renovação da rede de esgotos, bem como da rede telefónica. O sistema de drenagem das ruas de Lisboa será igualmente melhorado, disse ao DL o vereador responsável pelo pelouro do Trânsito, Machado Rodrigues, durante a visita que esta madrugada fez aos trabalhos de repavimentação das ruas da zona de Belém, acompanhando o presidente do município.

Jorge Sampaio andou esta madrugada pelas artérias onde estão a decorrer obras e mostrou-se satisfeito com o andamento dos trabalhos.

Pág. 19

Presidente com plenos poderes Mikhail Gorbachev tomou hoje posse do cargo de Presidente da URSS, após ter sido eleito na noite passada, pelo Parlamento soviético. Dotado de plenos poderes, o líder soviético tem duas batalhas cruciais a travar nos próximos tempos: a resolução da questão das nacionalidades e a adopção de medidas económicas profundas, para superar a crise em que o país vive. Entretanto a Santa Sé e a URSS decidiram hoje reatar relações diplomáticas, segundo o Vaticano.

Pág.13

Futre rei das fitas

O português Paulo Futre, "capitão" do Atlético de Madrid, e, depois de Butragueno e Hugo Sanchez, considerado o mais caro futebolista de Espanha, acaba de ser eleito o artista mais perfeito na simulação de faltas passíveis de grande penalidade nos relvados espanhóis

Pág. 25

José Miguel Júdice ao DL

PSD é um dos partidos mais conservadores

José Miguel Júdice é um militante do PSD que «nunca quis assumir um cargo político nacional», preferindo a análise política nas páginas dos jornais. Em entrevista ao DL revela-se desiludido com o PSD, acusa-o de ser actualmente «um dos partidos mais conservadores da sociedade portuguesa» e não acredita que se possa repetir a maioria absoluta nas próximas legislativas.

Pág. 7

DL

Nazismo: a epidemia volta a alastrar *Págs. 2, 3 e 4*

Novo embaixador dos EUA em Lisboa *Pág. 8*

Luís Salgado Matos continua no IPC *Pág. 21*

DL entrevista Médico sem Fronteiras *Pág. 15*

Hoje: Suplemento Literário

O nazismo não morreu

«A nossa fé é o nazismo. A nossa democracia é o extermínio. A nossa justiça é a morte. Florença tem uma doença e nós somos a cura. Reivindicamos a expedição punitiva do dia 27 de Fevereiro. Este é apenas o começo. A erva daninha deve ser extirpada já, antes que contagie a boa.» Para quem duvide de que o nazismo volta a florescer na Europa, este panfleto, enviado a um diário italiano, para reivindicar o espancamento de três marroquinos em Florença, poderá ser uma resposta. Tal como o depoimento de um dos acusados desse acto: «Não foi nenhuma carnificina. No fundo, trata-se apenas de três marroquinos espancados. É apenas um gesto exemplar.» Foi talvez como outros tantos «gestos exemplares» que, no fim-de-semana, três marroquinos foram atacados em França, dois à bala, outro por atropelamento. Ou que, no Porto, jovens identificados como skins *atacaram outros jovens, gritando: "Não estamos mortos." Não, o racismo, o nazismo, a ideologia fascista, não morreram. E há dados que indicam que, pelo contrário, estão a crescer e a organizar-se*

O clã da morte

«A força por detrás dos incidentes racistas: skinheads, grupos organizados de jovens violentos que estão a emergir como corpos juvenis do movimento neonazi» - em Janeiro de 1988, a revista «Time» descobre esta nova vaga de organizações criminosas, que dão uma nova face à extrema-direita internacional. O registo é impressionante: nos Estados Unidos, 121 assassinatos entre 1980 e 1986 - e esses dados são ultrapassados nos anos recentes.

Fenómeno dos anos 80, os «skinheads» desenvolvem-se a partir de uma cultura musical que responde à agressividade tribal e que é organizada politicamente por correntes neo-fascistas ou neo-nazis, formadas por quadros políticos sobreviventes da Segunda Guerra ou das ditaduras peninsulares, saídos do seu longo isolamento. Os temas não são novos: expulsar os imigrantes. «Se dentro de 50 anos, as revoluções nacionalistas não tiverem triunfado em cada país, seremos 300 milhões de mestiços, 300 milhões de escravos», declara Malliarakis, um dos chefes do movimento. A referência nazi aparece assim como um complemento natural: a mitologia da guerra e da raça pura é o tema das canções, das publicações, dos gritos de guerra destes clãs.

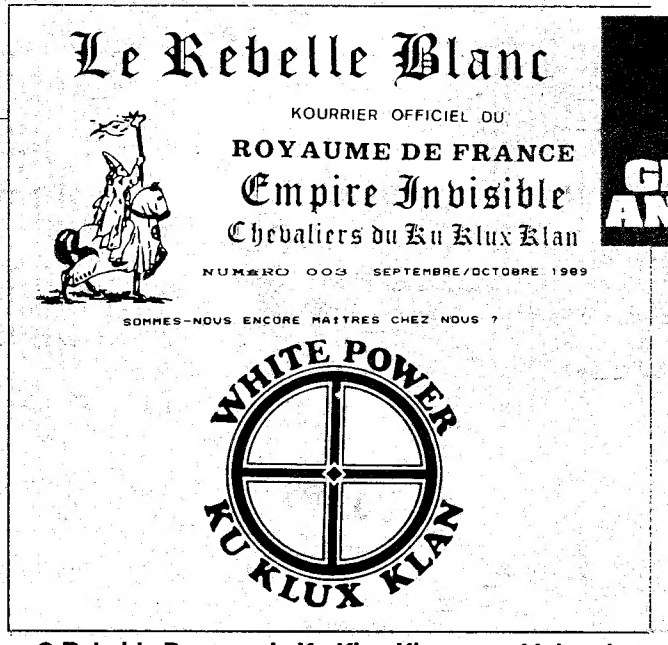
Num cantinho à beira-mar plantado

Revelados ao grande público sobretudo a partir do assassinato de José Carvalho, dirigente do PSR, em Outubro do ano passado, os skins já eram conhecidos em muitas escolas e zonas de encontro de jovens em Lisboa e Porto. E a violência não é recente: nos últimos três anos, registam-se cerca de 30 casos de agressão, sendo de admitir que muitos outros não sejam conhecidos - seis traumatismos cranianos com internamento hospitalar, o actor João Grosso operado depois de ter sido agredido, duas outras mortes por esfaqueamento atribuídas ao grupo, seis agressões a negros. Processos em tribunal: três queixas na Polícia de Almada, o processo José Carvalho. Diversos organismos policiais investigam ainda duas mortes no Porto e a tentativa de assassinato de um jovem negro em Novembro. Mas a maior parte das investigações, como sobre as ameaças de morte a jornalistas (uma fotógrafa no Rock Rendez-Vous e um do «Primeiro de Janeiro») não teve sequência.

Organizados em bandos de base local, os skins têm os seus chefes e actuam com bastante autonomia, escolhendo as suas acções, os seus alvos e as suas zonas de ataque. Juntam-se por vezes em alguns momentos e são vistos, em grandes grupos, nos concertos dos «Mata Ratos», como há duas semanas no Rock Rendez-Vous, ou dos «Dog Dócil». Na Grande Lisboa, o grupo mais agressivo foi o que esteve implicado na morte de José Carvalho: dois dos acusados de co-autoria material do assassinato, Américo Silva (que é dado como um contacto dos skins do Porto) e Melchior Santos, estão igualmente acusados nos três processos pendentes em Almada. Junta-se-lhes aqui um terceiro: Fernando Gaspar, 0 «Himmler», dado como responsável pela propaganda do Movimento de Acção Nacional (MAN) na Margem Sul.

O MAN aparece assim como a estrutura de doutrinação política e de agrupamento destes bandos. Os seus responsáveis não negam esta ligação: os skins são uma «grossa fatia do movimento e os seus membros têm iguais direitos e iguais deveres», diz um dos seus dirigentes ao Expresso (4.11.89). A revista «Sábado» tinha proposto fazer uma reportagem seguindo pela noite dentro um dos bandos de skins: «consultados os dirigentes do MAN, aceitaram que os seguíssemos numa acção de pichagens. O encontro deu-se às 23 horas, na estação do Rossio, com cerca de 10 jovens skin, todos membros do MAN» («Sábado», 4.2.89). Embora rejeitem responsabilidade nos actos de violência, os dirigentes do MAN aceitam o seu papel de enquadramento ideológico dos skins. 1989 seria o ano de uma grande campanha de acção, tinham anunciado.

É essa acção viria a ultrapassar fronteiras, com o reforço da ligação desta organização a alguns dos grupos mais extremistas da direita europeia.



O Rebelde Branco: da Ku Klux Klan aos *skinheads*

Bruxelas, 12 de Março, 14.30

Os delegados vêm de França, Inglaterra, Itália, Espanha, Alemanha, Luxemburgo, os anfitriões são os belgas do «Parti des Forces Nouvelles». O programa é ambicioso: criar um Comité de Ligação dos Nacionalistas Europeus, coordenar actividades, reuniões trimestrais. O apelo que junta estes homens foi lançado pelo MAN português e por Malliarakis, chefe da organização «Troisième Voie».

Um ano depois, eram definidos os estatutos desta corrente internacional: em nome de uma «terceira via» entre o capitalismo e o comunismo, constitui-se uma secção em cada país, com um secretariado permanente em Bruxelas, publica-se um jornal «Revolução Europeia», com edição em francês, espanhol, italiano e português.

Malliarakis, um dos animadores deste movimento, dirige o MNR-TV: implicado nos ataques às manifestações estudantis de Dezembro de 1986, implicado no ataque contra uma festa antiracista em Dezembro de 1985, o seu grupo substitui actualmente a ala dura do movimento skin - o «Partido Nacionalista Francês e Europeu» - cujos dirigentes estão presos sob a acusação de constituírem uma «associação criminosa». Os seus treinos militares, num castelo que pertenceu a Bokassa enquanto o imperador tinha amizades no Estado francês, deram que falar: 17 recrutas foram detidos depois de um raid de três horas de destruições em Argellais, a vila próxima do castelo.

Os amigos italianos já têm

Os cabos-verdianos são empurrados para *ghetos*

Os nossos brandos

Na escola não acreditam que é ele que faz os trabalhos. Nos transportes, o lugar ao lado é quase sempre o último a ser ocupado. No café, é também o último a ser atendido. Na rua, já foi insultado e humilhado. Há taxistas que se recusam a transportá-lo. E a polícia já lhe bateu antes de o interrogar.

A naturalidade com que sempre aceitaram a exogamia e a fusão de raças deu aos portugueses a fama de não serem racistas. A legislação não permite sequer situações de racismo ideológico militante. Mas, no dia a dia, não é bem isso que as comunidades de africanos aqui instaladas sentem. De facto, se o povo português não é rácico há atitudes individuais que se afiguram como tal. A prová-lo há também um inquérito elaborado pela deputada do Parlamento Europeu, Maria Belo, sobre o racismo e a xenofobia em Portugal.

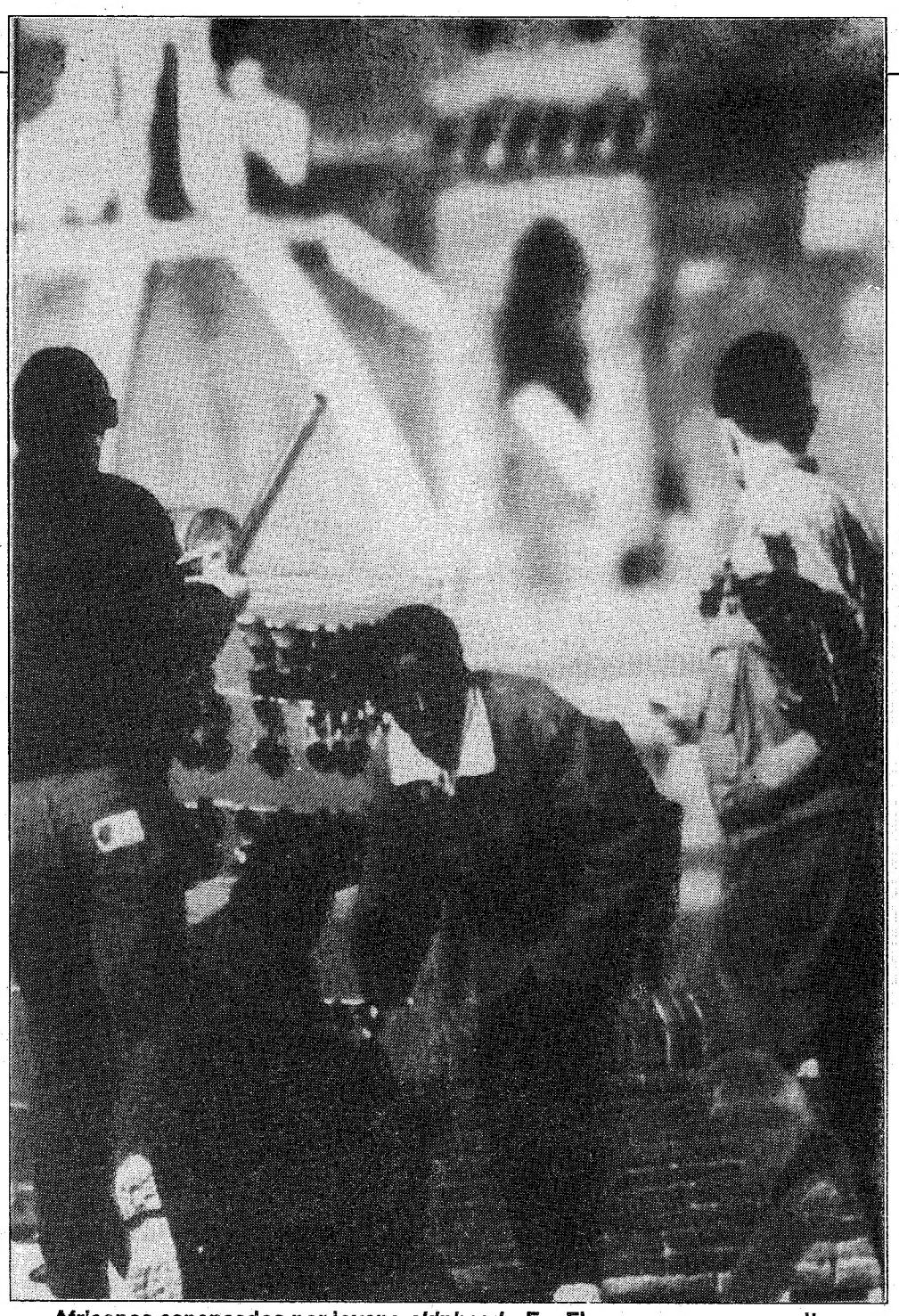
«Não somos racistas à maneira de outros europeus. Não se pode mesmo dizer que a sociedade portuguesa o seja, há indivíduos ou atitudes. O facto de não se falar muito desta realidade é já uma discriminação. Parece que isto está estabelecido de tal forma na sociedade que é quase um dogma. Há muito a crença, em certas classes, de que mais vale não falar para não dar ideias» - disse-nos Maria Belo.

A ideia arreigada de que os portugueses sempre tiveram características de abertura à diferença encobriu durante muito tempo esta realidade. Só o ano passado, com o aparecimento dos cabeças-rapadas e com a morte de um dirigente político do PSR, este tema saltou para o debate público.

«Preocupa-nos muito o racismo como instituição. Um regime assente em teorias como as de Gobineau ou Hitler pode levar à morte milhões de pessoas. Porque, atitudes de discriminação há muito que as sentimos nos locais de trabalho, nas escolas, na rua e até mesmo na Comunicação Social» - disse-nos Geraldo Almeida, responsável pelos serviços consulares na embaixada de Cabo Verde, em Portugal.

O trabalho é uma das áreas onde a discriminação é mais forte. «Somos considerados como um exército de reserva. Chamados a fazer o que os portugueses já não querem. As mulheres cabo-verdianas são aceites como domésticas e os homens procurados para a construção civil. Trabalhos pesados e não especializados, o que nos dá um estatuto depreciativo e permite a exploração» - afirmou ao DL Geraldo Almeida.

Segundo o relatório de Maria Belo, os cabo-verdianos, bem como os outros africanos, consideram que é mais difícil em Portugal do que noutros países da Europa o progresso normal nas carreiras profissionais. A maioria das vezes são mantidos em situação ilegal, sem



Africanos espancados por jovens *skinheads*. Em Florença, como em muitas cidades europeias

outra experiência: a «Terza Posizione» é dada como responsável pela explosão da gare de Bolonha, em 2 de Agosto de 1980. Morreram 69 pessoas, num dos mais trágicos ataques terroristas desencadeado em Itália e só agora foram presos quatro presumíveis responsáveis. O seu chefe, no entanto, está em Inglaterra: Roberto Fiore é agora membro do National Front e, apesar de condenado a seis anos de prisão em Itália, tem sido protegido da extradição pelo Governo da sr.ª Thatcher. O MAN reivindica abertamente a relação com este grupo.

O «National Front» é o terceiro parceiro importante deste movimento. Animador das hordas de hooligans responsáveis pelo massacre do estádio de Heysel, na Bélgica, este grupo teve uma grande influência eleitoral em Inglaterra nos anos setenta e a partir de 1984 reorientou as suas forças para o terrorismo urbano: o seu «grupo de resposta imediata» é dirigido por Ian Stuart, o vocalista do mais famoso grupo skin, os Screwdriver. O seu jornal de Leeds anuncia a cor: «o futuro pertence aos que, de entre nós, estão sempre prontos a sujar as mãos. O terror político é tudo o que compreendem». Derek Holland, chefe desta organização, não hesita e em Setembro de 1988, viaja até à Líbia para pedir dinheiro e apoios. O movimento impulsionado pelo MAN português e por Malliarakis estrutura-se assim a nível internacional, com padrões de organização comuns (os grupos skin, os hooligans do Paris Saint Germain, do Borussia, Anderlecht, Chelsea, Mancester United e, em Portugal, esboços de infiltrações semelhantes no Sporting, no Cahves e agora também no Benfica) e objectivos semelhantes (o ataque contra os imigrantes, o racismo) e a mesma inspiração nazi.

Cabeças rapadas e capuzes brancos

Mr. James Farrantz é um americano, bom católico, dono de uma fábrica de utensílios no Connecticut. Viaja frequentemente à Europa, mas noutra condição: é o Mágico Imperial do Império Invisível, cavaleiro do Ku-klux-klan, responsável pelos seus assuntos europeus. Nessa qualidade, esteve presente em duas grandes reuniões das organizações neo-nazis europeias, os Euroring de Courtrai, na Bélgica.

E, enquanto que nos Estados Unidos um importante renascimento do KKK é obtido graças à incorporação de skinheads, também na Europa a junção se tem vindo a verificar. Ao lado de Mr. Farrantz, os nossos já conhecidos membros do National Front, uma das componentes do Comité Internacional promovido pelo MAN. E Oliver Devalez, também ele pertencente ao Império Invisível, um dos mais importantes skins franceses, editor de «Rebelle Blanc» (Rebelde Branco) e de diversas outras publicações.

Ouçamo-lo: «Há uma verdade que alguns não querem reconhecer: o movimento skin é nacional-socialista». E é esse Devalez que representa o mais importante contacto internacional dos skins da zona do Porto, que lhe dedicam o seu jornal, «Combate Branco», e que reproduzem a sua doutrina - a defesa de Klaus Barbie e de Rudolf Hess, o ódio contra os africanos e judeus, o apelo à violência. Cavaleiros do KKK, também eles? Em qualquer caso, o clã da morte está formado em Portugal.

Margarida Sousa e Francisco Louçã

costumes

assistência médica ou segurança social.

Os que enveredam pelas profissões liberais também confessaram não sentir uma aceitação imediata, excepto quando demonstram uma competência acima da média. Os estudantes dizem que apenas são bem vistos, por alunos e professores, quando se revelam excelentes alunos.

A habitação é apontada como outra forma de discriminação. O facto de os senhorios pedirem quantias elevadas pelos quartos e se recusarem a alugá-los a africanos têm-os empurado para os bairros de lata, reconstruídos por eles e segundo os costumes da sua terra, sem infraestruturas ou em casas degradadas.

A polícia é citada como uma força que marginaliza os africanos, embora a sua atitude possa mudar se se tratar de um indivíduo socialmente bem colocado. Casos relatados dizem-nos que os africanos, por vezes, são agredidos antes de serem interrogados. Segundo o depoimento de um polícia graduado, existem naquela corporação atitudes de racismo assumido, vindas, principalmente, da geração dos 45/55 anos. Contudo, é também focado o caso de polícias africanos jovens que têm a sua carreira garantida sem nenhuma espécie de marginalização.

Em Portugal, os casais mistos ainda não são bem aceites. Talvez pela dificuldade de aceitar a descendência de outra raça. Problema que é evidente nos serviços de adopção, onde apesar de haver grande procura de crianças, as africanas muito dificilmente são escolhidas.

Os africanos estão praticamente ausentes da vida política portuguesa. O relatório refere que aqui há um desinteresse dos próprios indivíduos, talvez por saberem que dificilmente conseguirão integrar-se ou ser aceites na classe dirigente do país.

Para Geraldo Almeida, aspecto preocupante é o facto de alguns órgãos de Comunicação Social veicularem, por vezes, o racismo. «Jornais que trazem em letras garrafais "Preto energúmeno cabo-verdiano mata sexagenário para lhe roubar 200 escudos" e até as telenovelas, em que actores negros desempenham quase sempre papéis secundários, só contribuem para nos dar uma imagem de intrusos, delituosos ou marginais» -disse.

Ainda segundo este, a sida e a hepatite B podem vir a tornar-se em instrumentos de racismo. «É incrível quando se ouvem pessoas credenciadas em colóquios, na televisão ou nos jornais dizer que se corre mais risco cruzar com um negro do que com uma prostituta. A sida não é uma doença dos negros. É um facto que, a convivência entre negros e brancos já foi mais sã».

Ana Mafalda Inácio

COMENTÁRIO

«Somos todos negros e africanos»

Florença, Itália: um grupo de umas trinta pessoas, entre jovens de cabeça rapada e pacatos burgueses, rodeia quatro norte-africanos que passeiam pela noite. Três conseguem fugir. O quarto, marroquino, brutalmente espancado, é salvo pela chegada da polícia.

Em Varese, também na Itália, as vítimas são desta vez da Costa do Marfim. Os atacantes, esses, são apenas três, de cabeças rapadas e armados de chaves inglesas.

A Polícia, já por vezes acusada de não prestar atenção aos grupos de extrema-direita, investiga. Uma rusga às casas de elementos conhecidos como skins, em Florença, leva-a a descobrir panfletos com caligrafia nazi e nomes que acordam memórias adormecidas: «Brigada Goebbels», «Frente para o renascimento de Itália». Um deles, assinado Ludwig, proclama: «A nossa fé é o nazismo, a nossa democracia o extermínio, a nossa justiça é a morte.»

A Itália agita-se, o movimento estudantil manifesta-se em Florença contra os espancamentos de africanos, os jornais italianos dedicam páginas ao tema. E apercebem-se de que não estão sós: «Também a França se descobre racista: massacrados três jovens marroquinos» («Corriere Della Sera», 13 de Março).

O Nouvel Observateur já o tinha dito uma semana antes. Em artigo sobre o Partido Nacionalista Francês Europeu, cujo chefe, Claude Cornilleau, defensor do «despertar da raça superior», se encontra preso, expunha mesmo o método escolhido para a tomada do poder: a infiltração das forças policiais.

Como explicava Cornilleau ao juíz de instrução, os polícias têm todas as vantagens: podem assegurar a segurança do movimento e efectuar, por conta deste, missões de informação...

Além de que, revelava o Nouvel Obs, têm também a vantagem de poder avisar o movimento das acções policiais preparadas contra ele.

É que, como comentava, à mesma revista, um especialista de informações, «desde Maio de 68 que a informação policial é sobretudo virada para a extrema- esquerda...ora hoje a ameaça é da extrema-direita - mas poder-se-ão perseguir uns e outros com os mesmos homens?»

Por aqui, esperava-se que, na sequência da vigilância policial anunciada pelo então ministro da Justiça, Fernando Nogueira, os nossos jovens racistas se tivessem acalmado. Os recentes incidentes, como o fogo repetidamente posto numa escola maioritáriamente frequentada por negros ou o ataque do passado fim-de-semana no Porto vieram recordar o que afirmaram aos berros: que poderiam parecer adormecidos, mas «não estão mortos».

É verdade que as suas vítimas são sobretudo os negros. Mas já Brecht recordava que quem não se sente tocado quando são outros os alvos pode vir a ser atingido por sua vez.

Diana Andringa

Há vinte e dois anos, contestando a explulsão do *judeu alemão* Daniel Cohn Bendit, os estudantes franceses gritaram em coro: «Somos todos judeus alemães.» Talvez seja tempo de retomarmos o grito: «Somos todos negros e africanos».

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP
- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

Do sonho à desilusão

GRANDE ANGULAR

A esmagadora maioria dos africanos, residentes em Portugal, vive em bairros degradados, que se espalham pelas encostas dos grandes centros habitacionais - dormitórios suburbanos- chegando mesmo, nalguns casos, a cercá-los completamente, de forma semelhante à encontrada na Idade Média pelos que se aglomeravam à volta dos castelos, antes das muralhas defensivas das urbes. Chegam a Portugal, nalguns casos, fugidos à guerra ou, pura e simplesmente, em busca de melhores condições de vida, com o regresso imaginado para breve, e sucessivamente adiado face às circunstâncias adversas que vão encontrando pelo caminho. Deixando de parte os que vêm para estudar, que normalmente têm melhores condições na sua estadia, estes imigrantes africanos não têm formação académica ou profissional. Em muitos casos, vêm contratados por empreiteiros pouco escrupulosos que lhes prometem condições de vida que não satisfazem, restando-lhes para morar camaratas, com a duração do tempo da obra, sem condições mínimas de higiene ou conforto.

Acabado o primeiro contrato , resta a esta gente procurar um sítio onde viver. Por falta de recursos económicos, de estruturas de ajuda a uma integração difícil para qualquer estrangeiro, principalmente de raça e cultura diferentes, pela busca de apoio e de defesa de uma sociedade que lhes é estranha, e até por vezes hostil, por não quererem perder a ligação à terra e à sua forma de viver, o local preferencial para a construção de casa é o bairro onde encontram conterrâneos, ou simplesmente gente da mesma raça ou continente.

A princípio a casa é de chapa de zinco, aos poucos passa a ser de madeira e, por fim, de cimento. O tempo vai passando e as habitações vão sendo aumentadas, o regresso começa a estar longínquo e nasce a necessidade de adquirir bens essenciais para um maior conforto. No campo humano a solidão aperta, e as saudades também, chamam a família, aumenta a mão-de-obra em casa, consequentemente cria-se mais valia, sobe, em paralelo, o consumo, as despesas. E a partida é adiada sine die.

Rui Pacheco

As associações africanas dizem-se preocupadas com a ocupação dos tempos livres da juventude

Quantos são e como estão

O DL juntou e ouviu representantes de três associações de africanos, as que conseguimos contactar e quiseram ajudar à compreensão da forma como vivem os africanos, em Portugal. Na Associação Cabo-verdiana ouvimos um dos seus responsáveis, João Miranda, Fernando Ká, da Associação Guineense de Solidariedade Social e António Saraiva da ACRA (Associação Cultural e Recreativa Angolana).

Depois de consulta a dados do INE e das embaixadas dos PALOP, verificou-se que também as associações têm dificuldade em quantificar, qualificar e classificar os seus respectivos emigrantes. Tarefa difícil dada a grande quantidade de africanos que opta, por coveniência de trabalho e legalização de situação, pela nacionalidade portuguesa, para além dos que a ela têm direito: por terem família portuguesa em primeiro grau; porque tiveram antigos cargos na função pública, nas províncias ultramarinas. A comunidade cabo-verdiana é a mais fácil de classificar, por ser a mais unida, independentemente da ilha de origem, ultrapassando "bairrismos", que fora da sua terra passam a ter pouco significado. Contudo, e apesar de afirmarem ser números aproximados, apontam as associações para 500.000 africanos, em Portugal, contando com os de raça branca. As maiores comunidades são a angolana e a cabo-verdiana.

Aproximadamente, metade dos angolanos e moçambicanos tem formação liceal, vem das cidades, principalmente das capitais, adapta-se mais facilmente e vive em prédios, nos subúrbios das grandes cidades portuguesas. Os que vão para os bairros degradados estão, principalmente, em Chelas, Prior Velho, Damaia, Algés, Moscavide e do outro lado do Tejo, havendo angolanos e moçambicanos, também na Charneca e Galinheiras, aqui devido à proximidade do aeroporto. Há ainda os que, em Lisboa, moram em prédios à espera de demolição.

Os imigrantes mais antigos são os cabo-verdianos, que foram chegando a partir dos anos 60, ao contrário dos guineenses e são tomenses que só começaram a emigrar em 74. Para a comunidade guineense o problema da marginalidade é recente, incidindo na segunda geração, devido a aculturação e ao desejo de ter o mesmo que os jovens portugueses da sua idade. No caso de Cabo Verde a situação é mais complicada, sendo inclusivé, um dos seus bairros um dos de maior índice de criminalidade de Lisboa, o que faz com que os seus compatriotas, moradores noutros bairros, se distanciem desse gueto. O problema surge com a desilusão que se vai instalando ao contacto com a realidade. O dinheiro necessário para o regresso cada vez custa mais a juntar, e o esforço que implica é cada vez maior, passados alguns anos escolhem formas, mesmo condenáveis, de o obter mais rapidamente e com menos esforço, apesar de implicarem maior risco: o tráfico de droga, o furto, a prostituição e o proxenetismo.

Independentemente de habilitações, todos preservam as suas tradições e cultura. Neste aspecto as associações têm tido papel relevante. Sem estarem em oposição às suas embaixadas, mantendo-se idependentes, só recebem colaboração das estruturas diplomáticas: a Associação Cabo-verdiana e as associações estudantis, como a Tabanca, da Guiné-Bissau, e a dos estudantes são tomenses, em Coimbra. Sede, só a Associação Cabo-verdiana tem, há alguns anos, e a Guineense termina as obras de construção da sua em Março próximo. A associação de Cabo Verde tem em funcionamento um restaurante que serve almoços e jantares diariamente, à quinta-feira com música ao vivo, promove encontros de índole cultural: concertos de música, lançamentos de livros e discos de artistas cabo-verdianos, ou sobre o arquipélago, debates e conferências. A ACRA, apesar de não ter sede, organiza, embora em menor escala, o mesmo tipo de encontros. A par das actividades culturais, a Associação Cabo-verdiana tem vários serviços sociais: apoio ao imigrante recém-chegado, informação e ensinamentos de cuidados básicos de saúde e planeamento familiar e formação profissional. Esta a vertente privilegiada pela Associação Guineense de Solidariedade Social, bem como a ocupação de tempos livres para a juventude, infância e terceira idade. Sendo objectivo comum, a estas associações, fomentar a amizade e o conhecimento da cultura da sociedade acolhedora e, a esta, a das suas culturas respectivas.

Maria José Belo Marques

Os *skins* atacam ao anoitecer

As agressões racistas em território nacional têm duas vertentes: as de carácter psicológico e as físicas. Não são de hoje, mas de sempre. A diferença actualmente reside no facto do aparecimento de grupos de jovens, professando a ideologia nazi, que de forma organizada se dedicam a actos de violência e crueldade extremas. Os *skinheads*, como se autodenominam à imagem dos seus congéneres internacionais, atacam preferencialmente de noite e quando são em maior número que os agredidos. As suas acções começaram a dar que falar, há cerca de dois anos, tendo em 1988 iniciado a sua escalada violenta. Existindo um pouco por todo o lado, é principalmente em Lisboa e no Porto que actuam.

Até ao assassinato do militante do PSR, José Carvalho, em Outubro de 89, as poucas notícias que vieram a lume na Comunicação Social não tiveram eco, nem tão pouco suscitaram qualquer investigação. Na altura, o então ministro da Justiça afirmou que «o mal vai acabar à nascença». Só que o fenómeno já tem dois anos de existência. Assim, e sem dados precisos, uma fonte da Polícia Judiciária afirmaria ao «DL» que antes do «caso PSR» já havia suspeita de cerca de 10 vítimas mortais dos *skins*, todas de raça negra, impedidas de apresentar queixa devido ao seu estado e, noutros casos, por medo. Também durante os anos de 88 e 89 fazem parte do rol de actividades deste grupo agressões a jovens *punks* à saída de concertos, dentro de salas de espectáculos, nas ruas do Bairro Alto, Cais do Sodré e à porta do Bar Oceano, onde, inclusivé, grupos de turistas espanhóis foram também suas vítimas. Um dos proprietários do referido bar, na época o actor João Grosso, foi violentamente espancado quando defendia um jovem de uma agressão dos cabeças rapadas, sendo posteriormente submetido a uma intervenção cirúrgica. Ataques a cidadãos estrangeiros houve mais, como em Janeiro de 89 ao grupo rock britânico Membranes. Racismo, para os grupos neonazis, não está só ligado a um conceito de raça, mas também a várias diferenças: ideológicas e de comportamento. Ainda antes do assassinato de José Carvalho, e como que antevendo o crescendo da violência, repórteres fotográficos foram ameaçados, num concerto realizado no Rock Rendez-Vous, com navalhas, caso não lhes entregassem os rolos onde, eventualmente, estariam fotos suas. Ameaças de morte e provocações a profissionais da Comunicação Social também fazem parte da sua prática, o que levou ao pedido de protecção policial por parte de jornalistas à saída de concertos onde sofreram provocações e as consequentes «esperas».

Depois do caso ganhar a importância que sempre teve, mas que lhe recusavam, as suas acções começaram a ser esporádicas em Lisboa. Há o receio da Polícia, obrigada a tê-los «debaixo de olho», e de grupos de africanos dispostos a fazer vingar o princípio bíblico do «olho por olho, dente por dente».

No entanto, no subúrbio lisboeta continuam, até hoje, a provocar distúrbios em estabelecimentos de ensino. Mas é no Porto que cresce a sua agressividade. Em Novembro de 89, um jovem negro é amarrado inconsciente numa linha férrea, e na passagem de ano dois africanos foram agredidos, um deles pelo simples facto de «ousar» dançar numa discoteca com uma jovem de raça branca sua amiga. O bar do músico Alexandre Soares foi completamente destruído e, ainda esta semana, aos gritos de «os *skinheads* não estão mortos», mais dois jovens foram suas vítimas.

Há dois anos os *skins* usavam como armas paus, pedras e tacos de *baseball*; depois passaram aos anéis de bicos irregulares e frasquinhos de ácido; finalmente, apareceram as navalhas e facas de mato. O que utilizarão a seguir?

M.J.B.M.

FORUM

As reformas que vêm do frio (I)

DO SOCIALISMO REAL PARA O CAPITALISMO UTÓPICO

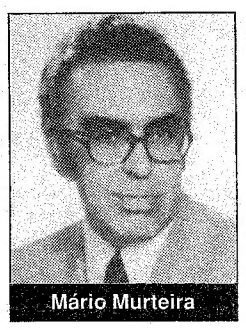
As transições em curso nas sociedades da Europa de Leste são complexas e diferenciadas, numa dinâmica auto-aceleratória que não se poderia interpretar apenas à luz de condicionamentos económicos. No entanto, em termos muitos gerais, a «adaptação estrutural» hoje tão comum em economias desenvolvidas e subdesenvolvidas doutras regiões do planeta, tem algo em comum com aqueles processos. Neste sentido: os imperativos da modernização tecnológica e das exigências de inserção apropriada no «mercado mundial» contam, sem dúvida, nas condicionantes das transformações dos sistemas económicos e sociais na Europa de Leste, tal como nos capitalismos desenvolvidos ou nas economias do Terceiro Mundo, ainda que - obviamente - as formas, ritmos e dimensões da mudança social se apresentem diferenciados nos diferentes subsistemas da economia mundial.

Pode dizer-se - de maneira certamente simplista mas, a meu ver, correcta no essencial - que a actual crise do (ontem) chamado «sistema socialista mundial» decorre do seguinte nexo causal.

A URSS carecia de profunda reforma do seu sistema económico, cada vez mais flagrantemente ineficiente e irracional no seu funcionamento. Mas *reconhecer* e *tentar reformas económicas* na condição *coeteris paribus* (mantendo iguais «as outras coisas») não seria suficiente para consegui-las, como a experiência soviética pós-estaliniana exuberantemente mostrava. Tornara-se evidente que a reforma económica pressupunha profunda reforma política, e a grande novidade da *perestroika* decorre simplesmente do reconhecimento de que sem democratização política não haveria reforma económica. Mas a democratização política - mesmo desencadeada de cima para baixo - se o é verdadeiramente, gera dinâmicas sociais que se alimentam a si próprias. Gorbachev poderá figurar na História como (mais um) aprendiz de feiticeiro: mas terá sempre a justificação (também histórica) de que não há feiticeiros de reformas profundas - isto é, os movimentos sociais podem não ser controláveis, ao menos a curto prazo, mas as reformas profundas não podem passar sem eles.

(Nós, em Portugal, sabemos bem disso: a Constituição de 76 só se explica pelo amplo movimento social dos anos anteriores. Ainda que depois disso, é claro, o movimento tenha secado e, nalguma medida, a Constituição também).

Nesta perspectiva se compreendem duas características essenciais da actual «revolução» soviética: é, em última análise, o poder estabelecido que liberta as forças antipoder, estabelecendo-se entre elas uma dialéctica que pouco ou nada tem a ver com a clássica (na teoria e na prática) dialéctica da luta de classes; não há referência (modelo) explícita como alvo da mudança acelerada que se instala na URSS. Estamos pois muito longe de qualquer discurso sobre o «proletariado redentor, conivente da História que será parteira do comunismo». Por ironia da mesma História até se poderá dizer que o «proletariado» feito poder pela Revolução de Outubro estará agora sobretudo interessado em copiar do capitalismo as melhores receitas do progresso técnico, da eficiência produtiva, da concorrência geradora de inovações. É uma transição do *socialismo real* para o *capitalismo utópico* (isto é, o «mercado» mitificado) que parece esconder-se sob legítimas aspirações à democracia política. Uma transição que ninguém teorizou nem previu...


Mário Murteira

Ainda nesta perspectiva, é também evidente que a relação da URSS com os seus ex-satélites se torna (ainda às avessas do *status quo ante)* não paralisadora da mudança mas antes sua dinamizadora. Porque carece disso para legitimação do seu próprio processo; e porque já não haveria força para ser doutra forma. A URSS exporta agora revoluções para o *interior* do seu sistema hegemónico (já não para o *exterior)* e num sentido que (ainda) não se sabe bem se é de reconexão pura e simples no sistema capitalista mundial ou se é, tendencialmente ao menos, gigantesca experimentação social em busca dalgum pós-capitalismo distinto do «modo de produção estatal» que se instalara na URSS em nome do socialismo e hoje se desfaz em pedaços.

Mas, no momento em que escrevo estas linhas (e, na vertiginosa aceleração da História que vivemos, sabe-se como cada «momento» abre novas perspectivas sobre o «momento» seguinte), parece claro que o destino da URSS não será mais solidário do destino das outras «democracias populares» europeias que só o foram por causa e enquanto durou a hegemonia soviética na Europa Oriental.

Este simples facto altera radicalmente os cenários possíveis sobre o futuro da economia mundial. Para onde tende a (des) União das Repúblicas (ex) Socialistas e (ex) Soviéticas?

E qual será o destino da Europa integrada com a Alemanha unificada e as economias de Leste, saídas do defunto Comecon, reinseridas na ordem capitalista mundial?

Em suma, dois grandes (enormes) problemas se podem colocar, em termos de incidências na economia mundial dessas *reformas que vêm do frio*, do frio quer no sentido literal e climático quer no sentido (mais profundo) do vento gelado que sopra do moribundo sistema do socialismo real.

Uma questão respeita à transformação do sistema de relações económicas internacionais, na época pós URSS. Outra questão é o destino da integração económica europeia, agora inesperada e necessariamente ampliada à Europa Oriental.

Algumas pistas exploratórias de reflexão sobre estas tão perturbadoras como aliciantes questões serão objecto de próximas crónicas.

público e privado

O HOMEM DESCOBRIU FINALMENTE QUE A VIDA É PRECIOSA

Gostaria de chamar a vossa atenção para dois fenómenos. O primeiro diz respeito às revoluções que estão a acontecer na Europa de Leste. Os regimes comunistas que se mantiveram durante tantos anos no poder, por meio do terror, estão a ser rechaçados pelos movimentos colectivos populares. E sem violência nem vinganças. Os velhos dominadores que sujaram as mãos com crimes horríveis, não são mortos mas processados. São apenas postos de parte, passados à reforma, mantendo-se-lhes, em geral, todos os direitos cívicos.

No passado, as revoluções eram violentas, sangrentas, seguidas por depurações, vinganças, processos. A mudança deu-se com a revolução de Portugal, dita dos cravos, porque o povo ornamentava com cravos os canos das espingardas dos militares. Também a passagem do regime de Franco para a democracia foi pacífica e incruenta. Estamos diante de algo absolutamente novo na História. Perante uma extraordinária conquista cívica.

Contemporaneamente - e este é o segundo fenómeno para que chamo a vossa atenção - começámos a já não entender a guerra, a só dela colher a faceta cruel, insensata, dolorosa. Nos filmes de guerra, despedaça-se-nos o coração ver os soldados correrem para a luta e tombarem ensanguentados. Mesmo que nos sintamos imersos no filme e no seu enredo, a nossa atitude não poderá deixar de ser a de um certo afastamento e mesmo de piedade por estas vidas truncadas sem um verdadeiro motivo ou por motivos que hoje nos parecem fúteis.

É uma concepção diferente da morte, das relações entre morte e história, entre morte e verdade. Começámos a refutar a ideia que durante milénios dominou a humanidade, segundo a qual a morte é necessária para edificar as sociedades, para que se afirmem os seus próprios valores. Na Idade Média cristã, como na Genebra de Calvino, como na Revolução Francesa, russa, como durante o estalinismo, os heréticos eram torturados e mortos. Para que o pensamento fosse destruído, destruía-se o homem que o encarnava. Assim, a História transformou-se num imenso matadouro. Matadouro de homens para que se calassem as ideias. A vida humana, apesar dos discursos em contrário, nada valia.

Francesco Alberoni

Só agora as coisas estão a mudar. Só agora começamos a pensar que os homens devem viver qualquer que seja a sua ideologia. Porque podem aprender, renovar o seu pensamento, mudar mesmo. Os comunistas húngaros e polacos não são os mesmos que eram. No lugar do homem monolítico, encontra-se agora o homem mutável, proteu.

A vida humana nada valia porque era breve. Ainda hoje os jovens estão dispostos a desfazer-se dela porque não a conhecem, não tiveram que defendê-la, ano após ano, dos perigos, das ameaças do mal. Não tiveram que se responsabilizar por outras vidas, pela felicidade de outras pessoas. Mas a vida é preciosa também através da cultura, do saber, da consciência das extraordinárias possibilidades de renovo que a cada um são concedidas.

Assistimos não só a uma mutação cultural mas também biológica. A natureza tem desperdiçado vidas constantemente. Milhões de mutantes para que um só sobrevivesse, milhões de ovos para que um só animal pudesse chegar a adulto. E prosseguimos com o mesmo método durante milhares de anos, destruindo milhões de vidas.

Só há poucos decénios nos começámos a desvincular desta terrível escravidão natural, substituindo a destruição física pela experiência mental. A democracia fundamenta-se na inteligência, no confronto de ideias, na pesquisa colectiva, dialéctica, das melhores soluções. E cada solução é considerada reversível, exactamente como acontece na Ciência. Podemos rever posições, mudar de ideias. A tentativa mal sucedida, o erro, transformaram-se em fontes de conhecimento. Tudo é possível. A experiência, o saber acumulado tornam-se assim preciosos. A pluralidade das inteligências, das perpesctivas é preciosa. A vida é preciosa. Esta é a grande novidade, a grande transformação, a grande notícia. Encerra-se uma época histórica, uma nova se abre.

Exclusivo «DL»/ «Corriere della Sera»
(trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

DOSSIER POLÉMICO: A IRRADIAÇÃO DOS ALIMENTOS

Entre as medidas que a Comissão das Comunidades considera indispensáveis para a livre circulação das mercadorias até 31 de Dezembro de 1992 consta uma directiva acerca da irradiação de alimentos, cujo conteúdo se centra nos seguintes aspectos:

• Limitar a irradiação a uma série de produtos (morangos, papaias, mangas, frutos secos, hortofrutícolas, vegetais desidratados, bolbos e tubérculos, ervas aromáticas, especiarias e condimentos, gambas e lagostins, flocos de cereais, aves de capoeira, coxas de rã e goma arábica);

• Limitar as doses máximas de irradiação autorizadas até aos 10 KGy (a medida de energia recebida por um produto exprime-se em grays ou em rads; um gray é igual a 100 rads-Radition Absorbed Dose);

• Imperativo de que os alimentos irradiados estejam convenientemente etiquetados. Em princípio pensou-se autorizar a utilização de um símbolo ou logotipo para identificar os alimentos submetidos à radiação, mas parece que esta ideia foi abandonada a favor de que se ponha uma expressão de advertência;

• Controlo obrigatório das instalações da radiação, que deverão contar com autorizações prévias, bem como ser objecto de inspecções oficiais.

Se bem que a irradiação de alimentos seja bem acolhida pela FAO, OMS e o Food and Drug Administration, esta directiva é tão controversa entre cientistas e defensores dos consumidores quanto o projecto da União Monetária divide Paris e Londres. No plano dos princípios as vantagens eclipsam os inconvenientes. O que se pode lamentar é que o debate não seja confrontado com os principais dados fidedignos e rigorosos dos prós e contras. É, em síntese, esse o objectivo do trabalho em que nos pretendemos associar às comemorações do Dia Mundial dos Direitos do Consumidor.

Porquê irradiar os alimentos

A energia ionizante, cuja forma mais corrente é a radiação gama proveniente do cobalto 60 ou do césio 137, destina-se a prolongar a duração de conservação dos alimentos. Trata-se de um processo simples. Os alimentos são colocados numa linha transportadora em contentor hermético e encaminhados para uma câmara de paredes espessas onde se encontra uma fonte de radiação ionizante. Esta sai do seu recinto protector e os raios gama atravessam os alimentos e a sua embalagem. A dosagem requerida está pré-estabelecida bem como a duração de todas as operações.

A radiação ionizante permite a desinfecção de determinados frutos e legumes frescos, nozes e leguminosas bem como o atraso no amadurecimento de frutos (e está-se a pensar em frutos tropicais e subtropicais).

Doses médias de radiação, de 1 a 10KGy, inactivam os organismos responsáveis pela deterioração dos alimentos. É também possível eliminar ou tornar inofensivos muitos organismos patogénicos, como a salmonela que contamina a carne (especialmente o frango), a triquinose que afecta o porco e os estafilococos. As investigações demonstraram que o frango irradiado logo no matadouro conserva-se três semanas sob refrigeração; a duração de conservação do peixe pode atingir os 25 dias e os morangos 10 dias.

Observe-se que a conservação não convém para todos os tipos de alimentos: alguns perdem a cor, outros amolecem ou mudam de gosto ou de textura e exigem outros tratamentos.

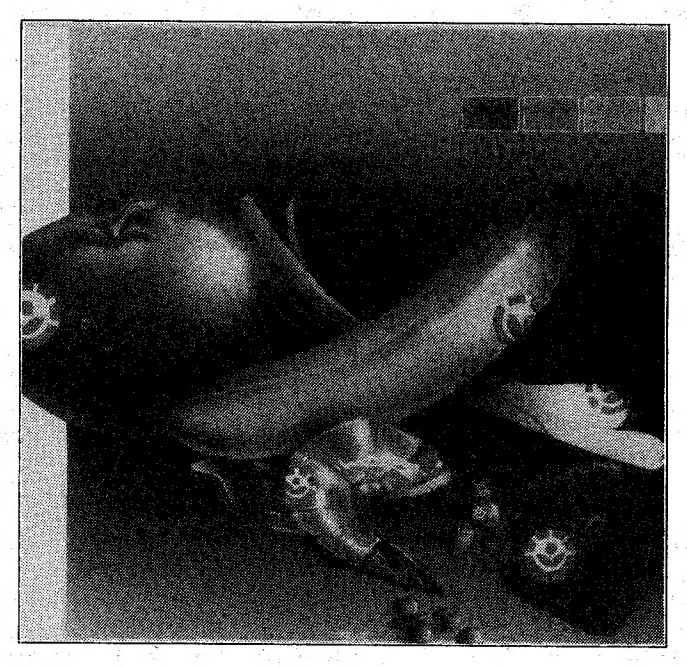
Foi de certa forma o relatório conjunto FAO/Agência Internacional de Energia Atómica/OMS, de 1981, que deu luz verde à irradiação em alta escala. Neste documento, fazia-se a menção especial de que a irradiação não significa, em caso algum, a contaminação por radioactividade e que as doses de radiação autorizadas são muito baixas e não implicam riscos para o consumo humano.

Os cientistas nunca omitiram que a simplicidade e inocuidade do tratamento não significa que não se estabeleçam controlos severos. E no estudo citado refere-se concretamente «a necessidade de prosseguir as investigações com o objectivo de que se procurem conhecer melhor os efeitos da irradiação dos alimentos e se facilitem assim as futuras avaliações.

Argumentos pró e contra

Comece-se por um dos pontos mais controversos. É contraditório, como se lê numa revista de consumidores, dizer-se que o tratamento da irradiação não se detecta e simultaneamente acusa-se a irradiação de deteriorar os alimentos.

Uma organização de consumidores interroga-se se é a irradiação realmente necessária, já que *não parece* apresentar vantagens sobre os métodos actuais de tratamento e conservação dos alimentos. O *não parece* é gratuito, visto que é um ponto de vista contrário a um parcer do Comité Misto FAO/OMS, de 1983, onde se diz que os alimentos se irradiam para conservá-los, detendo a acção dos fungos e bactérias que causam a sua deterioração, não se produzindo acções nocivas para os consumidores e registam-se apenas perdas muito ligeiras no tocante aos aspectos organolépticos. Acrescente-se ainda que a irradiação evita o recurso aos tratamentos químicos potencialmente perigosos, como a utilização de óxido de etileno ou do dibrometo de etileno, nalguns alimentos. Isto para não dizer que o processo de irradiação é economicamente muito vantajoso.



A directiva da Comissão das Comunidades obrigou à etiquetagem dos alimentos irradiados

Idêntico raciocínio se podia ter quando se põe em causa a segurança das instalações onde se proceda à irradiação já que, no mínimo da coerência, haveria necessidade de comparar os riscos para as populações circundantes, tanto para os métodos de irradiação como a aplicação de métodos químicos.

Concorda-se em absoluto com a atitude crítica das organizações de consumidores quanto ao direito a uma boa informação pela rotulagem, saber-se qual o tipo de tratamento a que o alimento foi sujeito, conhecer os prazos de validade e poder conferir as incidências do processo de conservação no custo do produto final.

Só que não se pode encarar este direito à informação como uma norma discriminatória. Saber que alimento foi irradiado e que teve eventuais perdas de qualidade (como a destruição de vitaminas) é importante. Todavia, o mesmo deveria ser obrigatório para qualquer outro tipo de conservação dos alimentos. Porque é que nos outros tipos de conservação não é mencionado haver perdas de qualidade alimentar? E porque não se informar no rótulo do alimento irradiado dos efeitos benéficos da irradiação pela sua acção bactericida (por exemplo, no caso da salmonela) já que não existe outro processo de conservação com os mesmos efeitos?

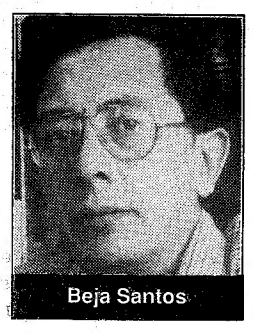
É certo que há uma «fraqueza» implícita à irradiação: continua a não haver uma técnica simples que permita detectar que um produto tenha sido irradiado. Embora se pudesse contrapor que isso também acontece com outros processos de conservação (sobretudo os de natureza química) reconhece-se que essa «fraqueza» reforça o ponto de vista daqueles que reivindicam um controlo severo das exportações.

É desprovida de sustentação científica, além disso, a crítica que utiliza os seguintes argumentos:

• A irradiação pode produzir modificações químicas que irão comprometer não só a sua aceitabilidade pelo consumidor na sequência de alterações das propriedades organolépticas, mas também afecta a composição em elementos nutritivos (a irradiação leva a uma perda sobretudo das vitaminas A, E, C, B6 e B12, embora nalguns casos tais perdas sejam comparáveis ao que se passa na congelação);

• Importa que se dê uma grande prioridade à segurança. Já que pode haver uma utilização fraudulenta para ocultar a deterioração de alimentos graças ao tratamento com energia ionizante (por definição, o primeiro objectivo da irradiação é tratar alimentos em bom estado).

Concorda-se com as sugestões da cooperativa dos consumidores bascos «Eroski», segundo as quais a Administração, face a uma previsível harmonização legislativa até 1992, deverá chamar a si os seguintes cometimentos: difundir a lista dos alimentos irradiados autorizados; exigir uma rotulagem informativa; reforçar a segurança, proibindo drasticamente a comercialização como irradiados dos alimentos que tenham sofrido processos de deterioração; exigir às empresas que facultem todos os dados que contribuam para o desempenho da inspecção sanitária, designadamente o conhecimento de análises, as doses de radiação e os efeitos investigados da irradiação sobre os nutrientes; um amplo programa de sensibilização de formação e informação do consumidor.



Beja Santos

O que são os raios gama?

Apesar de serem dos pontos mais controversos do consumo, cerca de 35 países já se declararam favoráveis à irradiação e dentro desta lista estão alguns dos mais exigentes com a saúde dos consumidores (EUA, Canadá, Dinamarca, Países Baixos, Noruega...).

A OMS mantém a tese de que a irradiação é um processo fiável e que se justifica por várias razões: limita a extensão das doenças transmitidas pelos alimentos, destruindo os organismos patogénicos que os contaminam; reduz a deterioração dos produtos, detendo ou atrasando o processo de putrefacção; elimina ou esteriliza as pestes, os parasitas e os microrganismos patogénicos.

Os raios gama utilizados na irradiação pertencem (tal como a luz solar, as microondas e os raios X) à categoria das radiações electromagnéticas. Estando definido como uma forma de energia que se desloca no espaço, a radiação electromagnética divide-se em dois grupos fundamentais: as radiações ionizantes e as não ionizantes. O grupo das radiações ionizantes, à qual pertencem os raios gama e os raios X, caracteriza-se por um comprimento de onda mais curta que a das radiações não ionizantes. Dotadas de uma importante quantidade de energia, as radiações ionizantes atravessam as células dos tecidos vegetais, animais e humanos. É uma energia que permite produzir iões, isto é, átomos carregados electricamente. As radiações não ionizantes possuem uma energia muito mais fraca (são incapazes de romper os átomos e libertar electrões). Sabem que os raios gama e os raios X pertencem ao mesmo grupo e possuem sensivelmente as mesmas propriedades, distinguem-se pelo respectivo comprimento de onda. Os raios gama possuem um comprimento de onda mais curto e dispõem de uma energia maior. Os raios gama têm, por consequência, um poder de penetração superior ao dos raios X.

Urgindo concluir, recorde-se que os temores dos consumidores são habilmente explorados por aqueles que associam alimentos irradiados à radioactividade e a não comprovadas formas de toxicidade. Parecenos que o projecto de Directiva posto à discussão em 1988 lança bases equilibradas para o debate já que faz depender o tratamento e a comercialização de alimentos irradiados de: necessidade tecnológica justificável; reduzir a incidência de doenças e os desperdícios prejudiciais para as plantas ou produtos vegetais.

Mas conforme se escreve no livro «A irradiação de alimentos — uma técnica para conservar e melhorar a salubridade dos alimentos», editado conjuntamente pela FAO e OMS, em 1989, «As pessoas e os organismos que estão já convencidos do grande interesse da irradiação dos alimentos como meio de reduzir as perdas alimentares e de prevenir as toxinfecções estão, como é óbvio, desejosos de ver um desenvolvimento rápido desta técnica. Para muitos, as vantagens da técnica constituem um poderoso argumento a favor. Mas é capital não esquecer que o consumidor não está mais disposto a aceitar passivamente este tipo de alimentação e tende a participar plenamente em todas as decisões referentes à irradiação dos alimentos.

Ele reclamará, sem dúvida, uma informação completa e circunstanciada no tocante ao fundamento científico da utilização das radiações ionizantes e exigirá que os alimentos irradiados disponham de uma etiquetagem clara. Os países que encaram adoptar esta técnica ou desenvolverem o seu emprego devem estar dispostos a procurar uma participação activa dos consumidores neste objectivo.»

POLÍTICA

José Miguel Júdice ao «DL»:

Apoio a Mário Soares tem riscos políticos

José Miguel Júdice é militante do PSD desde os anos 80. Aderiu à liderança de Sá Carneiro e «não às linhas programáticas do partido». Foi dirigente da distrital de Lisboa do PSD e membro do Conselho Nacional, mas, como afirma, « nunca quis um cargo político nacional». É um analista político, uma figura jornalística muito em voga com o parecimento de novos jornais semanários.

Ele próprio foi sócio fundador do jornal «Semanário» donde viria a sair há cerca de ano e meio. Abandonou a distrital de Lisboa em conflito aberto com Pedro Santana Lopes.

Apoiou Soares Carneiro na eleição contra Ramalho Eanes, nas últimas presidenciais previu a vitória de Freitas do Amaral.

Desta vez subscreve a atitude de Cavaco Silva ao anunciar o apoio, implicito, a Mário Soares, mas mantem reservas.

Fez parte do grupo maioritário que deu a vitória a Cavaco Silva na Figueira da Foz, embora defenda o posicionamento político-cultural da distrital de Lisboa. O DL foi ouvi-lo ao escritório, entre duas audiências de advogado.

DL - *O José Miguel Júdice tem transferido a sua actividade política para as páginas dos jornais. Há quem diga no seu partido que, em determinadas alturas, «se pôe em bicos dos pés», está a pensar voltar à política?*

JMJ - Tenho estado voluntariamente afastado da actividade política. Nem sequer me candidatei para delegado ao Congresso. Sou militante e como tal continuo interessado e preocupado com o PSD, com as questões de carácter ideológico, programático e estratégico.

Tenho a tranquilidade de quem está equidistante, mas não indiferente, à evolução política do partido. Já sou quase um velho militante do PSD. Nomes com grande destaque neste Governo, nomeadamente Dias Loureiro e Fernando Nogueira, entraram na mesma altura que eu, nos anos 80. Nunca aceitei fazer política a nível nacional. Nunca quis ser político profissional. Entendo que os deputados e os membros do Governo devem ser políticos profissionais. Repare, quando se realizaram as eleições que deram a primeira vitória a Cavaco Silva eu estava à frente da distrital de Lisboa. Participei, como é evidente, na elaboração das listas dos deputados, mas não me candidatei a um lugar na Assembleia da República.

DL - *O que pensa dos militantes do PSD, que assumindo cargos como o de deputado, continuam a exercer a sua profissão?*

JMJ - É importante para o PSD que os seus dirigentes não dependam do Estado. A minha relação com o Estado é única e exclusivamente a de pagar impostos. Há neste momento poucos dirigentes do PSD nessas circunstâncias. A não dependência de cargos de gestão pública, ou outros, permite aos dirigentes políticos maior liberdade de acção.

DL - *Você já foi da distrital de Lisboa. Como vê a política crítica desta estrutura em relação ao Governo e à direcção do PSD?*

JMJ - A distrital de Lisboa é, como sempre foi, a consciência crítica do PSD, o grilo falante (a consciência crítica do Pinóquio). E isto acontece porque os grandes interesses que se mexem na política em Lisboa não necessitam de ir à Rua da Conceição. Antes iam directamente à rua Buenos Aires, agora vão à nova sede do PSD... como é que se chama?

DL - *Rua de São Caetano...*

JMJ - Isso. Enquanto estive na distrital de Lisboa nunca tive de recusar um favor porque nunca mo pediram.

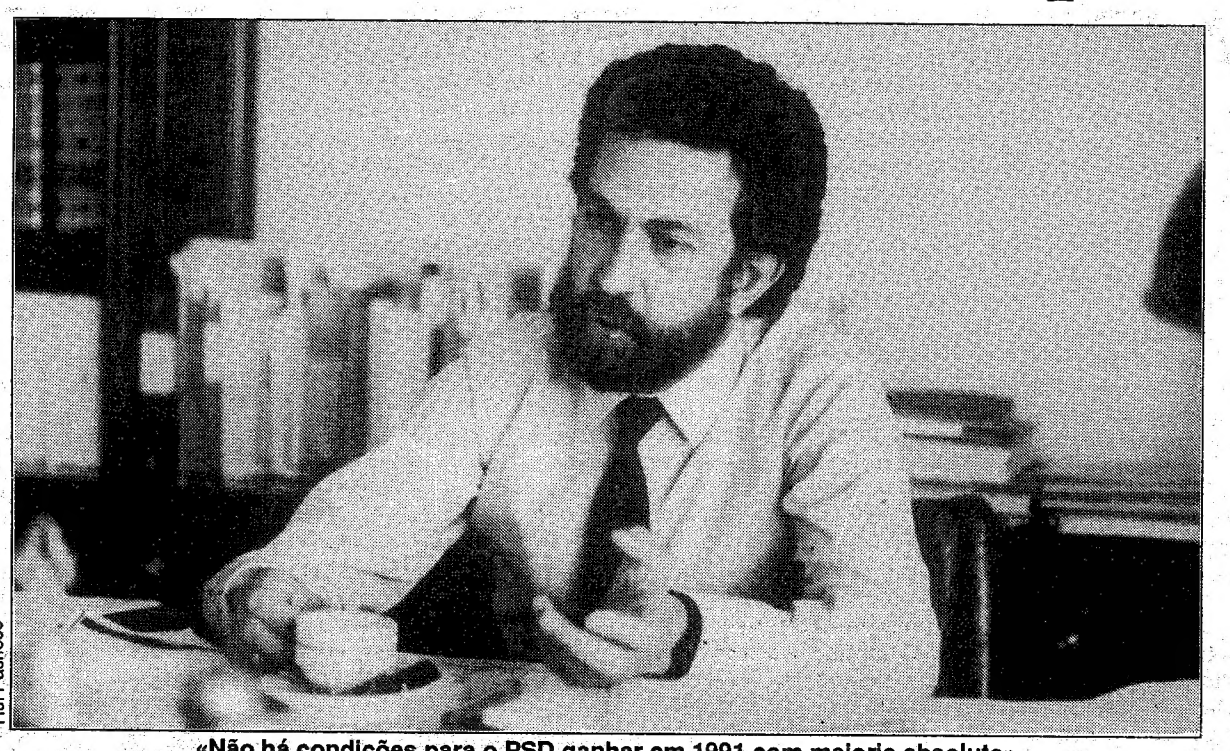
DL - *Como interpreta o aparecimento de duas moções de estratégia críticas, vindas de estruturas tradicionalmente rivais, Lisboa e Porto?*

JMJ - Saúdo as moções de Lisboa e do Porto, pelo contributo que vão dar ao Congresso. A distrital de Lisboa tem uma linha de intervenção político-cultural, mantendo-se coerente com o que sempre defendeu. O Porto tem um texto mais político-interventor. É bom ver defender posições que, em tempos, eu próprio tive de defender sózinho. Quando aderi ao PSD disse, claramente, que aderia ao partido e não aos seus princípios programáticos. É uma das questão levantadas pela distrital do Porto, que considera ultrapassado o programa do PSD. Eu não aderi à social-democracia como via para o socialismo, que é a posição defendida pela distrital de Lisboa em relação à revisão do programa. Sempre defendi que o PSD devia ter uma ideologia mobilizadora e não uma ideologia reaccionária, mas também disse que os social-democratas deviam liderar uma metade da direita no País.

DL - *Considera, então, que uma parte da direita está descontente com o PSD?*

JMJ - Toda a gente. Preocupa-me o conflito gratuito, baseado na incompetência, com a Igreja Católica. Se o PS quisesse decidir o que o PSD devia fazer em matéria de televisão para a Igreja não teria conseguido tanto. Os erros cometidos pelo Governo, nesta matéria, são mais do que a imaginação preversa da oposição poderia esperar.

DL - *Acha que a proposta do Governo não cumpre a promessa à Igreja?*



Rui Pacheco

«Não há condições para o PSD ganhar em 1991 com maioria absoluta»

JMJ - Não responde ao compromisso assumido, nem às deliberações tomadas pela AD, que apontavam para a atribuição de um canal à Igreja. Por mais que diga o contrário, o que é facto é que o Governo mudou hipocritamente de opinião.

DL - *Mas o facto de o PSD ter prometido um canal não obriga a que seja um canal público, o 2º Canal...*

JMJ - Pois não... Mas há um poderoso *lobby* que se centra na RTP que tem conseguido manter os dois canais públicos de Televisão. Basta ver a forma despudorada como a RTP está a agir, para proteger os dois canais em poder do Estado. Penso que não tem lógica a existência de um canal público de televisão, quanto mais dois.

DL - *E porque não um canal privado só para a Igreja, com as devidas responsabilidades económicas?*

JMJ - Mas não foi isso que o Governo propôs. A proposta era obrigar a Igreja a associar-se a outro grupo no terceiro canal.

DL - *Essa atitude do Governo não será uma tentativa para resistir às pressões da Igreja e dos empresários, que querem os dois canais livres?*

JMJ - É uma posição de tal forma preversa que conseguiu virar contra o Governo toda a gente. Cavaco Silva teve a habilidade extrema de sair deste problema da pior forma possível. É tão mau um Governo que governa contra todos, como aquele que tudo faz para ter o apoio unânime. No início, o Executivo de Cavaco Silva estava completamente apático, para não desagradar e manter o «estado de graça». Agora, parece tomado de uma fúria patológica, de quem quer perder os votos de toda a gente.

DL - *Quer isso dizer que não acredita numa segunda maioria absoluta em 1991?*

JMJ - Já defendi, em tempos, a lógica de um Governo com maioria absoluta, mas preocupa-me a estratégia de defesa dessa maioria, porque no quadro actual é impossível de conseguir. Uma estratégia radical e absolutista é perigosa, porque não prevê soluções para o País caso se verifique um resultado diferente, isto é, se o PSD perder a maioria absoluta em 1991. Foi o que aconteceu com o Partido Socialista liderado por Almeida Santos. Ele pedia a maioria absoluta e as pessoas não votaram nele, porque sabiam que não ia conseguir e não tinha soluções.

DL - *Parece consensual dentro do PSD considerar politicamente correcta a posição de Cavaco Silva em relação às presidenciais. Qual é a sua opinião?*

JMJ - Apoiei a decisão do primeiro-ministro, embora lhe tenha explicitado os riscos que corria...

DL - *Que riscos?*

JMJ - A criação de um bloco sólido à direita do PSD, que se pode transformar em votos contra o partido nas eleições de 1991. Além disso, Cavaco Silva fica desarmado em relação à capacidade de Mário Soares para gerir a situação eleitoral que sair das eleições legislativas. Se o PSD perder a maioria absoluta e o dr. Mário Soares apoiar a constituição de um Governo maioritário PS/CDS, o prof. Cavaco Silva fica sem margem de manobra porque apoiou o Presidente. Não pode fazer nada.

DL - *Mas, em contrapartida, também poderia tirar vantagens, porque nesse caso seria o Presidente a ficar com o ónus de uma experiência que já deu maus resultados no passado?*

JMJ - O PSD mudou a sua natureza. Houve uma altura em que defendi que o PSD precisava de uma cura de oposição. Verifico hoje que o Partido Social Democrata se transformou num dos partidos mais conservadores da sociedade portuguesa. Temo que a cura de oposição, dada a fragilidade do tecido, já não cure o doente. O afastamento do poder pode ser fatal. Grande parte dos quadros social-democratas já não sabem viver sem o poder político e receio que não estejam à altura de acompanhar o prof. Cavaco Silva, ou outro líder, nos momentos difíceis. A carreira política tem sido feita do Estado para a política e não da política para o Estado. Uma derrota eleitoral equivaleria à perda do poder e uma boa parte dos quadros que constituem o núcleo dirigente do PSD podem de repente chegar à conclusão que têm de ser coerentes, ou seja, têm de continuar a ser governentes independentemente do partido.

DL - *Não será a passagem pela oposição uma forma de expurgar esses elementos?*

JMJ - Temo que com a água da lavagem vá o bébé. Com o prof. Cavaco Silva pode ir o PSD.

DL - *Há gente que está à espera das eleições de 1991 para ascender à liderança do partido. O eng. Álvaro Barreto, por exemplo, na sua opinião, tem condições para suceder a Cavaco Silva?*

JMJ - Não tenho dúvidas que há muitos candidatos para a liderança do partido à espera de 1991. Quanto a Álvaro Barreto, creio que está à espera desse cenário, mas esta suposição é mero futurologismo.

DL - *A Juventude Social Democrata, no último Congresso, em Tróia, defendeu a restruturação das Forças Armadas, consideradas pouco eficazes para o País. Qual é a sua posição sobre esta matéria?*

JMJ - Congratulo-me. Preocupa-me a falta de inovação do discurso político-estratégico do PSD. Numa altura em que se fala no descongelamento militar no Leste e quando os Estados Unidos e o Reino Unido estão a pôr em prática uma política de redução das despesas militares, em Portugal a estrutura militar é cada vez mais pesada. A integração de Portugal na Comunidade Europeia levanta-nos outros desafios, que não são de natureza militar. O nosso relacionamento com a Espanha passa pela resolução dos problemas no quadro comunitário.

Há algum tempo que defendo a realização de um debate sobre a redução das despesas militares e dos quadros das Forças Armadas, ainda que pagando reformas elevadas àqueles que vão para casa. Entre os quadros médios militares há muita gente de elevada qualidade que, sendo útil ao País, tem uma actividade inútil.

Mas a restruturação deve alargar-se também às infraestruturas militares. É inconcebível que, num país onde se estão a privatizar importantes empresas, não se privatizem também as estruturas militares sub-aproveitadas.

DL - *Curiosamente, o ministro Fernando Nogueira acaba de defender o redimensionamento das Forças Armadas, como uma forma de racionalizar os encargos no sector. Qual é o seu comentário?*

JMJ - Aí tem uma excelente decisão. Ainda bem que já houve uma resposta pela parte do Governo. Espero que as declarações de Fernando Nogueira signifiquem na prática a redução substancial dos quadros militares já durante este ano. E não seja uma forma de abordar o assunto adiando a sua resolução durante anos.

DL - *Disse no início desta conversa que não queria voltar à política, mas continua a intervir politicamente no seu partido da forma mais fácil, de fora...*

JMJ - Intervenho na política da foma que me dá mais gozo. E garanto-lhe que não o faço para ter um lugar. Com Cavaco Silva ou com outro líder, não vou voltar à vida política activa tão cedo.

Maria João Rocha

BREVES

Estados Unidos: rendição do embaixador em Lisboa

Everett Ellis Briggs deverá em breve assumir as funções de embaixador dos Estados Unidos em Lisboa. O diplomata, que já chefiou as missões norte-americanas nas Honduras e Panamá e desempenha actualmente o cargo de assistente especial para os assuntos de segurança, foi já nomeado por George Bush, decorrendo neste momento a fase de audições ao Senado, segundo apurou o «DL».Briggs substitui Edward Rowell, há dois anos como embaixador, depois de ter exercido as funções de encarregado de negócios, também em Portugal. A cerimónia de despedida realiza-se ao fim da tarde de hoje, com a presença do ministro do Ambiente, Fernando Real.

PS preocupado com inflação

O PS está preocupado com a taxa de inflação registada em Fevereiro. À taxa mensal de 2,3 por cento juntou-se o facto da taxa média em termos homólogos já ter ultrapasado os 13 por cento e estar acima da média anual. É ainda o Partido Socialista que defende a criação de uma comissão parlamentar para os direitos e participação das mulheres visando a recuperação da Comissão para a Condição Feminina. Nos Açores, o PS local vai propor à Assembleia Regional a criação de uma comissão de inquérito à gestão da empresa ZOFRAM, criada para a gestão da zona Franca de Santa Maria.

Ramiro Moreira não é extraditado

O Tribunal de Madrid negou a extradição de Ramiro Moreira, pedida pelo governo português, por implicação na denominada «rede bombista». O tribunal alegou falta de bases jurídicas e decretou a sua libertação definitiva. A sentença, datada de 7 do corrente, considera que «o roubo de automóvel não é motivo para extradição», o mesmo acontecendo com a falsificação de matrículas de viaturas e a passagem de cheques sem cobertura, «por não estarem incluídos no artigo 3º do Convénio de extradição».

Nogueira quer um núcleo de reflexão estratégica

O ministro da Defesa anunciou a criação de um Núcleo de Reflexão Estratégica com o objectivo de «analisar a evolução da conjuntura interna e externa» para «garantir o correcto posicionamento nacional e as adequadas medidas de âmbito interno». Fernando Nogueira avançou com esse organismo ao empossar o secretário-geral do Ministério da Defesa, Luís Bettancourt, e o presidente do Conselho de Ciências eTecnologia da Defesa Nacional, vice-almirante Abílio Cruz.

PC discute projecto sobre freguesias

O projecto de lei do PCP sobre o regime de competências e meios financeiros das freguesias foi ontem discutido na Assembleia da república por cerca de duas centenas e meia de elementosda Juntas. A iniciativa prevê prevê «o aumento de competências para o reforço do poder local» .

EDITAL

N.º 38/90 Sec. Pat

Câmara Municipal do Concelho de Oeiras

Isaltino Afonso Morais, licenciado em Direito, presidente da Câmara Municipal de Oeiras

FAZ PÚBLICO que esta Câmara Municipal, em sua reunião de 24 de Janeiro último, deliberou proceder à desafectação do domínio público e integração no domínio privado municipal, de uma parcela de terreno com a área de 4,20 m2, a que foi atribuído o valor de 40 700$00, situada na Rua Luciano Cordeiro, em Linda-a-Velha, que confronta a Norte e Poente com terreno do domínio público e a Sul e Nascente com lote 16 — (n.ºs 1 e 1-A), destinada a ser ocupada, a título precário, com a ampliação de uma loja existente na rua acima indicada, n.ºs 1-A e 1-B.

Poderão as pessoas que se sentirem prejudicadas apresentar as suas reclamações por escrito, durante o prazo de 30 dias, a contar da data da afixação do presente Edital.

E para constar se passou o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Oeiras, 6 de Março de 1990
O Presidente da Câmara,
Isaltino Afonso Morais.

POLÍTICA

Gamistas sem lista abrem caminho a João Soares

Está fora de causa a apresentação ao próximo Congresso dos socialistas de uma moção da ala afecta a Jaime Gama, entretanto encarregado da pasta dos Negócios Estrangeiros no «gabinete sombra» do PS. A oposição interna à direcção do Partido Socialista viu-se desta maneira desfalcada de um sector importante, ainda que perdedor, quer pela oposição à lista «Por Lisboa», liderada por Jorge Sampaio nas últimas autárquicas, quer pelo anterior alinhamento com Vítor Constâncio.

«O facto de não aparecer uma lista gamista com uma moção nacional a suportá-la, nas primárias do próximo Congresso, não significa que não possam ir a votos, dentro das secções, duas ou mais listas de apoio à moção de Jorge Sampaio», disse ao DL fonte socialista, citando exemplos pretéritos deste género de actuação política.

A minoria unida em torno de João Soares prepara-se para apresentar moção nacional e global própria, sem todavia pôr em causa a liderança do Partido Socialista, mais no sentido de esconjurar unanimismos pretéritos que, no tempo de Vítor Constâncio, acabaram por deixar o partido menos bem visto pela opinião pública.

O poder no horizonte

Como os gamistas reconhecem, a hora é de unir o PS e de preparar a alternativa de Governo que a liderança de Sampaio e os erros sucessivos de Cavaco Silva colocaram ao alcance de mão, em futuras eleições legislativas.

Fora dos horizontes estão as querelas, quando o objectivo é o poder Executivo, mais ou menos à mão de semear, consoante os socialistas, mas mais próximo que todos imaginavam há um ano, depois do triunfo de Cavaco Silva num Julho de 1987 que parecia ter dado Governo para dar e durar.

Para já, a minoria liderada por João Soares conta com o

João Soares prepara moção

trunfo de ter apostado numa tese vencedora, a da aliança com o PCP na lista «Por Lisboa», ajudando assim uma paráfrase interessante do Malraux de há muitos anos: «os partidos doentes curam-se com vitórias». Com moção para separar águas que o triunfo uniu, mas sem colocar em causa Jorge Sampaio, pode avançar e - dizem os mais sarcásticos - tem o dever de o fazer, porque o próprio líder está longe de desejar reuniões soviéticas de antes de Gorbachev.

João Isidro

PSD/Açores não deve dar luz verde ao voto secreto

O Conselho Regional do PSD/Açores, a realizar no próximo fim-de-semana na Horta, não deverá dar «luz verde» à proposta de Álvaro Dâmaso no sentido de inscrever no regulamento do congresso o recurso ao voto secreto para sufragar moções.

Segundo apurou o «DL», o mais provável é que se siga a tradição das votações de braço no ar, uma vez que não vão estar em causa listas alternativas mas apenas documentos estratégicos. O ex-secretário regional da Economia, demitido há alguns meses por Mota Amaral, deverá assim ver gorada a sua intenção de tomar o pulso ao apoio de que dispõe no partido.

O facto de a proposta de Dâmaso ter poucas hipóteses de «passar» não retira à reunião de sábado e domingo, destinada a preparar a assembleia magna dos social-democratas açorianos, um carácter «histórico». «Abriram-se já as portas e janelas do partido», afirmou ao nosso jornal um dirigente do PSD regional, aludindo às movimentações em curso.

Álvaro Dâmaso, ao anunciar a intenção de apresentar uma moção de estratégia, agitou as águas do partido maioritário no arquipélago. Não arrisca uma alternativa de poder a Mota Amaral, que, de acordo com diversas fontes, continua a dispor de grande carisma e apoio sólido na estrutura micaelense do partido. Mas propõe uma «renovação profunda, que começa por uma reforma de métodos», no dizer de dirigentes que lhe são próximos.

Porém, tal não obstou a que Amaral passasse recentemente ao ataque. Em declarações a uma estação de rádio da região, o líder do PSD e presidente do Governo Regional falou na existência de um «agitador inglório», que está a «perturbar» o funcionamento do partido, embora não definisse o destinatário destas críticas.

Congresso no final de Abril

Apesar desta guerrilha verbal, poucos admitem que o Conselho Regional reproduza desde já sensibilidades opostas. Dâmaso, que aparentemente só deseja fazer uma primeira «contagem de espingardas», continua a afirmar que não deseja «substituir a liderança de Mota Amaral». A sua aposta parece ser de médio-prazo: perfilar-se como sucessor não neste mas no congresso seguinte, que se realiza antes das eleições regionais.

O homem que há alguns anos atrás era considerado um dos «delfins» de Mota Amaral ganha, entretanto, apoios na Comissão Política da Terceira.

A recente reformulação jogou a seu favor, já que foram afastados Costa Neves, secretário regional da Administração Interna, e Reis Leite, presidente da Assembleia Regional, ambos apoiantes do líder. Em contrapartida, regressou à política Álvaro Monjardino, insistentemente «namorado» pelos apoiantes de Dâmaso.

O Congresso do partido será marcado este fim-de-semana. Segundo informações recolhidas pelo «DL», há consenso em torno do último fim-de-semana de Abril, em Ponta Delgada.

P. M.

Municípios preparam Congresso

Qualificada de «muito técnica» por fontes da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) contactadas pelo DL, a reunião entre o respectivo conselho directivo e a comissão organizadora do VI Congresso desta estrutura serviu também para que elementos de diversas sensibilidades políticas prosseguissem consultas, com vista ao consenso que conduza a uma lista única.

Tudo indica que um consenso é possível e desejado, uma vez que na breve história da ANMP apenas no primeiro Congresso ocorreu o surgimento de duas listas, tendo depois vingado um entendimento segundo o qual a liderança da Associação pertenceria a um autarca eleito pelo partido mais votado .

Ora a reunião de amanhã da Associação Nacional de Autarcas do Partido Socialista (ANAPS) vai decidir entre os vários candidatos potenciais ao cargo, estando bem situados os presidentes das Câmaras de Matosinhos, Narciso Miranda, de Santarém, Ladislau Botas e Luís Monterroso, da Nazaré. A reunião da ANAPS foi sucessivamente adiada devido à falta de uma decisão negociada quanto ao candidato socialista a propor, tendo sido falados os nomes de dois outros presidentes de Câmaras: Abílio Curto, da Guarda, e Parcídio Summaviele, de Fafe.

Mais de mil em Cascais

Os 297 municípios da ANMP vão levar ao Congresso de Cascais cerca de 900 delegados. Para além dos presidentes das Câmaras e das Assembleias Municipais, ou seus representantes, os delegados das Juntas de Freguesia eleitos pelas Assembleias Municipais têm assento na reunião, que decorre entre 29 do mês corrente e 1 de Abril. São delegados por direito próprio os actuais membros dos corpos directivos da ANMP (conselho directivo, conselho geral e conselho fiscal), facto que ditará uma afluência de mais de mil participantes. Além das eleições para os corpos sociais, o VI Congresso da ANMP abordará três temas: «atribuições, poderes e recursos das autarquias», «planeamento e ordenamento do território» e as «potencialidades do assocativismo .»

Álvaro Barreto no «Grande Plano», entre Silva Pinto e Emídio Rangel, de «O Jornal» e TSF, respectivamente

Barreto reaparece com críticas

Dois meses depois de ter abandonado o Governo, o recordista (12 anos 12) português de permanência em executivos deu uma entrevista. Álvaro Barreto, ex-ministro da Agricultura, respondeu ontem a perguntas que convidados da TSF e de "O Jornal" lhe formularam durante o programa "Grande Plano", no Clube dos Empresários.

Tido por tecnocrata,avesso à política, Barreto apresentou-se como tal, fazendo gala de não frequentar a sede do partido, de nunca ter feito política partidária,de não tencionar ir ao próximo Congresso social democrata (aliás, como acentuou, foi a poucos), de não pôr os pés em Conselhos Nacionais do PSD há sete ou oito anos, enfim, "satisfeitíssimo, radiante e motivado por ter regressado à actividade partidária"

Mas este ex-ministro que um dia teve a descontraída coragem de publicamente afirmar que ganhava pouco no Governo (e ontem "sossegou-nos" a todos afirmando que sim senhor,"agora tenho mais caroço") sendo, obviamente, um competente tecnocrata é um político sabedor.

Vejamos: começando por se afirmar admirado porque ao regressar à vida privada verificou que as pessoas estão pouco interessadas em discutir política e completamente alheadas da politiquice (Narana Coissoró haveria de lhe dizer que o cavaquismo afasta os ministros do país real...)Barreto só falou de política, exceptuando umas poucas tiradas técnicas relacionadas com os ministérios que durante tanto tempo comandou.

Do Governo remodelado disse que só ao fim de três meses é que se pode fazer uma avaliação correcta, mas foi adiantando que o primeiro impacte não foi muito positivo, citando, a propósito, o precalço sucedido com Carlos Brito na Defesa. Das condições que Cavaco formulou para que o PSD apoiasse uma eventual recandidatura presidencial de Soares disse "apenas" ter como certo que o actual Presidente terá um segundo mandato igual ao primeiro e que acima de condições partidárias Soares colocará sempre o interesse nacional. Noutra ocasião, em resposta a nova perguntas, desmontaria a estratégia do líder do PSD: Soares nunca permitirá que amanhã se diga que continua Presidente porque aceitou as condições de Cavaco Silva.

Aliás, entre elogios, foi deixando críticas ao primeiro-ministro. Assim: que em democracia o normal não são os Governos de maioria absoluta; que o Governo se preocupou pouco com problemas de micro-economia, isto é, com o dia a dia dos cidadãos; que a Maioria não deveria ter complexos de, no Parlamento, concordar com a Minoria; que percebeu mal o ataque cerrado do Governo ao deputado europeu João Cravinho por causa dos têxteis;que o PSD tem de se preparar para outras situações, ainda que acredite que continuará sendo um partido liderante; que concorda que a Igreja seja alvo de tratamento preferencial na atribuição de tempo de emissão televisiva, mas, ao contrário de Cavaco, pensa que deveria ser num dos canais públicos, fazendo porém o alerta quanto à constitucionalidade, problema, aliás, levantado pelo próprio Governo; logo de seguida disse nem lhe passar pela cabeça que alguns erros possam ter sido cometidos na elaboração da proposta governamental com o propósito premeditado de atrasar todo o processo de licenceamento de canais.

Perante tantas críticas, alguém lhe perguntou se poderia ser uma alternativa a Cavaco. Cuidadoso, Barreto utilizou o lugar comum: não há razão para proximamente voltar ao Governo, mas que é suficientemente experiente para dizer nunca mais; de qualquer forma, não há motivo -adiantou - para arranjar alternativas a Cavaco.

Quem ontem à tarde ouviu a entrevista na TSF, deparou com um Álvaro Barreto que, sem ser arrogante (a dado passo alertou até para próximas dificuldades na CEE que nada têm a ver com o seu sucessor e que de qualquer modo sempre surgiriam), se mostrou muito crítico. Tanto como quando deu uma entrevista aconselhando Cavaco a remodelar o Governo e acabou fora do elenco ministerial por causa dessa mesma entrevista. Ele recordou com gosto esse facto:"Disse o que pensava, que não era nem mais nem menos do que pensava a maioria dos ministros que comigo trabalhava".

J.L.P.

PS propõe nova lei da publicidade

A utilização das crianças na difusão de mensagens publicitárias das quais elas nem sequer são os preferenciais destinatários é proibida por lei. Por isso, anúncios como o da menina que se empoleira numa máquina de lavar roupa de marca bem conhecida, já foram alvo de queixas apresentadas no Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, INDC, disse ao DL fonte do instituto. Ao abrigo da legislação vigente (o decreto-lei 303/83), aquela entidade instaurou um processo. Sentença ainda não há. Fala-se em entraves burocráticos e na necessidade de actualizar o Código da Publicidade.

Hoje o PS apresenta no Parlamento um projecto de lei que regula a actividade publicitária e que, na opinião dos seus subscritores, adequa a actual legislação «à realidade socioeconómica e cultural» e lhe introduz aspectos constantes nas directivas comunitárias. Por seu turno, o Governo, após sucessivas versões, avisou que também tem um projecto de revisão do Código «já pronto», conforme disse ao DL, o secretário de Estado do Ambiente e Defesa do Consumidor, Macário Correia.

As mudanças

Os dois documentos trazem alterações relevantes. A revisão do Código da Publicidade elaborada pelo Executivo já começou a provocar alguma inquietação, sobretudo no meio publicitário.

João Loureiro, presidente da Associação Portuguesa de Agências de Publicidade, APAP, disse ao DL que a entidade que representa é «fortemente crítica» no que diz respeito à extinção do Conselho de Publicidade, preconizada pelo Governo e defende «a criação de um Conselho Jurisdicional de Publicidade presidido por um juiz nomeado pelo Conselho Superior de Magistratura».

O PS, no seu projecto-lei, adopta aspectos da Convenção sobre Televisão sem Fronteiras do Conselho da Europa e das directivas da publicidade enganosa. E «precisa os valores protegidos contra formas desleais ou incorrectas de publicidade, bem como os princípios por que deverá pautar-se a respectiva imagem».

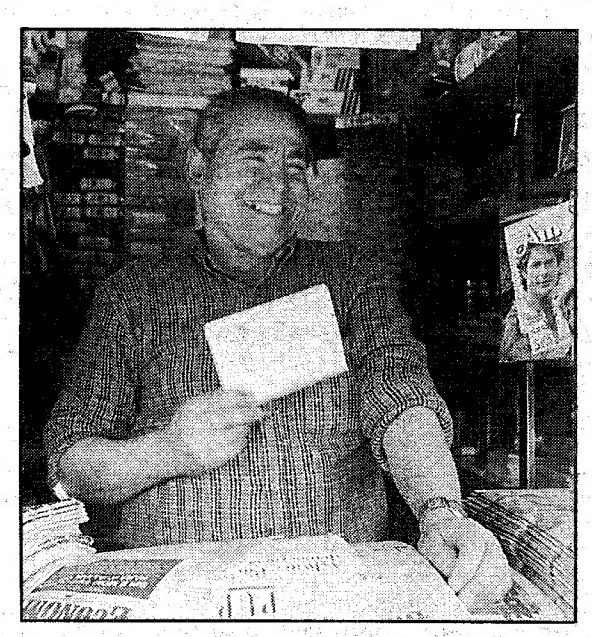
Para Macário Correia, o documento do PS é «incoerente, incompleto e propõe acréscimos burocráticos».

Não obstante, os seus autores classificam-no de «inovador», nomeadamente quando define os contratos de publicidade e de difusão, a criação publicitária e o patrocínio e quando sujeita o exercício daquela actividade a um processo de licenciamento.

L. A. B.

«VOU CONTINUAR A JOGAR!

Se não sair a mim, sai a outros.»



O Sr. Alexandre Costa, de Santarém, foi o único totalista do Totobola no concurso desta semana. É um homem feliz, casado e pai de dois filhos.
Tem um quiosque junto ao mercado de Santarém e vai continuar a vender jornais e revistas.
Ganhou agora 26 906 080$00 no TOTOBOLA.
E quase 3 000 contos antes do Natal. Mas "o trabalho não vai parar, porque é útil a Santarém".
"Vou é dar a chance a outro de ganhar ali o salário dele. Disto, a 1.ª coisa que vai surgir é um posto de trabalho. E eu faço só umas horas, porque já não tenho saúde para estar todo o dia de pé." A esposa diz: "Fiquei muito contente!" E o filho mais novo, de 24 anos, chega a casa e comenta, ao ver a equipa de reportagem "Então afinal sempre é verdade!"
O casal afirma que "Faz de conta que saiu aos filhos". E ele diz "A sensação mais feliz da minha vida é poder ajudá-los. Para já, pagar o andar ao filho mais velho.

GANHOU CERCA DE 27 000 CONTOS

Vivem no centro de Santarém e vão poder concretizar o sonho de uma vivendazinha no campo. O Sr. Alexandre Costa tem 61 anos e é um lutador, um homem cheio de esperança e que adora desafios. Antes de ser proprietário do quiosque, foi pedreiro e teve uma taberna e Casa de Pasto. Gosta de futebol e sempre jogou no Totobola. Também aposta nos concursos extraordinários, quer joguem equipas nacionais quer estrangeiras. E prefere os que têm um resultado mais difícil de prever.

Conta que uma vez não registou um bilhete. "Perdi 8 000 contos. Ficou-me aqui atravessado e não desisti." E agora também não desiste. Afirma ainda: "Embora a gente jogue com o destino de também sermos privilegiados, sabemos que estamos a contribuir para ajudar alguém. E esse alguém são muitos."
Com o optimismo e a boa disposição que lhe são característicos, despede-se da equipa de reportagem dizendo "Oxalá voltem mais vezes!".

MAIS UM MILIONÁRIO TOTOBOLA

ENTREVISTA COM CARDOSO E CUNHA *(Conclusão)*

O comissário português da CEE considera que tão cedo não será possível libertarmo-nos da necessidade de apoios comunitários, que não serão por certo negados enquanto condição de desenvolvimento do País

«Portugal não deve aderir ao SME antes de o poder fazer bem»

Do nosso correspondente em Bruxelas

Vários aspectos da adesão de Portugal à CEE e sobretudo das suas consequências tanto no seio da organização como na vida do País constituíram alguns dos temas abordados pelo comissário Cardoso e Cunha, na segunda parte da entrevista exclusiva que nos concedeu em Bruxelas.

A situação da agricultura portuguesa, nomeadamente a modernização proporcionada pelos meios comunitários postos à sua disposição, os problemas relacionados com a pesca e os caminhos que se abrem a esta actividade, tal como a adaptação global do País à participação comunitária e as perspectivas da sua adesão ao Sistema Monetário Europeu, são focados por Cardoso e Cunha, que analisa também a nova conjuntura europeia resultante das alterações a leste. A polémica do eucalipto é, no entanto, o primeiro assunto que trata nesta parte final das suas declarações ao DL.

A cultura das pedras

***DL** - Acha que os fundos comunitários canalizados para a modernização da agricultura portuguesa estão a ser aplicados com sentido estratégico perceptível? Não se compreende que tipo de especialização está a ser dada à produção agrícola de modo a furtá-la aos problemas de excesso de produção típicos da PAC.*

***CC** - Não tenho aqui nenhuma responsabilidade nas concepções do Ministério da Agricultura português, mas já fui ministro da Agricultura e não vejo essas coisas com indiferença. Há nessas matérias duas escolas: uma dirigista, que entende que o Governo deve criar quadros de desenvolvimento muito fechados, muito exactos, e empurrar a actividade segundo linhas predeterminadas; e há uma linha mais liberal, que entende que os agricultores não são patetas, que têm noção clara dos interesses económicos e de mercado e capacidade de utilizar a flexibilidade de que esse sector dispõe, particularmente em Portugal, para maximizar eles próprios as vantagens do sistema. Se me pede uma opção por uma das duas linhas, sou visivelmente pela linha liberal. A linha dirigista não se aplica às características próprias do agricultor português. Antes que a administração pública esteja em condições de ensinar aos agricultores portugueses o que devem plantar, o Estado deve-se preocupar em gerir bem o enorme património agrícola de que dispõe. O Estado é proprietário de propriedades agrícolas que deviam ser, elas sim, o espelho de produtividade e de rentabilidade. Independentemente do Governo de que se trate, há aí uma situação endémica que ainda não está resolvida. Se alguma «vantagem» pode trazer a nossa fragilidade e a nossa pequena dimensão de produção agrícola, é exactamente o sermos muito flexíveis e termos capacidade para adequar as produções das várias zonas do País às possibilidades do momento, que podem trazer remuneração. Hoje, felizmente, a agricultura, de uma maneira geral em Portugal, é uma actividade próspera. E ainda bem. Portugal aproveita bem as conjunturas de preços na Europa, o nascimento de uma capacidade de consumo de certos produtos, onde o parâmatro da qualidade começa pela primeira vez na história da agricultura portuguesa a ser determinante — cito o exemplo dos vinhos, que nos últimos três, quatro anos deram um salto qualitativo e também de preço verdadeiramente notável. Se eu fosse responsável por esse sector, eu favoreceria a responsabilização dos agentes económicos interessados, tentaria dar-lhes informação e promover um envolvimento das instâncias representativas da agricultura nas discussões bruxelenses e confiava fortemente na possibilidade de decisões tomadas pelos próprios agricultores.*

«...posso garantir que a cultura que os portugueses fazem melhor é a cultura das perdras»

***DL** — O mesmo se poderá dizer relativamente ao programa florestal, em que se caminha para uma perigosa monocultura do eucalipto.*

***CC** — É um assunto sobre o qual não me posso calar. Muitos disparates se dizem em Portugal contra uma actividade que tem óbvio interesse económico e agrícola. Conheço bem o nosso país, aldeia por aldeia, concelho por concelho, posso garantir que a cultura que os portugueses fazem melhor é a cultura das pedras. Quilómetros e quilómetros de percurso só se vê pedra. Se em vez de pedra estiver eucalipto, nada poderá dizer que é uma má acção.*

***DL** — É então escolher as áreas...*

***CC** — Com certeza. Nenhum agricultor vai fazer eucalipto onde pode fazer espargos, porque rendem mais. E o que o fizer rapidamente vai perder a posse da terra porque não foi capaz de gerir os seus próprios encargos, porque não é gestor. Essa é a solução natural, sem reformas agrárias, de finalmente se obter o reordenamento inteligente do nosso território.*

Pescas: a realidade é diferente

***DL** — Quanto à pesca, em que ponto se encontra a ajuda comunitária aos meios de fiscalização da nossa Zona Económica Exclusiva? Que futuro para a pesca portuguesa nos mares internacionais e nas nossas águas, nomeadamente as das regiões autónomas?*

***CC** — Isso é perguntar-me tudo sobre as pescas. Eu fui responsável pelo sector das pescas, já não sou, mas acompanho com muito interesse, não só porque acompanho com interesse tudo o que se pasa com Portugal, mas também porque naturalmente estou ainda muito próximo das decisões que se toma aqui sobre esse aspecto. A Comunidade está a apoiar fortemente Portugal na modernização dos meios de fiscalização, Portugal está acompanhando bem esses sistemas, é em Portugal que estão a ser feitos os ensaios dos esquemas mais sofisticados mediante satélites de fiscalização da pesca. Por alguma razão Portugal foi seleccionado para essas situações, por ter uma área marítima muito grande. A pesca nos países europeus atravessa, não digo uma crise mas uma fase de reequilíbrio, porque há uma realidade de facto e as populações europeias consomem cada vez mais peixe. O que é bom, porque o mercado é melhor, mas com os meios de captura, as reservas de peixe no mar não crescem ao mesmo ritmo que o mercado. A Europa tem de aceitar uma quota de auto-abastecimento do seu mercado cada vez mais pequena. É irrecusável. Não é um problema português, é um problema europeu. Por várias razões. Os preços do mercado estão muito altos, há uma grande pressão sobre os pesqueiros e, portanto, certos atentados à estabilidade biológica dos pesqueiros, que cada vez são menos produtivos. Os preços são muito favoráveis na Europa, decorrentes de mercados que trazem peixe de outras proveniências, e concorrentes com os nossos. E tudo isto pode ter duas atitudes: ou as pessoas se agarram com as mãos à cabeça e ficam a chorar pelos cantos que é uma desgraça, ou compreendem que há elementos positivos e tentam utilizar o novo equilíbrio. Fundamental, e para Portugal é uma verdade indiscutível, é que o centro de gravidade da actividade tem de se deslocar da captura para o mercado. Nas actividades promissoras em Portugal sempre se manterá um nível de captura importante, mas o centro de gravidade não é mais a captura. É a transformação e a comercialização de peixe. E os interesses económicos ligados à captura mais conscientes e responsáveis já o perceberam e estão a instalar-se, pesadamente, na zona de transformação e comercialização. O mercado europeu cresce explosivamente e é uma estupidez mantermo-nos agarrados a uma tradição que sofre uma tendência de diminuição nítida e constante.*

***DL** — Portugal torna-se um contribuinte líquido da CEE dentro de poucos anos? Estamos ou não preparados para tal embate?*

***CC** — Não acredito. Perante as necessidades de equilíbrio europeu, baseadas no nosso sistema político no qual os problemas económicos de Portugal são problemas comunitários, não creio que o esforço de coesão económica e social possa ser abrandado durante muitos anos. Pode ter aí as projecções dos aritméticos e dos economistas que se entretenham a fazer números secos em papel branco, os meus números são a realidade, as pessoas. Não acredito que Portugal possa libertar-se da necessidade de apoios comunitários fortes durante muito tempo. A Comunidade está interessada no êxito destes programas de recuperação económica de Portugal, porque quanto mais depressa Portugal for próspero menos são as pressões para aumento desses auxílios. Mas nun raciocínio simplista, muito grosseiro, nenhum país poderá ser contribuinte líquido enquanto tiver níveis de prosperidade inferiores à média, como imagina. A média da prosperidade comunitária é uma medida grosseira, mas não anda longe da realidade. Os países que estão muito acima da média serão dadores e os países que estão abaixo da média serão os recebedores. Imaginar que Portugal poderá passar para cima da média, com a situação actual ainda das nossas fragilidades, é tão irreal que eu não o admito possível dentro de um prazo curto. Oxalá na minha vida útil ainda o pudesse ver. Já ficava muito satisfeito.*

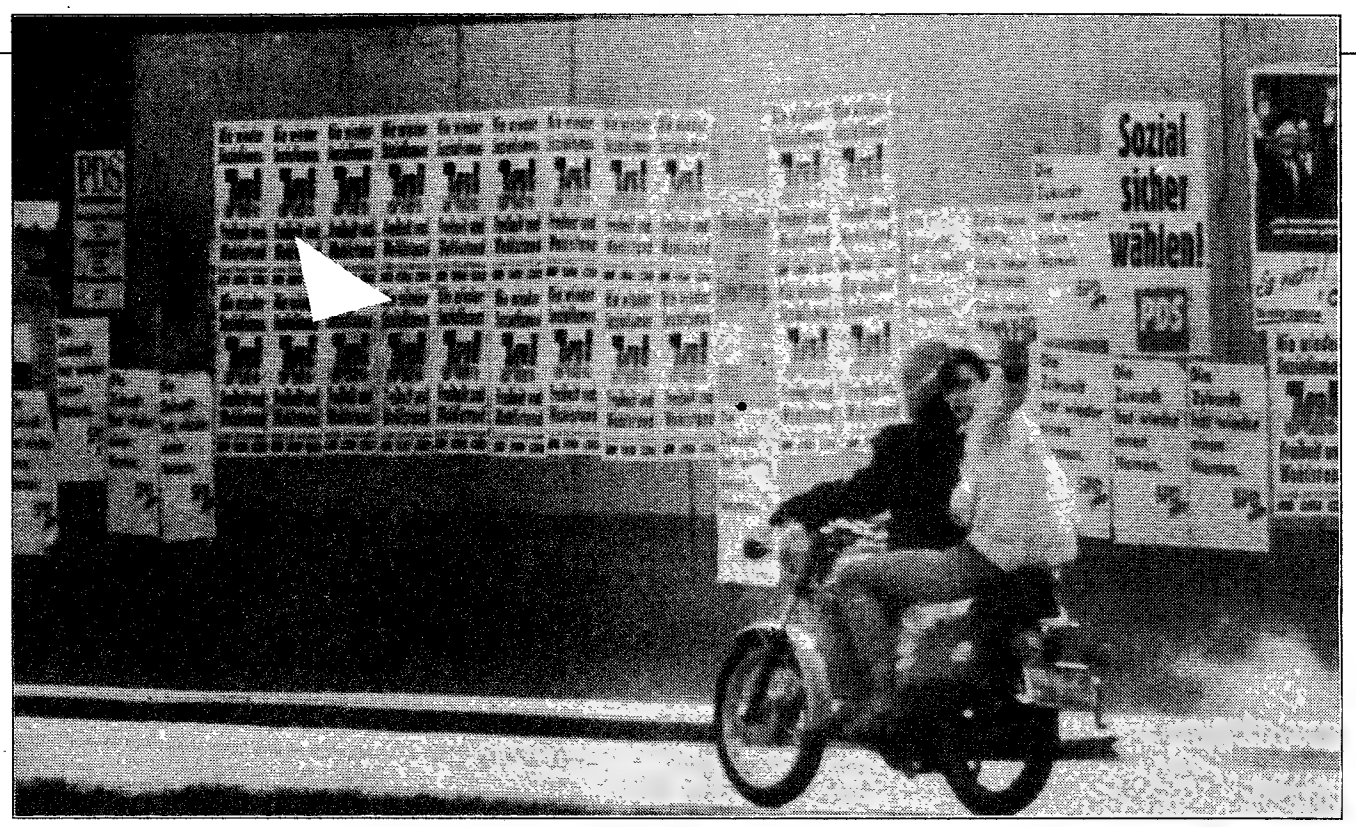
***DL** — Fala-se muito na necessidade de Portugal aderir ao Sistema Monetário Europeu ainda este ano, caso contrário poderá perder aquilo que ganhou em 1986. Acha que sim, que deve aderir o mais depressa possível? E já agora, que ganhou em 1986 ao integrar-se na CEE?*

***CC** — Uma vez mais aí o meu ponto de vista é coincidente com o do Governo, que o tem defendido quanto a mim com grande objectividade. Portugal deve participar no SME, é inelutável, não o deve fazer antes de o poder fazer bem. Uma adesão antecipada de Portugal ao SME, se for seguido por tensões inaceitáveis para a nossa economia, era um remédio pior que a doença. Portugal tem que entrar e vai fazê-lo a curto prazo. Anuncia-se que isso possa acontecer antes do estabelecimento do mercado interno europeu. Logo que em particular a inflação o permita. Eu entendo que o assunto tem muito de técnico, é de tal forma técnico que os próprios economistas estão em divergência uns com os outros, e não sou eu que não sou economista que vou desempatar uma matéria discutida por cérebros tão brilhantes da nossa praça. Mas é contraprodutivo para os portugueses, para o nosso prestígio nas instituições, para o funcionamento da nossa economia, fazê-lo de forma propagandística. Repito, o que conta neste exercício da Comunidade não é fazer as coisas, é fazê-las bem. É a base de trabalho na Comunidade, todos os portugueses aqui, não importa se fazem a função a, b ou c, é importante saber se a fazem bem feita. Aí repousa o equilíbrio fundamental da nossa acção.*

Corrigir o tiro

***DL** — Continuamos a ter um secretário de Estado para a Integração Europeia, na dependência do Ministério dos Negócios Estrangeiros. As posições portuguesas em termos dos diversos «dossiers» nem sempre espelham uma política comum, mas sim o desfasamento dos pontos de vista dos diversos ministérios. Acha que Portugal devia rever essa situação ou pelo contrário não vê nisso qualquer inconveniente?*

***CC** — A arquitectura da presença de Portugal e dos outros países na Comunidade é um assunto muito delicado, e ao fim de quatro anos estamos talvez agora em condições de analisar e corrigir o tiro. Só por casualidade teríamos arrancado na condição óptima. Constato, contudo, que muito recentemente o*



«O número de votos dos vários Estados no Conselho não deve ser alterado por uma eventual reunificação da Alemanha»

Governo português anunciou em Lisboa uma alteração fundamental na estrutura de presença pública nas Comunidades que tem o meu acordo. Não sou chamado para isso, nada tenho a ver com essa decisão portuguesa. Mas a manutenção de um «pivot» profissionalizado no Governo português e a interpenetração muito grande com a Embaixada de Portugal na Comunidade, a chamada Representação Permanente, com responsabilização do embaixador, que passa a ser vice-presidente da Comissão Nacional dos Assuntos Comunitários — não sei se é assim o nome exacto — são medidas que vão no sentido correcto e se aproximam das soluções retidas pelos países mais eficientes nesse sentido. As representações nacionais não são iguais, os problemas nacionais não são iguais, as tradições nacionais não são iguais e as soluções têm que ser todas elas «tailor made», à medida. Vejo que a equipa portuguesa se está adequando na sua estrutura duma forma que está perfeitamente dentro da linha que a minha experiência permite pensar como positiva para a integração de Portugal na Europa.

Princípio de subsidiaridade

DL — Delors falou na necessidade de um Executivo formado por vice-primeiros-ministros que se reuniriam uma vez por semana em Bruxelas. Isso contribuiria para atenuar a questão do défice democrático ultimamente tão ventilado?

CC — A ideia do presidente Delors, que é uma ideia de discussão, não é sequer uma proposta da comissão, é uma ideia pessoal, que ele ventilou já por várias vezes, mas que representa uma sua concepção no que diz respeito à organização dos trabalhos do Conselho. O Conselho, em vez de se reunir sob a forma de Conselho da Agricultura, Conselho de Ministros da Indústria, de Ministros do Ambiente, tomando decisões muito vincadas sobre problemas sectoriais por vezes nem sempre compatíveis, devia, na opinião do presidente Delors, ser complementado por um senado, onde ministros altamente colocados nas administrações nacionais, portanto a nível de vice-primeiros-ministros, tivessem a capacidade de periodicamente se reunir e introduzir uma certa coerência nas acções sectoriais na várias formulações. É um aspecto técnico de organização de uma instituição que o presidente Delors apresenta como cidadão.

DL — Como encara o senhor comissário essa sugestão?

CC — Sei onde o presidente Delors quer chegar. No nosso trabalho, somos sensíveis ao facto de por exemplo o Conselho de Ministros da Agricultura poder aprovar uma medida de apoios agrícolas que exigem medidas orçamentais e depois o Conselho do Orçamento recusar a medida por razões de economia. São situações correntes. Sei lá, o Conselho do Mercado Interior entende que se devem abrir as importações de automóveis japoneses, o Conselho da Indústria entende que se devem fechar. O Conselho é sempre o mesmo, é uma instituição que tem várias faces consoante os sectores, mas não tem realmente senso que os interesses muitos verticalizados das várias formulações possam ser contraditórias e o presidente Delors apresenta uma solução que é a de fazer depender, fazer ratificar os vários Conselhos por um órgão comum, que deve ter uma «vision d'ensemble», uma visão de conjunto total. Mas parou aí. Quanto ao défice democrático, refere-se um pouco a uma situação que é ela própria também resultante de má compreensão das instituições comunitárias. A Comissão não é um Governo, a Comunidade não substitui as nações. Nós não temos nenhuma pretensão de «reformar», pôr na reforma os Governos e as instâncias nacionais, pelo contrário.

DL — Mas há Governos que manifestam esse receio...

CC — Cada vez menos, hoje o princípio da subsidiaridade é a nossa filosofia de base, e o que é importante ter em conta é que a instituição comunitária se vai concentrando cada vez mais em assuntos de interesse estritamente comum, que não podem ser resolvidos a nível de nenhum Estado. É bom que esse órgão — a Comissão — não seja directamente dependente de eleições. No equilíbrio europeu da democracia representativa, quase todos os Estados apresentam problemas de governos frágeis nos respectivos parlamentos. Os governos são muito sensíveis às próximas eleições, a regra na Europa são os governos escassamente maioritários, muitas vezes minoritários, quase sempre de coligação. Portanto, a acção dos executivos nacionais é, por razões que todos compreendemos, muito endereçada aos problemas de curto prazo. Porque a eleição é dentro de meses. É bom que nestas condições exista um órgão complementar da acção governativa não dependente dessas flutuações do nosso esquema de democracia representativa e que possa ocupar-se supletivamente dos problemas que estão para lá do amanhã. É essa a nossa função. E este raciocínio elimina grande parte dos receios mais ou menos difusos de que uns e outros tendem a roubar-se áreas de influência. Somos complementares, o esquema comunitário é um esquema lógico, útil, que pode ser optimizado. Estamos numa fase ainda de instalação, mas que já hoje manifesta vantagens claramente inequívocas.

Nem vencedores nem vencidos

DL — Que poderes defende para o Parlamento? E a localização da sua sede, Estrasburgo ou Bruxelas?

CC — Eu compreendo que para os parlamentares seja incómodo uma transumância constante, mas este exercício não é uma indústria de sabonetes, é um exercício político, e o equilíbrio entre os vários Estados tem de ser mantido. Se algum dia o Parlamento europeu decidir — e isso compete a ele sozinho — concentrar as suas acções em Bruxelas, alguma compensação tem que ser dada aos franceses. Não podemos viver uma vida íntima desta Comunidade com Estados vencedores e Estados vencidos. Não é possível. É um problema que se vai arrastar muito tempo e espero que nunca se resolva em ruptura. Os malefícios duma ruptura dessa natureza são muito piores do que os incómodos de fazer algumas viagens entre Bruxelas e Estrasburgo. Em termos de pura eficácia, estou de acordo que não é a melhor solução. Mas perseguimos objectivos de união entre regiões da Europa tão diversas que temos de estar muito atentos a problemas de detalhe e não podemos ser maximalistas. O Parlamento europeu atravessa um período de reafirmação. Nasceu, ainda há pouco tempo, de eleições directas, vai sucessivamente ganhando foros de participante no processo legislativo e esse processo não se vai dar.

DL — As perspectivas da Comissão a curto, médio e longo prazos foram ultrapassadas pela evolução política na Europa Central e de Leste. Como vai recuperar o tempo perdido? Não vai haver agora toda uma remodelação?

CC — Tem que haver. Vivemos numa realidade. Costumo dizer muitas vezes, aqui não se fazem teses de doutoramento. Aqui vive-se a vida de todos os dias. E a nossa esperteza, a nossa capacidade, o nosso profissionalismo consiste exactamente em adequar os meios à resolução dos problemas que se põem todos os dias. A Europa de Leste não foi tão imprevisível como isso, mas enfim foi uma surpresa particularmente a velocidade do processo. Isso causa-nos «stress» evidente e obriga-nos a reformular situações, mas é a regra da casa. Estamos constantemente a fazê-lo, talvez não ao ritmo alucinante dos últimos tempos, mas é um sintoma de vitalidade. Causa-nos problemas orçamentais, de organização, de interacção das nossas outras políticas, mas todos esses preços são pouco para constatar que o sistema social em que se baseia a Comunidade teve sucesso, é preferido por aqueles que tomaram opções contrárias. Essa confirmação, essa estabilidade, vale muito dinheiro, muito esforço. Todas as nossas necessidades de adaptação são quanto a mim um preço baixo para ter tido essa confirmação.

DL — Com uma Alemanha reunificada, continuará a funcionar a regra da proporcionalidade demográfica nas instituições comunitárias?

CC — Essa regra está estabelecida. O número de votos dos vários Estados no Conselho não deve ser alterado por uma eventual reunificação da Alemanha. É o que eu defendo. Mais uma vez os problemas de coesão política do conjunto são mais importantes que a satisfação de pequenos egoísmos, algumas vaidades individuais. Mesmo as autoridades alemãs não reivindicam qualquer alteração no «statu quo».

DL — O ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA revelou no Conselho dos Assuntos Gerais que a reunificação alemã está para breve. O que se poderá entender por este breve?

CC — Em Setembro último, muito antes dos acontecimentos de Novembro, publiquei um artigo na Imprensa portuguesa em que dizia que em minha opinião a reunificação da Alemanha era um problema de poucos meses. Não me espanta nada que todo esse problema seja concluído ainda este ano.

DL — O secretário de Estado da Integração Europeia considera que a cimeira extraordinária de Dublin vai ter uma importância de que muitas pessoas ainda não se aperceberam.

CC — Ainda bem. Vai avançar o processo. Os problemas agora são tão cruciais. Espero que seja útil para apagar algumas margens de reserva motivadas muitas vezes pela síndroma complexo cultivado por uma história real, na qual por várias vezes a Alemanha reunificada constituiu motivo de discórdia. A situação mundial actual é muito diferente, mas quem poderá acusar aqueles que não esqueceram as situações horrorosas por que passaram? Quem poderá ter a veleidade de dizer que essas situações não são justificadas? Não serei eu, com certeza.

Entre dois amores

DL — O Leste faz esquecer África. Lomé IV foi apontado como exemplo disso. O primeiro-ministro português fez questão de lembrar que África existe. O senhor comissário era um homem de África e agora um responsável europeu. Como sente o problema? Balança entre dois amores?

CC — Sim, sim. É indiscutível que o problema existe e que as pessoas não podem ter mais olhos que barriga. Quando o campo de acção se alarga subitamente a pressão específica pode decair. Entendo que os problemas da segurança europeia passam enormemente pela recusa de uma zona rica cercada de zonas paupérrimas. Essas tensões são, hoje, talvez, as únicas que possam conduzir a uma terceira guerra mundial, e a Europa e as outras zonas desenvolvidas do mundo têm que contrariar essa tendência. É para mim um trabalho essencial do nosso tempo, porque a aproximação do Leste é uma coisa que está lançada e vai se fazer. Existe possibilidade dessa aproximação e integração do Leste desenvolver de tal forma a economia colectiva europeia que liberte meios que permitam não só manter a assistência ao Terceiro Mundo, mas ainda reforçá-la. É uma hipótese que temos de trabalhar, mas não é a única. Há alternativas menos risonhas que temos de ter cuidado.

DL — Portugal tinha uma vocação marítima. Agora virou-se para o continente. Acha que já despertou para essa mudança?

CC — Só essa pergunta dava para a gente conversar horas. Portugal teve uma opção marítima fundamentalmente por ter a opção terrestre fechada. Portugal tem uma geografia particular. Somos cercados de todos os lados por um vizinho poderoso, há muitos anos, há mil anos, e as relações luso-espanholas têm uma acção determinante na opção marítima portuguesa. Membros da mesma Comunidade, não podemos dizer que neste momento a barreira europeia se mantenha no mesmo sítio. Permanece uma grande distância, que não se mede só em quilómetros, mede-se em escudos também, porque viajar não é fácil. Portugal está mais longe dos centros de decisão que outros Estados da Comunidade e não é só na física que as leis da atracção e da repulsão são directamente proporcionais às massas e inversamente proporcionais ao quadrado das distâncias. A distância é um elemento muito importante. Portugal nunca terá condições naturais — não é preciso que seja imposto pela política ou pelos políticos — de recusar uma presença importante no comércio internacional, na abertura da sua economia, na relação com as regiões onde temos tantos pontos de contacto. Mas indiscutivelmente a inversão completa do quadro das relações luso-espanholas abre para Portugal uma via europeia que séculos atrás nos era vedada.

José Rui Cunha

ECONOMIA

TAP procura empréstimo para refinanciamento

Grande movimentação à volta da transportadora aérea nacional, depois do anúncio oficial da perda de monopólio e a coincidir com o 45º aniversário da empresa.

Enquanto a TAP dá instruções ao Banco de Tóquio para a concessão de um empréstimo de 200 milhões de dólares, em Madrid a Iberia confirma oficialmente não estar interessada em participar na privatização da sua congénere portuguesa. Como complemento, o anúncio de que entrarão em vigor as novas tarifas dos voos entre o Continente e a Região Autónoma dos Açores.

O empréstimo a negociar em Tóquio será por sete anos, com um período de carência de dois anos e tem por objectivo o refinanciamento de vários empréstimos existentes. Caso seja estabelecido o acordo, terá uma margem de 15 a 20 pontos base sobre o «Libor» - taxa interbancária londrina.

Segundo uma fonte da transportadora, citada pela Lusa, «a conclusão destas negociações está dependente do acerto de algumas condições financeiras e da respectiva autorização do Banco de Portugal e da tutela».

Iberia não entra

Oficial foi a resposta da companhia aérea espanhola Iberia, a uma interpelação parlamentar. Não está interessada em participar na privatização da TAP. Segundo o ministro da Indústria, Claudio Aranzadi, «apesar de se poderem obter efeitos positivos, ao eliminar concorrências comerciais, existe uma série de custos ligados às actividades das duas empresas que poderiam tornar ineficazes os objectivos de redução de custos».

A questão foi levantada no Outono passado, quando alguns meios de comunicação espanhóis afirmaram haver projectos de privatização da TAP e acrescentaram que a Iberia estaria interessada no processo, embora logo na altura um representante desta tivesse dito não estar nos objectivos da Iberia participar no processo.

O ministro espanhol informou igualmente que a Iberia pôs de lado o projecto de criação de uma rota Madrid-Estremadura-Lisboa, «porque iria contra a melhoria do serviço numa linha principal, como a de Madrid-Lisboa».

Procura interna desacelera e défice comercial diminui

Taxa média de inflação de 12,6 por cento, segundo Banco de Portugal

Melhoria no défice da balança comercial no ano de 1989, desaceleração da procura interna e estabilização do ritmo de crescimento médio anual dos preços, durante o mês de Janeiro do corrente ano, são os sinais apontados pelo Banco de Portugal, na sua síntese de conjuntura referente ao mês de Fevereiro passado.

Em 1989, o indicador de consumo corrente apresentou uma taxa de variação de 13,1 por cento, enquanto em 1988 se verificou uma taxa de 15,2 por cento.

No que respeita às vendas de gasolina, registou-se uma baixa de 7,1 por cento nos primeiros nove meses de 1989, tendo o consumo de automóveis de passageiros mistos diminuido 9,7 por cento no conjunto do ano transacto, voltando a cair 13,7 por cento em Janeiro deste ano.

Segundo o Banco de Portugal, o investimento total apresentou sinais de abrandamento, apesar da componente máquinas importadas ter desacelerado o ritmo em relação a 1988.

Por sua vez, o IPI, Índice de Produção Industrial, cresceu 4,5 por cento de Janeiro a Setembro de 1989, mantendo-se a recuperação das indústrias transformadoras e continuando a expandir-se as indústrias extractivas.

O índice de preços no consumidor, total sem rendas de casa, registou uma variação mensal de 1,7 por cento, elevando-se a 12,2 por cento o crescimento de preços durante o ano passado. Segundo refere o Banco de Portugal, a taxa média anual de inflação foi condicionada pelas más condições atmosféricas registadas no final do ano de 1989 e pela actualização de alguns preços administrativos. Em termos médios anuais, aquela taxa manteve-se nos 12,6 por cento.

Quanto ao BTC, Balança de Transacções Correntes, os valores provisórios apontam para um défice de 598 milhões de dólares norte-americanos, nos primeiros onze meses de 1989.

Exportações e importações diminuem

Em termos reais, os valores disponíveis até Setembro de 1989 indicam uma desaceleração das exportações no terceiro trimestre para quase 16 por cento. As importações, por seu turno, abrandaram para 9,2 por cento no terceiro trimestre de 1989, depois de nos dois trimestres anteriores, terem registado 10,2 e 16,1 por cento, respectivamente.

As operações de capitais não monetárias apresentaram, de Janeiro a Novembro de 1989, um excedente de 3.958 milhões de dólares, dos quais 3.021 milhões são referentes a operações não registadas na dívida externa.

O Banco de Portugal revela ainda que relativamente às necessidades de financiamento do sector público administrativo, em 1989, se estima em 489,2 milhões de contos, verba inferior aos 548,9 milhões registado no ano anterior.

Cresce importância da floresta na economia

Florestas: 200 milhões de saldo

Cresceu 21 por cento o saldo comercial do sector florestal em 1989 por relação a 1988, revelou a Divisão de Estudos da Direcção-Geral de Florestas.

Naquele período, as exportações atingiram o valor de 293,5 milhões de contos (mais 21 por cento) e as importações o de 93,5 milhões (mais 23 por cento).

O saldo comercial obtido - 200 milhões de contos - contribuiu fortemente para que o "déficit" da balança comercial registasse no final do ano passado "só" o valor de 978,7 milhões de contos.

As exportações foram lideradas pela pasta de papel (cujo valor representou 37,7 por cento do total e representou uma subida de 16,7 por cento, seguida pela cortiça (26 e 31,6) e pela madeira (19,5 e 13,7). Nas importações, o papel foi a rubrica com o principal peso no total (51,9 por cento, que representou um crescimento de 26 por cento), após o que surge a madeira (28,9 e 9,3) e a cortiça (7,9 e 64,7).

Em termos de saldos, o da pasta celulósica foi responsável por mais de 50 por cento do saldo final dos 200 milhões: exactamente, 105 milhões de contos, mais 15,9 por cento do que em 1988. A cortiça foi a segunda rubrica mais importante, com um saldo de 69 milhões de contos (mais 29,1 por cento), enquanto a madeira atingiu um saldo de 32 milhões de contos (mais 17,2 por cento).

Saldos positivos foram ainda apresentados pelos produtos resinosos, com 10 milhões de contos (crescimento de quatro por cento) e pelo mobiliário e vime, com quatro milhões de contos (mais 56 por cento).

A rubrica "papel" foi a única que apresentou um anual negativo de 14 milhões de contos, mais 13 por cento do que no ano anterior.

Na balança dos saldos respeitantes às quantidades exportadas, verificou-se um incremento geral de sete por cento, com o total a passar para 2,2 milhões de toneladas e a madeira a dar o principal contributo, ao passar de 800 mil para um milhão de toneladas. A pasta celulósica, a segunda rubrica mais importante, baixou de 998 mil toneladas exportadas em 1988 para 975 no ano passado.

Redacção «DL»

Redução drástica na pesca artesanal

O efectivo de barcos artesanais vai ser reduzido drasticamente, mas a frota pesqueira portuguesa será renovada permitindo uma maior rentabilização e a estabilização das pescas na Zona Económica Exclusiva de Portugal.

Esta declaração fê-la Eurico de Brito, director-geral das Pescas, na Décima Semana das Pescas dos Açores, que decorre na Horta. Eurico de Brito falou sobre Portugal no contexto das pescas internacionais, salientando que «esta diminuição corresponderá a um aumento exponencial da produtividade e da rentabilidade».

Prevê, por outro lado, o aumento das relações económicas de Portugal com os países africanos e sul-americanos na área das pescas através do incremento de «joint-ventures» e actividades produtivas ligadas aos sectores de terra.

Registe-se que Portugal tem a maior ZEE da Europa com uma área de cerca de 1,6 milhões quadrados de superfície, possui 10 mil barcos de pesca e mais de 30 mil pescadores.

No mesmo encontro, Adolfo Lima, secretário regional da Agricultura e Pescas, sublinhou que «não é admissível que navios cujas capturas não são controladas pesquem na ZEE açoriana», propondo contra isso uma informação científica correcta, a qual permita à região «construir barreiras à utilização futura das águas». Nesta Semana de Pescas que termina amanhã, participam cerca de 300 pescadores, armadores, investigadores universitários e representantes de instituições públicas do sector e de crédito.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47$95	53$95
ALEMANHA FED. (marco)	87$30	88$50
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$014	4$264
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127$55	130$05
(notas de 5 a 1000)	128$05	130$55
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA (peseta)	1$325	1$445
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	149$80	153$30
(notas de 5 a 1000)	150$30	153$80
FINLÂNDIA (marka)	37$05	37$65
FRANÇA (franco)	25$85	26$55
HOLANDA (florim)	77$50	78$60
IRLANDA (libra)	233$40	237$40
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$942	$997
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	241$50	246$00
SUÉCIA (coroa)	24$15	24$65
SUÍÇA (franco)	98$10	99$60
VENEZUELA (bolívar)	3$254	4$054

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

INTERNACIONAL

Gorbachev tomou hoje posse como presidente da URSS

O líder soviético, agora com plenos poderes, vai tentar reforçar o seu Governo, para acelerar o processo das reformas

O líder do Kremlin, Mikhail Gorbachev, foi eleito Presidente executivo com vastos poderes constitucionais, pelo Parlamento soviético, segundo o resultado de uma votação secreta hoje anunciada no Congresso dos Deputados do Povo.

Iuri Osipyan, presidente da comissão parlamentar eleitoral, disse na sessão de hoje do Parlamento que Gorbachev foi eleito por 1.329 votos contra 495.

"Declaro portanto que Gorbachev foi eleito presidente", disse na sessão, transmitida em directo pela televisão.

Gorbachev necessitava de 1.123 votos, ou seja, mais de metade dos 2.245 deputados.

Reflectindo os movimentos independentistas que se registam em algumas repúblicas soviéticas, cerca de 350 deputados não votaram, e o número dos que o fizeram contra Gorbachev foi surpreendentemente elevado.

"Juro solenemente servir com fidelidade o povo e o país, observar estritamente a Constituição da União Soviética, garantir os direitos e liberdades dos cidadãos e cumprir conscientemente os elevados deveres que me são impostos pelo cargo de presidente", disse Gorbachev esta manhã, no seu juramento de tomada de posse.

Num discurso aos deputados que o elegeram, o líder soviético prometeu usar os novos poderes para acelerar o seu esforço de reformas.

Mikhail Gorbachev gesticula durante uma intervenção no Parlamento soviético, momentos antes de ser eleito presidente da URSS

"A maior barreira à mudança continua a ser o pensamento fossilizado", declarou.

Oposições a Gorbachev

Vários deputados manifestaram-se ontem à noite contra Gorbachev. Teimuraz Avaliani, da cidade mineira siberiana de Kemerovo, acusou-o de arrastar o país para a beira do colapso, e o deputado de Leninegrado Alexander Shchelkanov, afirmou que Gorbachev tomou decisões importantes sem motivos suficientes.

Vários deputados manifestaram também insatisfação por o Congresso não ter apresentado um candidato alternativo viável.

Contudo, a maioria dos deputados que falaram manifestaram o seu apoio ao líder soviético. Gorbachev "surgiu como um raio de esperança e deu um novo sentido às nossas vidas", afirmou um deles.

A última reforma política de Gorbachev - a presidência mais poderosa - concentra numa pessoa muitos dos poderes que eram até aqui retidos colectivamente pelo presidium do Soviete Supremo, legislatura permanente da nação. Gorbachev, enquanto presidente do presidium, era considerado presidente do país, mas com muito menos poderes pessoais.

A maior parte dos seus poderes pessoais resulta de ser líder do Partido Comunista, mas Gorbachev está a tentar reforçar o Governo, pondo fim ao monopólio do partido sobre o poder político.

Correm mesmo especulações de que Gorbachev poderá acabar por ceder a liderança do partido, mantendo apenas o posto de presidente.

Rizhkov ameaçou demitir-se

Ontem o primeiro-ministro soviético, Nikolai Rizhkov, pôs o seu cargo à disposição, após ter sido acusado de envolvimento no escândalo da tentativa de exportação ilegal de 12 tanques T-72.

Desmentindo nervosa e furiosamente no Parlamento soviético que esteja envolvido no escândalo, Rizhkov preveniu que o seu Governo poderá não continuar, face a tais ataques.

O incidente surgiu após o representante de Leninegrado no Parlamento e uma das personalidades políticas mais populares da União Soviética, Anatoli Sobchak, ter acusado o Governo, e em particular o primeiro-ministro Rizhkov, de estarem comprometidos na gestão ilegal da cooperativa "Ant", uma sociedade mista soviética dedicada a venda de sucata e compra de bens de consumo no estrangeiro.

Nikolai Rizhkov reconheceu ter assinado a autorização para o funcionamento da cooperativa de compra e venda, realçando no entanto que o fez juntamente com mais documentos semelhantes para outras empresas e acusando o deputado Sobchak de obstruir o trabalho do Governo e do Congresso com "acusações sem fundamento".

Redacção "DL"/Lusa

Polónia nas conversações «dois mais quatro» é ponto assente

Presidente da RFA em Praga quer colaboração de Havel

O presidente da Alemanha Federal, Richard Von Weizaecker, chega hoje a Praga para uma visita oficial de 24 horas, a convite do seu homólogo checoslovaco, Vaclav Havel.

Na véspera da sua viagem, o presidente leste-alemão manifestou-se congratulado com o convite de Havel para visitar Praga no dia 15 (aniversário da entrada de Hitler na capital checa, em 1939), porque «queremos recordar juntos aquele triste acontecimento».

O presidente alemão-federal agradeceu a Havel a confiança mostrada para com o futuro de uma Alemanha unida e acrescentou que o encontro de hoje deve simbolizar o início de uma nova etapa de colaboração entre os dois estados vizinhos, que considera responsáveis pelo desenvolvimento da paz e da liberdade em todo o continente.

Entretanto, e após intensos esforços diplomáticos, a Polónia já está incluida nas conversações «dois mais quatro», sobre as fronteiras do estado alemão reunificado. No final da primeira sessão de discussões, as duas Alemanhas e os quatro países aliados da II Guerra Mundial concordaram ontem em Bona que Varsóvia será incluida nas conversações sobre a reunificação alemã quando for analisada a questão das fronteiras com a Polónia.

As delegações dos EUA, URSS, Reino Unido, França e dos dois estados alemães acordaram ainda não divulgar pormenores das discussões e marcaram a próxima reunião da cimeira «dois mais quatro», como é já conhecida, para depois das eleições na RDA, em Berlim.

Em Bona, um porta-voz governamental anunciou ontem que o chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, reúne-se em Bruxelas com a comissão da Comunidade Europeia a 23 de Março para analisar a reunificação germânica.

O chefe do Governo de Bona deverá também reafirmar o empenhamento da Alemanha Federal nos esforços de união política da Europa, informou ainda o porta-voz governamental.

Os parceiros da RFA na CEE receiam que Bona perca o interese na questão da integração económica e europeia e na eventual união política, devido ao processo de reunificação.

Também ontem o primeiro ministro da RDA, Hans Modrow, visitou, num hospital, o ex-presidente do partido conservador Renovação Democrática, Wolfgang Schnur, que se demitiu por ter colaborado com os antigos serviços secretos comunistas. A visita teve lugar por desejo expresso de Schnur, hospitalizado com problemas cardiovasculares, que pediu a Modrow protecção para a sua família, receando possíveis ataques.

Schnur, de 49 anos e advogado dos direitos humanos era até então considerado o mais forte candidato conservador ao cargo de primeiro-ministro, no caso de uma vitória da aliança conservadora nas eleições de domingo. Cofundador do Partido do Despertar Democrático em Outubro, adquiriu notoriedade ao defender dissidentes e objectores de consciência da RDA. Paralelamente mantinha informada a Stasi, a odiada polícia secreta da Alemanha Democrática, da actividade de círculos oposicionistas, nomeadamente da Igreja Envangélica, de que se dizia adepto.

Lusa

B R E V E S

Novo líder mongol

Um reformista de de 61 anos, Gomboshaviyn Otshirbat, foi ontem eleito secretário-geral do Partido Popular Revolucionário Mongol (PPRM, comunista), substituindo no cargo Zhambyn Batmunkh, que, no entanto, mantém-se como Presidente da República. Para além de Otshirbat, que passou os últimos dois anos na obscuridade como representante do partido na revista marxista mundial sediada em Praga, foram eleitos os quatro novos membros do Politburo, todos com menos de 50 anos de idade. A renovação na Mongólia vem na sequência de grandes manifestações da oposição que levaram à demissão, na sexta-feira passada, das estruturas dirigentes do PPRM.

Congresso do PSF

Começou hoje em Rennes, o X Congresso do Partido Socialista Francês, que se prolonga até domingo. Cerca de seis mil pessoas, entre as quais 1500 delegados, 400 delegados estrangeiros e mais de 500 jornalistas, assistirão aos trabalhos em que serão discutidas sete diferentes moções. Analistas consideram que quem sair vitorioso terá boas hipóteses de suceder a François Mitterrand, cujo apoio, embora discreto, vai para o ex-primeiro-ministro Laurent Fabius. As outras correntes mais importantes são lideradas pelo actual primeiro-ministro Michel Rocard, pelo presidente das Comissões europeias Jacques Delors e por Leonel Jospin-Pierre Mauroy, dois ex-chefes de Governo.

Bush discute futuro da Europa

A evolução das mudanças políticas na Europa de Leste, as implicações da reunificação alemã no futuro da NATO e as relações bilaterais, são os temas centrais das conversações que a 13 de Abril, reunirão nas Bermudas o Presidente norte-americano, George Bush, com a primeiro-ministro britânica Margaret Thatcher. No dia 19 de Abril, Bush encontra-se com o Presidente francês, François Mitterrand, na Florida, para discutir os mesmos assuntos.

Iraque executou jornalista do "Observer"

O corpo do jornalista Farzad Bazoft, hoje executado no Iraque, foi transportado para a embaixada britânica em Bagdade, segundo o ministro iraquiano da Informação, Latif Nassif Nassem, citado pela Reuter. Bazoft, detido a 15 de Setembro do ano pasado, foi condenado à pena capital por um tribunal iraquiano, sob a acusação de que espiava para os serviços secretos britânicos e israelitas, segundo a agência noticiosa INA. "A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, queria-o vivo, nós damos-lhe o corpo", disse o ministro iraquiano. "Os ingleses deviam saber que a liderança iraquiana, após oito anos de guerra, não cede a pressões", acrescentou.

Em Londres, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Douglas Hurg, disse que a Grã-Bretanha ficou "chocada" com a execução, mas não deu quaisquer indicações sobre se o Governo de Thatcher tencionava cortar relações dioplomáticas com o Iraque.

Bazoft, de 31 anos, com passaporte britânico, trabalhava como correpondente do semanário "Observer", de Londres, e foi detido numa ocasião em que visitava o Iraque a convite do Governo de Bagdade.

A detenção ocorreu depois de se ter deslocado a uma base militar no sul de Bagdade, sem autorização oficial, para investigar uma notícia sobre uma explosão, verificada semanas antes.

Nessa deslocação foi acompanhado pela enfermeira britânica, Daphne Parish, de 53 anos, que foi condenada a 15 anos de prisão.

A execucação do jornalista Bazoft foi consumada esta manhã, não obstante numerosos pedidos de clemência, entre os quais o da primeira-ministra britânica,Margaret Thatcher, e do Conselho da Europa, enviados ao presidente iraquiano, Saddam Hussein. Os jornais iraquianos publicaram hoje alegadas confissões de "espionagem" de Bazoft, enquanto o editor do "Observer", Donald Treford, desmentia energicamente que o jornalista fosse espião.

Redacção "DL"/Lusa/Reuter

Líbia confirma incêndio em fábrica de químicos

A Líbia confirmou hoje um incêndio ocorrido na manhã de ontem na fábrica de Rabta, que os EUA acusam de fabricar armas químicas, e não exclui, na origem, uma sabotagem israelita ou norte-americana. Um porta-voz da agência noticiosa «Jana» disse desconhecer se a Líbia tinha encerrado as fronteiras em consequência das suspeitas geradas com o incêndio e não adiantou pormenores sobre prejuízos, dizendo apenas que «o incêndio é básico». A semana passada, a Casa Branca acusou a Líbia de fabricar armas químicas em Rabta e não excluiu uma acção militar contra o complexo. No entanto George Bush rejeitou ontem qualquer envolvimento do seu país.

A fábrica de Rabta esteve no centro das atenções mundiais em Janeiro de 1989 quando líbios e simpatizantes estrangeiros guardaram o complexo durante semanas para impedir um ataque dos Estados Unidos.

Dez mil polícias na posse de Collor

Brasília está hoje transformada numa verdadeira fortaleza para receber as 120 delegações estrangeiras presentes à tomada de posse de Fernando Collor de Mello, o primeiro Presidente da República eleito democraticamente em 30 anos. Vinte e quatro chefes de Estado, entre os quais o Presidente português, Mário Soares, estão na capital brasileira. As maiores preocupações dos dez mil polícias militares responsáveis pela segurança, vão para Fidel Castro, que não visitava o Brasil desde 1960, para o Presidente colombiano Virgilio Barco e o para vice-presidente dos EUA, Dan Quayle.

Collor promete acabar com a herança deixada por Sarney - inflação de 80 por cento ao mês, dívida externa de 120 mil milhões de dólares, gigantesca dívida interna, corrupção generalizada - e renovar as classes dirigentes do Brasil. Zélia Cardoso de Mello, a «superministra» da Economia, Bernardo Cabral, ministro da Justiça, o sindicalista Rogério Magri, ministro do Trabalho e Previdência Social e Ozires Silva, ministro da Infraestrutura, são os nomes mais fortes do novo Gabinete, que já amanhã deverá anunciar as medidas que preconiza para fazer frente à maior crise da história do Brasil.

Redacção «DL»/Lusa

Maputo surpreende EUA

Do nosso correspondente em Washington

A delegação moçambicana, liderada pelo presidente Joaquim Chissano, afastou a hipótese da eventual participação imediata dos Estados Unidos no processo de paz, a pretexto da realização, a curto prazo, de conversações directas com a Renamo. Fontes geralmente bem informadas, em Washington, revelaram ao «DL» que a atitude colheu de surpresa sectores do Departamento de Estado que mais têm apoiado as autoridades de Maputo.

Com efeito, horas depois do encontro decisivo, realizado na Casa Branca, entre George Bush e Joaquim Chissano, o secretário de Estado adjunto para os Asuntos Africanos, Herman Cohen, anunciou que os Estados Unidos deixaram de participar, enquanto «facilitadores», no processo de paz moçambicano, tomada de posição que contradiz, flagrantemente, as expectativas criadas no dia anterior e apontadas aos jornalistas por um alto funcionário do Governo norte-americano.

Chissano encontra-se com o «Black Caucus»

Posteriormente, o ministro moçambicano dos negócios Estrangeiros, Pacoal Mocumbi, convidado a esclarecer a situação aos microfones da «Voz da América», comentou que o seu país espera poder contar com a cooperação norte-americana, enquanto tal fôr necessário.

O presidente Chissano prosseguiu, ontem, a sua visita oficial de trabalho a Washington, tendo estado no Congresso com o objectivo de tentar sensibilizar três áreas consideradas chave para as autoridades de Maputo, quando se trata de fazer passar pretensões suas junto de Capitólio. Assim, o chefe de Estado moçambicano tomou o pequeno almoço com o «Black Caucus», o grupo que engloba todos os congressistas negros e que é particularmente sensível às questões africanas. Mais tarde reuniu-se com o congressista Tony Hall, que lidera o Sub-Comité para o Combate à Fome e, por último, reuniu-se com elementos do Comité de Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes.

Nos contactos desenvolvidos no Capitólio, Joaquim Chissano e a sua comitiva, que integrava os ministros dos Negócios Estrangeiros, das Finanças e da Cooperação, terá também tentado sensibilizar os legisladores norte-americanos para a aprovação de um crédito, no valor de 240 milhões de dólares, para a compra de aviões «Boeing» destinados às «Linhas Aéreas Moçambicanas». Procurando contrariar as expectativas do Governo moçambicano, uma organização privada que apoia a Renamo, a «Mozambique Research Center», está a fazer lobby para que esse crédito não seja concedido enquanto a situação política não estiver clarificada.

Em declarações ao «DL», Tom Schaaf, director executivo do «Mozambique Research Center», admitiu estar a desenvolver esforços no sentido de fazer gorar a iniciativa de Maputo.

Lobby da Renamo provoca incidente no Capitólio

Aliás, Schaaf foi, ontem, protagonista do único incidente até agora conhecido desta visita, quando, num dos corredores do Capitólio, gritou à passagem do Presidente Joaquim Chissano: «Conta a verdade! Queremos a verdade! Mentiroso descarado!» Imediatamente confrontado pelos agentes da segurança norte-americanos para identificação sumária, Schaaf declarou, posteriormente, aos jornalistas estar a exercer o seu direito de liberdade de expressão. No seu entender, o presidente Joaquim Chissano veio aos Estados Unidos falar de conversações de paz, quando a aviação zimbabweana está a bombardear a Gorongosa, estando a anunciar reformas que não cumpre e enquanto o seu povo morre de fome.

Filipe Vieira

O primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, prestando declarações aos jornalistas, à sua chegada a Lisboa

Pedro Pires em Lisboa

Pluripartidarismo em Cabo Verde está para breve

Estão a ser criadas as condições para a instauração plena de um sistema pluripartidário em Cabo Verde - afirmou ontem à noite o primeiro-ministro cabo-verdiano, Pedro Pires, à sua chegada a Lisboa.

Em declarações prestadas aos jornalistas, Pedro Pires referiu que Cabo Verde encontra-se num processo de transição, «a ser gerido da melhor forma possível pelo seu Governo», que culminará nas próximas eleições legislativas de Dezembro, com a participação de todas as forças políticas existentes, no país.

«Na próxima reunião de Maio da Assembleia Nacional Popular será aprovada a lei eleitoral que criará as condições para a participação de listas independentes nas eleições legislativas. Depois, temos a nova Assembleia que deverá proceder à revisão da Constituição. Tudo isso deverá ser feito depois de um amplo debate nacional» - afirmou o primeiro-ministro cabo-verdiano.

Questionado sobre o papel de Cabo Verde no processo de paz em Angola, Pedro Pires salientou que o seu Governo defende as negociações como a melhor via para o conflito naquele país e que «Cabo Verde está à disposição de ambas as partes para facilitar o diálogo».

Praia vai ter papel «facilitador» em relação ao conflito angolano

Antes da sua partida para Lisboa, o primeiro-ministro cabo-verdeano disse na Cidade da Praia que o seu Governo estava disponível para «facilitar» o diálogo entre Luanda e a UNITA e proporcionar uma solução que convenha a ambas as partes.

«Nada está estabelecido quanto à possibilidade de um encontro entre representantes do Governo angolano e da UNITA em Cabo Verde mas estamos disponíveis para que se encontre uma solução que convenha a ambas as partes» - disse Pedro Pires.

Segundo tudo indica o Governo cabo-verdiano parece, no entanto, disposto a assumir um papel discreto em todo este processo, recusando mesmo a ideia de se constituir como um medianeiro: «Somos antes uma espécie de facilitadores» - acrescentou ainda Pedro Pires à sua partida para Lisboa.

Durante a sua estadia em Portugal, em escala para Maputo, o primeiro-ministro cabo-verdeano vai encontrar-se com o primeiro-ministro, Cavaco Silva, o presidente da Câmara de Lisboa, Jorge Sampaio, e o secretário de Estados dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação Durão Barroso.

Estão ainda previstos encontros com o general Ramalho Eanes, o deputado socialista, Almeida Santos, o presidente da Assembleia da República, Victor Crespo - em substituição do chefe de Estado, Mário Soares, no Brasil - e Luís Cabral, ex-presidente da Guiné Bissau.

Redacção «DL»/Lusa

Bernard Koechner

Médico e militante rejeita fronteiras para a democracia

«Espero que os democratas, e não apenas de esquerda, porque também os há à direita, não esperem o regresso da extrema-direita para reagirem», diz Bernard Koechner, fundador dos «Médicos sem Fronteiras» e dos «Médicos do Mundo», veterano das grandes causas da esquerda francesa e agora no Governo de Paris, encarregado de um departamento inédito: o da Acção Humanitária.

A democracia como nós a entendemos, herdeira da Revolução Francesa e dos seus desenvolvimentos, será válida para todo o Mundo ?

«Sim, creio que independentemente das atitudes culturais e religiosas que são antigas e difíceis, a democracia é um modelo universal e o menos mau», respondeu ao DL Bernard Koechner, parafraseando Churchill, antes de acrescentar: «Conhecemos os estragos do partido único, nos países do Leste como no Terceiro Mundo, sabemos que o desenvolvimento não se consegue em regimes de partido único, porque a condição do desenvolvimento é a concorrência, entre o voto em dois partidos políticos, pelo menos. E de dois projectos de desenvolvimento, nem que seja para discutir um pouco, para fazer uma reflorestação, cavar um poço ou abrir uma empresa».

O regime de partido único «é na minha opinião uma sobrevivência do racismo e das crenças medievais e marxistas. Não funciona. E a prova de que não funciona é que o próprio Gorbachev o reconheceu já», salienta Koechner, ao mesmo tempo que afirma que é uma injúria à África o dizer-se que ali não podem existir vários partidos, em lugar de um só.

«Há países como a Índia que estão entre as maiores democracias do Mundo e que provam que as coisas andam melhor que na China, por exemplo», diz.

«Antes de inventarmos outro modelo universal, supranacional, antes de nos debruçarmos sobre a ecologia do planeta, sobre o Direito da Terra e não apenas sobre os Direitos dos Homens, é preciso considerar que a democracia é o menos mau dos sistemas. Disso estou certo», insiste.

Gente de 68

O que é que faz um homem do Maio de 68 na administração do Estado ?

«Não há só gente de 68 na administração do Estado francês, mas há lá muitos. É que a gente de 68 envelheceu. Não estou, de resto, na administração do Estado, mas sim no Governo... onde descubro a administração do Estado. Eu já estava um pouco velho em 1968, a minha actividade política situou-se mais nos fins dos Anos 50 e princípios dos Anos 60, contra a guerra da Argélia.

O Maio de 68 chegou a mim um pouco tarde e foi um exercício de estilo, de paixão e de invenção a que não chamaria revolucionário. Mas foi um estado de espírito que não recuso, porque estive lá. O primeiro-ministro Michel Rocard também lá esteve. Quando, no ano passado, nos juntámos na Sorbonne, recordou-me que tínhamos estado no mesmo anfiteatro e que as coisas mudaram um pouco», evoca Koechner.

E agora ?

«Vivo a experiência aliciante de fazer parte de um Governo, tendo imposta a solidariedade governamental. Descubro que a realidade política é muito pouco parecida com o que se imagina, mais constrangedora por vezes», desabafa.

Coloração humanitária

Fala depressa, com ar de quem tem que partir para outra coisa, o que na altura da conversa com o DL até era bem verdade. A conversa ainda girou sobre os de 68 no Governo, porque existem algumas diferenças entre a imaginação no poder e o poder com um tudo-nadinha de imaginação.

«No meu caso, o poder não é lá grande coisa», admite, antes de fazer constar que integra «o primeiro ministério do mundo dedicado à acção humanitária», uma matéria «que conheço desde há vinte e cinco anos».

E define: «A acção humanitária são os Direitos do Homem traduzidos em acção. Mas não se restringe aos Direitos do Homem. O que o primeiro-ministro me pediu, e é minha ambição, é que a política francesa tenha uma coloração humanitária».

Portanto, «ainda é cedo para saber se este projecto vai ou não resultar. Penso que fiz já duas ou três coisas que poderia ter feito na sociedade civil. Penso que o grande interesse disto tudo se situa no encontro da sociedade civil, com a sua imaginação, criatividade e rapidez, com a sociedade política e diplomática, com a administração. Trata-se de encontrar um caminho comum entre partidos políticos encarregados de gerir, de dirigir, de serem votados, e a inovação e a descoberta social próprios da sociedade civil», frisa.

O que a esquerda devia ter aprendido

Ao repetir que a sua profissão de médico já inclui uma grande dose de pragmatismo, ao rejeitar qualquer estatuto de teórico de esquerda, Bernard Koechner constata que mais vale um pequeno movimento de solidariedade com seis desalojados que a tentativa de impor uma política de alojamento.

«A esquerda devia ter aprendido mais com os movimentos que repudiava como sendo de escuteiros ou de caridade, os quais estiveram na origem de acções no domínio social, em particular perante o desemprego, os que vivem sem domicílio fixo, os que não têm acesso aos cuidados de saúde. Já não diferencio entre acções políticas teoricamente bem ancoradas e a actividade no terreno», diz Koechner.

A receita para a esquerda não é prescrita pelo fundador dos «Médicos sem Fronteiras», mas do diagnóstico da crise consta um ataque aos partidos («tornaram-se máquinas eleitorais e os militantes associativos estão bastante mais próximos do que antes era a militância política»), porque «perante a sociedade civil, foram os partidos que se esvaziaram, à direita e à esquerda».

A linha de demarcação entre estas duas formas de ver a sociedade passa, nos termos de Koechner, por à esquerda haver uma vontade de «se tratarem as desigualdades sociais de forma mais institucional, uma sensibilidade mais romântica, o desejo de uma pequena correcção feita pelo Estado à economia de mercado».

Em resumo: «Os custos do crescimento estão mal repartidos, ou no mínimo não suficientemente bem repartidos. Deste ponto de vista, reconheço que a diferença entre esquerda e direita se encurtou, mas ainda existe. Indo aos casos particulares, reconheço que os militantes da acção social dentro da própria sociedade civil se recrutam ainda nos meios de esquerda e no movimento cristão, porque muitas vezes todos se encontram no terreno». E estar no terreno é o mais importante para este pragmático... de esquerda.

É por ainda se situar nesse quadrante que Bernard Koechner aponta alvos como «a escalada dos extremismos, do nacionalismo, do racismo, da extrema-direita».

Ainda que acredite que as noções de esquerda «devem passar a dar lugar a outras, como o conflito de gerações, as perspectivas perante o Terceiro Mundo, por exemplo. Aí, a esquerda terá qualquer coisa a dizer, sem todavia estar segura de dar a receita. Tudo se passa como se o triunfo da democracia nos países de Leste nos deixasse, intelectuais de esquerda, cabisbaixos, muito mudos. Porque o triunfo da democracia é de tal ordem que não temos um ideal de mudança».

João Isidro

Bernard Koechner:«Os partidos «tornaram-se máquinas eleitorais e os militantes associativos estão bastante mais próximos do que antes era a militância política»

MINISTÉRIO DAS OBRAS PUBLICAS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA CONSTRUÇÃO E VIAS TERRESTRES

JAE

JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DO CENTRO

AVISO

CONCURSO PÚBLICO INTERNACIONAL NO ÂMBITO DA CEE
EN 224 — BENEFICIAÇÃO ENTRE VALE DE CAMBRA E VALE GALHARDO

1. Para os devidos efeitos, avisam-se os concorrentes da empreitada em epígrafe, a que se refere o anúncio publicado no Diário da República, III Série, n.º 297, de 28 de Dezembro de 1989, do seguinte:
   — A data de entrega das propostas passa de 21 de Março de 1990, para 23 de Abril de 1990, às 17 horas;
   — A data do acto público do concurso passa de 22 de Março de 1990, para 24 de Abril de 1990 às 15 horas.
2. O aviso referente a esta empreitada foi enviado ao Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias em 8 de Março de 1990.

Coimbra, 8 de Março de 1990

O Director de Serviços
Luís Alberto de Figueiredo do Vale

8/90

Os acidentes domésticos ou de lazer de que resulta a morte de crianças até aos 14 anos são ele
ficam com sequelas graves que as limitarão ao longo da vida. E se «Com as crianças todo o
O Instituto Nacional de Defesa do Consumidor lançou o alerta, e

Crianças: nascer e crescer sem ac

Pode chamar-se António, Pedro ou Francisco. O nome não interessa, mas o seu caso sim. Tem seis anos, é fim-de-semana, e está divertido com o churrasco que a família prepara.

No assador a carvão os frangos vão tostando. Não está sozinho, pais e irmãos estão por ali. Mas o lume começa a apagar-se e o miúdo, com a voluntariedade própria da idade, decide espevitá-lo. Pega numa garrafa de gasolina e despeja-a sobre o lume. A garrafa incendeia-se e explode. Para ele, esta é uma experiência que nunca poderá esquecer.

A explosão atingiu-lhe a totalidade da cabeça, os membros superiores e inferiores e a parte anterior do tronco, com queimaduras gravíssimas, de que resultaram a perda da quase totalidade dos dedos de ambas as mãos e cicatrizes desfigurantes na face.

Seguiu-se um internamento de cerca de três meses na Unidade de Queimados do Hospital Pediátrico de D. Estefânia e múltiplas intervenções cirúrgicas. Que futuro o espera?

O dr. Paolo Casella, médico daquela unidade hospitalar, faz o prognóstico: «Terá uma qualidade de vida sempre condicionada. As dificuldades profissionais serão múltiplas, devido à quase ausência das mãos. Por outro lado, vai trazer sempre sobre si as marcas de uma face gravemente deformada, o que vai limitar extremamente a sua vida de relação».

O miúdo está a ser seguido em cirúrgia reconstrutiva, em recuperação funcional e conta ainda com apoio psicológico continuado. Mas a sua reacção comportamental é especial, e pode agravar-se ao longo da vida, com uma tendência para o isolamento.

É um exemplo, talvez dos mais graves, que passaram pela Unidade de Queimados do Hospital de D. Estefânia. Foi vítima dos designados «Acidentes Domésticos e de Lazer com crianças entre os 0 e os 14 anos» sobre os quais se debruça a campanha agora lançada pelo Instituto Nacional de Defesa do Consumidor sob o lema «Com as crianças todo o cuidado é pouco», e cujo objectivo é a redução, através da prevenção, de acidentes daquele tipo.

Sinistralidade infantil é maior em Portugal

Em Junho de 1987, o Conselho de Ministros da CEE, por proposta da Comissão Europeia, aprovou a realização de uma campanha comunitária de segurança infantil, à qual o nosso país aderiu.

Por razões de ordem diversa a campanha comunitária foi cancelada, mas Portugal, que já tinha iniciado os preparativos para que ela se concretizasse no ano seguinte e tendo em consideração a nossa elevada taxa de sinistralidade infantil, decidiu prosseguir o seu trabalho.

O Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC) assumiu a sua realização e a campanha iniciou-se na passada quarta-feira. O seu objectivo essencial é «reduzir entre 10 a 20 por cento a taxa de acidentes domésticos e de lazer num período que se estenderá até aos finais do mês de Outubro de 1991», segundo o seu director, Lucas Estêvão.

A nível comunitário, a situação traduz-se em 20 milhões de acidentes anuais, que conduzem à morte de 20 mil crianças e provocam incapacidades permanentes noutras 30 mil.

Em Portugal a situação é particularmente grave, se comparada com os restantes países da CEE. E se por vezes a frieza dos números nos deixa indiferentes, o mesmo não se passa quando eles se referem à morte de crianças entre os 0 e os 14 anos.

Das 500 crianças que falecem anualmente no nosso país devido a acidentes, mais de metade dessas mortes devem-se a acidentes domésticos e de lazer.

A taxa de mortalidade devido a acidentes ocorridos em casa ou em zonas de recreio é sensivelmente o dobro da de alguns países da Comunidade.

Mas, segundo Margarida Garrido, assessora do INDC, «a mortalidade causada pelo acidente corresponde unicamente à parte visível do grande iceberg que é a acidentalidade nas crianças» pois, de acordo com estimativas, por cada acidente mortal produzem-se, em média, 50 acidentes graves e entre 150 a 200 de menor gravidade, o que significa que o número de acidentes requerendo assistência médica deverá oscilar entre 100 mil e 120 mil por ano.

«Um número indeterminado de crianças guardarão sequelas permanentes desses acidentes, substituindo nos centros de recuperação as vítimas da polio de ontem», acrescenta aquela técnica.

Perante estes números, o Instituto de Defesa do Consumidor pretende sensibilizar a população em geral e consciencializar públicos mais específicos (pais, professores, outros educadores e vigilantes de crianças, bem como agentes ligados aos cuidados de saúde) para uma primeira regra básica: há acidentes que são não só previsíveis, como evitáveis, contrariando assim a ideia de que a palavra 'acidente' está conotada com acontecimento não previsível.

E no seu estudo Margarida Garrido exemplifica: «Programas de prevenção levados à prática noutros países tiveram efeitos espectaculares como seja, por exemplo, a redução dos afogamentos nas crianças entre um e quatro anos conseguida na Suécia nos últimos anos».

Sociedade de consumo: o bom e o mau

Os vários estudos efectuados por especialistas portugueses com base no programa EHLASS (Sistema Comunitário de Informação sobre Acidentes com Produtos de Consumo) exclui os acidentes de viação.

A primeira constatação daquele trabalho é que nos países industrializados tem-se assistido a uma melhoria geral do estado de saúde das crianças, traduzida numa rápida diminuição da taxa de mortalidade infantil. No entanto, outra causa de morte apareceu e não acampanhou esta diminuição: os acidentes em casa e nos locais de lazer.

É em sociedades de grande e rápido desenvolvimento tecnológico que as crianças de hoje crescem e se desenvolvem. Num mundo feito à dimensão dos adultos, em que a sociedade de consumo põe cada vez mais ao alcance de todos a electricidade, os electrodomésticos e os produtos químicos, as crianças acabam por ser as suas principais vítimas.

A par desta realidade, a complexidade da vida social faz com que os pais por vezes descurem a vigilância, facilitando a ocorrência de acidentes.

Os principais tipos de acidentes e as suas causas variam segundo os grupos etários e o nível social e a habitação das famílias.

Quedas, intoxicações, queimaduras, afogamentos, asfixias e ferimentos são os principais acidentes que levam os pais a acorrerem aos serviços hospitalares, concluiu-se nos estudos efectuados por especialistas em 1987 e que o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor agora revela.

E se alguns deles ocorrem pela adversidade do meio, muitos devem-se à falta de informação dos pais e educadores, que desconhecem a perigosidade de determinados produtos e não estão alertados para o risco de determinadas situações.

Mais de metade dos acidentes ocorrem na presença de adultos e, de acordo com os especialistas, 90 por cento deles poderiam ser evitados, desde que houvesse precauções e medidas cautelares mínimas.

«O acidente é passível de uma aproximação epidemiológica que relacione a vítima com o agente responsável e com o meio físico e humano em que se move», escreve ainda Margarida Garrido, para concluir:

«A partir do conhecimento dessas interligações poderá delinear-se uma política de prevenção do acidente infantil, visando a modificação de comportamentos da população, a melhoria e aperfeiçoamento da segurança de produtos e equipamentos, ou seja, a criação de todo um novo enquadramento propício a uma infância com menos acidentes e, fundamentalmente, com menos acidentes graves».

Acidentes variam com idade, sexo e região

Entre os tipos de acidentes domésticos e de lazer ocorridos com crianças entre os 0 e os 14 anos registaram-se, no período compreendido entre 1981 e 1987, 31 por cento de casos de morte por afogamento, 17 por cento por asfixia, 13 por cento por intoxicações, 12 por cento por quedas e 10 por cento devido a acidentes pelo fogo.

Os distritos de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beiras apresentam, globalmente, os índices mais elevados de mortalidade. Abaixo da média nacional encontram-se os distritos das grandes cidades: Lisboa, Porto e Setúbal.

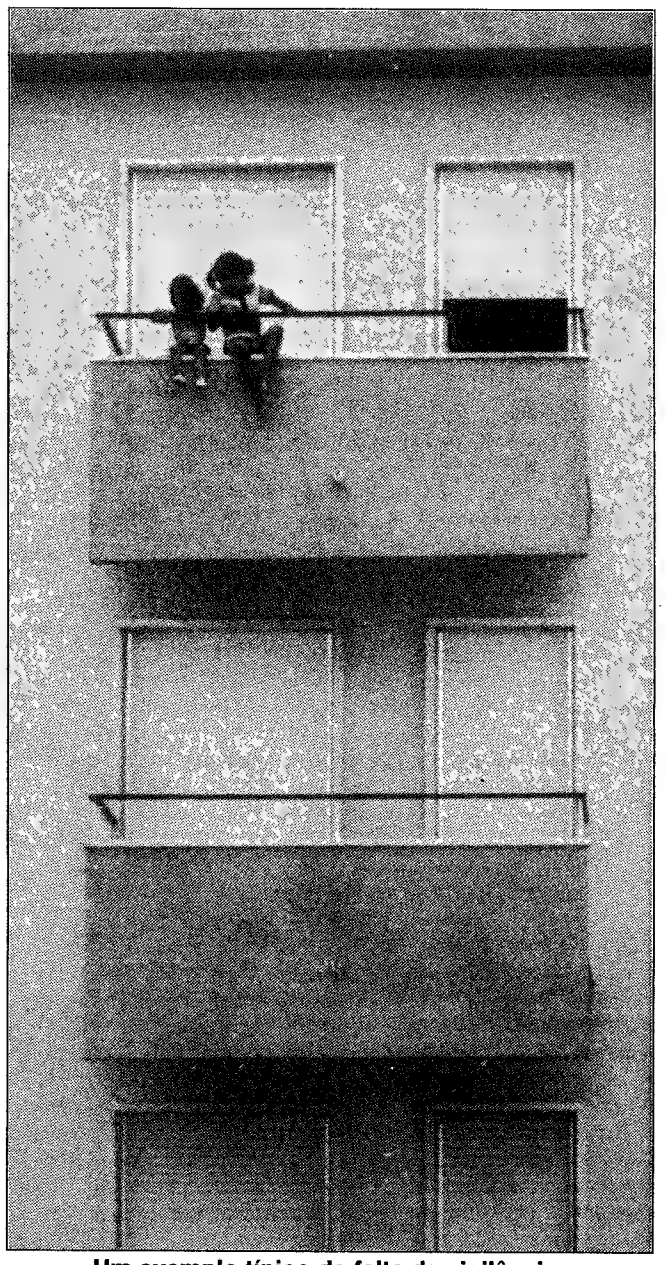
No que se refere à mortalidade por sexos, constata-se que os rapazes morrem mais, em todas as idades e tipos de acidentes. Carla Barata, técnica do INDC, explica que tal facto se deve ao «comportamento mais irrequieto e impulsivo inerente aos rapazes».

Os acidentes têm o seu pico máximo no Verão, excepção feita aos casos de asfixia, que ocorrem predominantemente no Inverno, concluiu-se também.

O critério de gravidade dos acidentes é escalonado conforme o período de internamento a que a criança fica sujeita: dois dias, oito, mais de oito ou em que falece. Em 55 mil inquéritos feitos durante o ano de 1987 registaram-se 14 mortes e muitos casos que deixaram sequelas para o futuro.

A prevenção do acidente é o objectivo da campanha. E se evitar a morte é a sua prioridade, a redução dos acidentes que deixam nas crianças deformidades que as prejudicarão pela vida fora não é visto como factor de menor importância.

Verifica-se que ocorrem mais acidentes no intervalo etário dos 0 aos 4 anos, diminuindo à medida que a idade aumenta. «Esta tendência liga-se, por um lado, ao facto de as crianças de menor idade terem não só uma natural falta de coordenação



Um exemplo típico de falta de vigilância. Depois do acidente, as lágrimas dos pais em nada ajudam as crianças

CONCESSIONÁRIOS
TOITORRES TOYOTA
Edifício Toitorres E.N. 8 — Km 43,9 — Telefs. 25171/2/3/4 — 2560 TORRES VEDRAS

o elevados, mas essa é apenas a ponta do iceberg: milhares
)do o cuidado é pouco», a primeira regra é a prevenção.
a, e a campanha já está na rua

acidentes pelo meio

ter-
fica
nais
Em
du-
gis-
itos
elas

te é
a. E
pri-

dos
nas
que
vida
ctor

rem
valo
imi-
lade
ncia
acto
enor
uma
ação

dos seus movimentos, como também de consciência da realidade que as cerca», escreve no seu relatório Carla Barata.

E se os afogamentos são a maior causa de mortalidade infantil, as quedas são os acidentes mais frequentes e as queimaduras os que deixam maiores sequelas nas crianças.

As quedas representam cerca de 53 por cento dos casos de internamento de curta duração (até uma semana) e atingem especialmente as crianças até aos quatro anos. Entre as que se dão em casa distinguem-se as que são ao mesmo nível e as de nível superior, destacando-se nestas últimas os tombos das camas, cadeiras, escadas e janelas.

No exterior, as quedas mais habituais são sobre os pavimentos, ruas ou recreios, ou ainda (no grupo dos 5 aos 9 anos) na utilização de equipamentos de jogos: a pancada com os baloiços ou escorregas. Nestes casos há uma percentagem bastante elevada do tipo de lesões denominadas «contusão/equimose no crânio», o que se explica pelo facto de na criança a cabeça ser proporcionalmente maior do que no adulto.

Entre as 14 mortes referidas, duas foram de crianças entre os 10 e os 14 anos, que caíram na aula de ginástica, no que resultou o traumatismo da coluna.

Na idade pré-escolar, a incidência dos acidentes mais frequentes no interior de casa são os traumatismos por queda, entalão em portas e embate nas arestas da mobília, e embora normalmente não resultem na morte da criança, deixam sequelas graves.

Os entalões em portas, por exemplo, provocam lesões graves que na maioria dos casos leva à amputação dos dedos.

Segundo Paolo Casella, a explicação é simples: trata-se de miúdos muito pequenos, entre os 0 e os 4 anos (sobretudo quando começam a gatinhar) e não é possível, devido ao diminuto calibre dos vasos, a sua reimplantação, mesmo recorrendo à microcirúugia.

Um caso feliz, entre os muitos que aparecem no Hospital D. Estefânia, foi o de uma criança com 18 meses. Acidentalmente, os pais fecharam a porta sem repararem que ela gatinhava mesmo atrás.

A sua mão ficou entalada, resultando a amputação quase completa de um dedo. Depois de submetida a intervenção cirúrgica foi possível não lho retirar , mas ele será um dedo sempre com limitações.

Outro tipo de traumatismo frequente e perigoso acontece com as bicicletas. A criança cai sobre o guiador, o que pode provocar a fractura do baço e/ou figado, acarretando, na maioria dos casos, a morte por hemorragia interna.

A primeira regra

A alteração de determinados comportamentos dos adultos é a primeira regra para que muitos dos acidentes com crianças sejam evitados.

No seu estudo, intitulado «Alguns aspectos comportamentais dos consumidores», os médicos Luiz Espinosa e Inês Pó, depois de efectuarem uma série de inquéritos a famílias que acorreram aos bancos de urgência dos hospitais, concluíram que «um grande número de famílias não tinha sido alertada para o perigo dos acidentes domésticos pelos técnicos de saúde. No entanto, parece não haver uma diferença significativa no número de acidentes nas famílias alertadas e nas não alertadas».

O maior número de acidentes dá-se nas famílias de menores rendimentos e que vivem em habitações mais precárias, mas também nas restantes se registaram já problemas com crianças.

Um grande número de agregados familiares não tem os medicamentos guardados em sítios seguros, como armários fechados à chave, por exemplo, bem como os produtos de higiene pessoal e limpeza doméstica não estão fora do alcance das crianças.

Esta ausência de sensibilidade para o perigo que a ingestão de tais produtos provoca nos miúdos está na origem de grande número dos acidentes domésticos. A lexívia, os raticidas e detergentes encontram-se entre os produtos de higiene que as crianças mais ingerem, enquanto, no que diz respeito aos medicamentos, as vitaminas, os anti-concepcionais (pílula) e as benzodiazepinas são os «preferidos» pelos petizes.

Entre várias crianças com quem o «DL» falou, com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos, muitas são as que sabem onde estão guardados os medicamentos e várias as que a eles têm acesso.

«Sempre que estou enjoada vou ao armário buscar um comprido», afirmou Sandra Cristina, de 11 anos, norma também usada pelo João Paulo, de 12: «O meu pai já me explicou quais os medicamentos que devo tomar, e eu já sei o que fazer quando estou mal disposto», disse.

Os pesticidas foram, há alguns anos, os protudos responsáveis pela grande maioria das intoxicações infantis mas, segundo o dr. Paolo Casella, «o seu número tem vindo a diminuir devido a normas de segurança entretanto aplicadas, como sejam as aberturas de segurança e o evitar de cores chamativas nas embalagens».

A falta de conhecimento dos adultos quanto às substâncias utilizadas na composição de determinados produtos é também uma das razões por que os seus filhos já sofreram acidentes.

Paolo Casella referiu o caso de uma criança de dois anos que morreu no hospital, perante o sentimento de impotência dos médicos que a observavam.

«A criança ingeriu uma bicha de rabiar de Carnaval, que contém na sua composição fósforo, elemento que provoca uma necrose maciça do fígado, destruíndo-o. Entrou em estado de coma e faleceu, sem que nós tivéssemos possibilidade de fazer alguma coisa», contou.

Cozinha: inimigo número um

A parte da casa em que mais acidentes e de maior gravidade ocorrem é a cozinha, não só devido aos objectos cortantes que ali se encontram (facas, por exemplo) e produtos domésticos mas, sobretudo, pela presença do fogão.

No primeiro ano de funcionamento da Unidade de Queimados do Hospital de D. Estefânia (1987), «foram aqui tratadas 185 crianças com queimaduras graves, com estadas que variaram entre os 10 e os 55 dias, e duas delas faleceram», disse Paolo Casella.

A causa mais frequente é o derramamento de líquidos, como água a ferver, sopa, leite e chá. «Trata-se de crianças pequenas, sobretudo entre os 1 e 4 anos que, numa tentativa de imitação do que vêem as mães fazerem, aproximam-se dos fogões e tentam mexer nos tachos. Como são mais baixas, puxam-nos. Os líquidos derramam-se e atingem-nas principalmente na face, braços e mãos», disse Paolo Casella.

«Para evitar este tipo de acidentes bastaria o simples cuidado de pôr sempre as pegas dos utensílios de cozinhas viradas para dentro, de forma a que a criança não tivesse por onde puxar», acrescentou.

As queimaduras, segundo aquele médico, são os acidentes «mais onerosos, quer para a sociedade quer para as crianças, em termos de sobrecarga de sofrimento e de sequelas a longo tempo».

Também de refrir são os casos de queimaduras com a electricidade: os aquecedores, ferros-de-engomar, as ventoinhas, os fios e tomadas eléctricas. Pelo menos um caso destes por mês dá entrada no hospital.

«Normalmente, numa criança que agarra nos fios eléctricos ou mete a boca numa ficha, o que aparece imediatamente são duas pequenas lesões devido à entrada e saída da corrente, o que leva os pais a pensarem que se trata de uma quimadura simples», conta o médico do Hospital de D. Estefânia, acrescentando:

«Mas na maioria dos casos existem lesões profundas que só se tornam evidentes passados alguns dias, e as crianças acabam sempre por necessitar de cirurgia reparadora. Trata-se de acidentes que deixam sequelas graves, quer estéticas, quer funcionais. No caso concreto das queimaduras na boca podem deixar deformações dificilmente recuperáveis, devido à retracção dos tecidos envolvidos».

Estes são apenas alguns exemplos de casos que todos os dias aparecem nas urgências de qualquer hospital. E haverá alguém que não conheça pelo menos uma criança vítima de um acidente evitável?

Elsa Andrade

Prevenir é a primeira regra

Os acidentes com crianças entre os 0 e os 14 anos são elevados. A prevenção é a primeira regra.

Contrariando o ancestral conceito de que a casa é, por excelência, o local mais seguro para as crianças, aí está um estudo do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor a alertar: cuidado, a casa pode ser um sítio com inúmeros perigos.

Para evitar os acidentes mais frequentes, alguns conselhos:

Quedas: nas escolas coloque grades ou cancelas, que podem evitar as quedas, e também têm utilidade noutros locais da casa, como as entradas. Boa iluminação, passadeiras ou tapetes bem fixos e brinquedos arrumados são outros dos cuidados a tomar. Se tem vararandas, deixa a porta fechada. Não utilize beliches se tiver crianças pequenas.

Quedas das janelas: vale a pena pôr fechos de segurança, sobretudo nos quartos das crianças. Evite igualmente colocar mesas, cadeiras ou camas em frente das janelas, de forma a que os miúdos não se possam pendurar.

Embates contra vidraças (o perigo dos vidros): substitua os vidros baixos por vidros de segurança, ou cubra-os com tela plástica especial. Se não o puder fazer, chame a atenção das crianças para o perigo, colocando à altura dos seus olhos fitas adesivas coloridas nas vidraças. Não deixe brinquedos ou outros objectos diante de vidros baixos. Não deixe as crianças andarem com objectos de vidro nas mãos. Varra imediatamente os vidros partidos. Não basta apanhá-los, deite-os fora, para onde não possam ser apanhados.

Cozinha: ponha grades especiais no fogão, que evitam que as crianças cheguem aos tachos. Procure cozinhar nos bicos mais afastados da frente do fogão e mantenha as pegas dos taxos voltadas para dentro. Não tome bebidas quentes com crianças ao colo e não passe nada por cima das suas cabeças. Evite toalhas de mesa que as crianças possam puxar. Mantenha as crianças afastadas do ferro quente e do fio eléctrico.

Casa-de-banho: ponha tapetes antiderrapantes na banheira, evitando as quedas. Não deixe nunca uma criança sozinha na banheira.

Portas: compre amortecedores, que obrigam as portas a fecharem devagar, evitando assim os entalões.

Medicamentos e produtos de higiene: feche-os em armários com chave, fora do alcance das crianças. Procure comprar produtos de limpeza com embalagens com tampas de segurança. Não tenha medicamentos na mesa de cabeceira nem na mala de mão. Nunca mude produtos de higiene para embalagens de produtos alimentares.

Electricidade(fichas e tomadas): ponha protectores em todas as tomadas de corrente a que as crianças possam ter acesso. Verifique se tem fichas com os pinos do neutro e da fase parcialmente isolados. Estas fichas reduzem o perigo de sofrer um choque com a ficha parcialmente retirada da tomada e seria desejável que estas fichas equipassem todos os electrodomésticos. Um disjuntor de corrente mínima é uma protecção útil em todas as partes da casa: reduz os riscos de eletrocussão devidos a instalações defeituosas. Não deixe nenhum candeeiro sem a respectiva lâmpada.

E.A.

Queimaduras: os acidentes mais onerosos

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

QUOTIDIANO

Novo pacote laboral promete confronto

As centrais sindicais já falam em auxílio ao patronato e em Primavera quente

«Inaceitável» foi o termo com que as centrais sindciais, UGT e CGTP, definiram o ante-projecto de diploma governamental sobre legislação laboral, agora tornado público.

O documento do Ministério do Emprego introduz como justa causa para despedimento a redução de produtividade ou de qualidade de trabalho por inadaptação do trabalhador, o prejuízo reiterado, a deficiência na aplicação de conhecimentos relativos a cargos de complexidade técnica ou de chefia e risco para a segurança e saúde do próprio ou de terceiros.

UGT: confronto

Para Rui Santos Alves, da UGT, a posição da sua central «é idêntica há que sempre tivemos sobre a matéria e que deu origem à greve geral de 1988».

«Se o Governo pretende, sem consultar os parceiros sociais, pôr em cima da mesa um diploma que é susceptível de originar conflitos sociais, fez a sua opção: o Governo quer, de facto, o confronto», acrescentou.

Para aquele dirigente sindical, a confirmar-se as disposições do documento, «avizinha-se uma Primavera quente». A legislação laboral é um ponto-chave para a UGT e foi «uma das causas para o não acordo com o patronato».

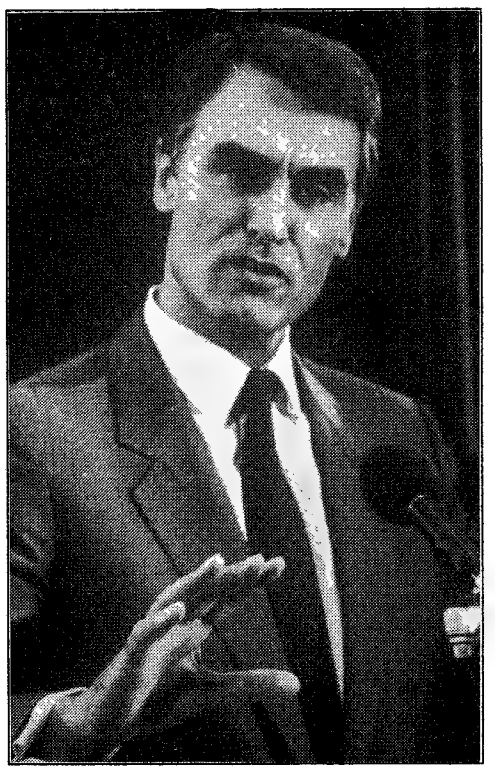
Sem afirmar já qual será a resposta definitiva da UGT, Rui Santos Alves disse que «a greve geral é obviamente um dos instrumentos ao alcance do movimento sindical».

Manuel Lopes, da CGTP, afirmou, por seu turno, que o Executivo pretende pôr na lei as cláusulas que foram objecto de parecer de inconstitucionalidade na anterior revisão.

Auxílio ao patronato

«Não pomos de parte nenhuma forma de luta. É bom que se conserve o bom-senso, mas se o Governo insistir nisso, é a prova provada de que é um bom auxiliar do patronato. O Executivo, em vez de ser um factor de equilíbrio social, opta pela instabilidade», acrescentou o sindicalista.

O DL pretendeu ouvir um representante da CIP mas, alegando desconhecimento do projecto, ninguém da confederação quis prestar declarações.



Cavaco e o Governo acusados pelas centrais sindicais de provocarem o confronto

Encontro de turismo em Lisboa

Lisboa vai acolher na próxima semana cerca de duzentos participantes do 1º Encontro Iberoamericano de Turismo, certame inserido no calendário oficial das comemorações do Ano Europeu de Turismo e cuja importância foi realçada pelo presidente da Câmara de Lisboa, na conferência de Imprensa hoje realizada.

A iniciativa, da responsabilidade do departamento de Turismo do município conta com a participação de representantes de vinte países filiados na UCCI (União das Cidades Capitais Iberoamericanas) e vai permitir, segundo Jorge Sampaio, «um real enquadramento de Lisboa como cidade atlântica, construindo a ponte entre os diversos países e assegurando a sua passada vocação cosmopolita que, deste modo, se transmite ao futuro».

O encontro tem por objectivo fomentar as relações entre as cidades capitais iberoamericanas a todos os níveis. A sua importância para o município lisboeta prende-se sobretudo com a possibilidade de transmitir «uma imagem do produto turístico que Lisboa é e pode vir a ser para os novos mercados» - disse, na conferência, Vítor Costa, vereador do Turismo.

A NICARÁGUA EM DEBATE

ELEIÇÕES, SANDINISMO E MUDANÇAS

Participação:
deputados
— Carlos Pimenta (PSD)
— Joaquim Miranda (PCP)
— Manuel Alegre (PS)
— Maria Santos («Os Verdes»)
e os jornalistas
José Manuel Lopes (Rádio Comercial)
José Pedro Barreto («o Semanário«/RTP)

Sexta-feira, dia 16 às 21.30h

CENTRO NACIONAL DE CULTURA
R. António Maria Cardoso, 68-3.º

GSAL

GSAL — Grupo de Estudos e Solidariedade com a América Latina

Sindicatos e patrões falharam acordo

Concertação social: Governo poderá ser alternativa

Como era já previsível, não houve ontem acordo entre patrões e sindicatos na derradeira reunião bilateral no âmbito da concertação social. Qual o futuro é agora a interrogação que se põe, e o DL soube já que a UGT vai tentar outra via: o diálogo com o Governo, com vista a um amplo acordo, enquanto a CGTP tentará igualmente uma negociação séria com o Executivo e intensificará a lutas dos trabalhadores.

Foram sete horas de reunião entre as centrais sindicais e as confederações patronais, já na sexta reunião, para voltarem ao princípio: «Prosseguirão, como no passado, o diálogo e a concertação em busca de posições comuns». Assim termina o lacónico comunicado com que as confederações patronais e sindicais informaram os jornalistas sobre o fracasso das tentativas para um acordo.

Para compensar, afirmam que apesar do desfecho, as negociações serviram para «um conhecimento mais profundo e rigoroso das posições mútuas». Não foi o fim da concertação social, mas sim a conclusão de que «a necessidade de modernização da economia, da melhoria dos salários e das condições de trabalho e de aumento da produtividade e de competitividade das empresas, sendo objectivos comuns, são equacionados diferentemente pelas partes quanto às suas raízes e quanto às vias para as alcançar». Perante este cenário, cada uma das partes iniciou já o estudo da sua estratégia para o futuro.

A UGT, segundo afirmou ao DL Rui Santos Alves, reúne o seu secretariado executivo amanhã de manhã para uma «análise serena e séria de como vai ser o futuro».

«Há um terceiro parceiro social que ficou de fora nestas reuniões, o Governo», disse o sindicalista, para acrescentar: «Vamos virar os nossos esforços para esse lado, tentar essa via».

A central, segundo disse, foi «mantendo alguns elos com o Governo», embora «nunca conclusivos. Vamos a ver se há condições - e quais -, para um acordo com o Executivo». Rui Santos Alves deixou claro que a sua central não está disponível para um acordo «só sobre salários e preços, mas para negociar um conjunto de matérias como a Segurança Social, a formação profissional e a higiene e segurança no trabalho, entre outras». O acordo, a firmar-se «é para não ser só para este ano», acrescentou, explicando que «estamos já a meio de Março e grande parte dos contratos de trabalho e tabelas salariais estão concluídos ou em vias disso. Se nas próximas duas ou três semanas não se vislumbrar um cenário de acordo, já não vale a pena pensar nele», o que quer dizer que «deixa de ter interesse um acordo com o Governo, se este não for mais amplo».

CGTP: mobilizar é preciso

A CGTP, por seu turno, anunciou ontem no final da reunião, através das declarações do seu coordenador nacional, Manuel Carvalho da Silva, que «provou-se que há condições para aumentos salariais mais rápidos e para uma melhor protecção social».

«A argumentação das organizações patronais é que há possibilidade para aumentos rápidos dos salários. A CGTP vai continuar a lutar por isso», deixou claro o líder da Inter. Em declarações ao DL, José Ernesto Cartaxo, daquela central, confirmou que a estratégia futura está já em estudo, na reunião do Conselho Nacional hoje a decorrer, prosseguindo no plenário de sindicatos de dia 21.

A situação actual e o fracasso das negociações com o patronato estão em análise e, nessa perspectiva, a acção da CGTP vai no sentido de «manifestar a nossa disponibilidade para o diálogo e negociação séria com o Governo e com as forças partidárias, bem como no esclarecimento e mobilizaçãodos trabalhadores para prosseguir e intensificar a movimentação social para conretizar o objectivo da melhoria do poder de compra dos salários».

CNEP: alterar as regras do jogo

Ferraz da Costa, falando em nome das confederações patronais agora englobadas no CNEP (Conselho Nacional das Empresas Portuguesas), acusou as centrais sindicais pelo fracasso das negociações.

«Não houve acordo porque isso implicaria alterações de algumas regras do jogo de mercado de trabalho», disse o representante dos empregadores referindo-se a aspectos da legislação laboral de que os sindicatos não abriram mão. «As próprias centrais sindicais reconhecem a necessidade de mudanças, mas têm dificuldade em as assumir neste momento», disse, acrescentando que as empresas estavam dispostas a «um sacrifício de 85 a 90 milhões de contos por ano» para os aumentos salariais.

Após cinco tentativas para chegar a acordo, a reunião de ontem pôs o ponto final nas discussões. Foram sete horas seguidas, com almoço na própria sala. A CGTP entrou com a mesma delegação com que saiu: Manuel Carvalho da Silva, José Ernesto Cartaxo e Ruben Rolo. A UGT, pelo contrário, entrou na sala representada por Pereira Lopes, João Proença e Agostinho Roseta, mas lançou um SOS a Elisa Damião e Rui Santos Alves, que apareceram a meio da tarde. E os patrões contaram também com o reforço de Nogueira Simões, da CIP. O encontro foi mesmo a «partir pedra». E «embora se tenha constatado a existência de posições de entendimento ou aproximação nalgumas matérias», como afirmam no comunicado final conjunto, «a sua importância não justificava a formalização de um acordo».

Em causa, sempre, a legislação laboral, nomeadamente no que diz respeito à lei dos despedimentos. O CNEP queria a «flexibilização nos depedimentos (quebra de confiança nos quadros superiores, a não pobrigação de reintegração do trabalhador quando não ficar provada a justa causa, a inadaptação ao posto de trabalho), o direito à greve, o 'lock-out' e ainda o direito de recorrer ao trabalho temporário». Desses direitos, os sindicatos não abrem mão nem por nada: foi pela sua salvaguarda que fizeram a greve geral de 1988.

Elsa Andrade

QUOTIDIANO

Sampaio foi a Belém ver terapêutica de ataque

Pontualmente, às zero horas de hoje, o presidente da edilidade lisboeta chegou à Praça Afonso de Albuquerque. As suas pegadas ficaram marcadas no alcatrão fresco

Jorge Sampaio escolheu a zona fronteira ao Palácio de Belém para observar *in loco* os trabalhos de pavimentação que decorrem naquela zona da cidade. A «terapêutica de ataque» que agora se estende a outras áreas da capital «já faz parte das 50 medidas de emergência» disse ao DL o presidente do município. «As outras 49 só estão à espera que o Orçamento seja aprovado, o que deverá suceder até ao fim do mês. Está quase tudo pronto», acrescentou.

A elaboração deste documento, fundamental para o pleno funcionamento da edilidade, não tem deixado tempo livre a Sampaio que confessou estar a sair, quase todos os dias, dos Paços do Concelho às quatro da manhã. Todavia, ontem, à meia-noite o presidente do município não faltou ao prometido. Esteve em Belém para assistir aos trabalhos de pavimentação de ruas. A escolha do local não foi obra do acaso. «É uma zona de representação da cidade», disse Jorge Sampaio.

O presidente da Câmara acompanhou os trabalhos de repavimentação em Belém

Durante a visita, o presidente observou, ouviu atentamente e fez perguntas. Quis saber quais são as diferentes fases do trabalho e como se processa. Os engenheiros e técnicos municipais explicaram: «Aqui em Belém o novo pavimento terá uma altura de quatro centímetros. Estamos agora na última fase, a proceder à aplicação do tapete de desgaste. Primeiro foi tudo fresado, isto é, levantámos o pavimento antigo, levou uma camada, seguidamente uma rega de colagem, depois o pavimento foi espalhado e agora passa-se-lhe o cilindro por cima».

Para Belém, tal como para outras ruas da cidade (bairros residenciais) que se encontram em estado impraticável, a estratégia adoptada pela Câmara é a de «controlar a situação». A «cura» não é eterna, já que segundo Machado Rodrigues, vereador responsável pelo pelouro do Trânsito, os pavimentos agora aplicados «têm uma durabilidade aproximada de 4 anos». Depois terá de proceder-se a uma renovação.

As obras não serão só para tapar buracos. Numa segunda fase, o município pretende empreender a reconstrução integral de determinadas artérias. Serão operações mais complicadas pois além dos pavimentos, a rede de esgotos também deverá ser remodelada. Incluem-se neste grupo a Calçada do Combro, a Rua da Junqueira, a Calçada da Boa-Hora, a Estrada da Luz e a Avenida Mouzinho de Albuquerque, cujas obras foram já adjudicadas.

Batalha ganha

Segundo as contas da Câmara, os eixos já repavimentados «perfazem, na sua totalidade, cerca de 42 quilómetros de faixas de rodagem automóvel, encontrando-se em curso mais cinco quilómetros de repavimentação e 33 de reconstrução».

No final da visita Jorge Sampaio mostrou-se satisfeito com o andamento dos trabalhos. Agradeceu aos técnicos e trabalhadores pelo esforço. Falou de prioridades e de uma batalha ganha. «Agora temos de passar para os casos mais graves», disse.

Antes de se ir embora, já perto da uma da manhã, ainda pensou ir aos «Pastéis de Belém». Ignorou a comparação com a atitude do seu ex-concorrente, Marcelo Rebelo de Sousa, que teve a mesma ideia durante a campanha. «Agora até já posso tomar banho no rio», disse.

Luísa Alexandra Botinas

Para além da eliminação total da publicidade

Parlamento Europeu propõe fim dos cigarros sem filtro

A CEE prossegue a sua cruzada contra o excesso do consumo do tabaco. Desta feita, o Parlamento Europeu recomendou medidas radicais: fim aos cigarros sem filtro e a todo e qualquer tipo de publicidade a estes produtos.

De facto, o tabaco sem filtro deverá ter os dias contados em Portugal e nos restantes países da comunidade, segundo um despacho da agêdncia Lusa. Esta é, pelo menos, uma das consequências de uma proposta de directiva aprovada pelo Parlamento Europeu, que limita o teor, em alcatrão, dos cigarros fabricados na CEE.

Cerca de metade dos cigarros vendidos na CEE tem uma taxa de alcatrão superior aquela permitida pelo Parlamento: 12 miligramas, a partir de 31 de Dezembro de 1997.

De acordo com o estudo realizado a pedido daquela instituição, estes limites do teor em alcatrão implicam o desaparecimento no mercado dos cigarros sem filtro. Algumas marcas, segundo o mesmo documento, podem ser profundamente modificadas, recorrendo a filtros mais eficazes e a misturas diferentes.

O Parlamento aprovou ainda a proibição de publicidade aos produtos do tabaco através da imprensa, de cartazes, de filmes e de qualquer outro suporte publicitário ou mediante actividades patrocinadas.

Outra consequência da proíbição dos cigarros sem filtro traduz-se no prejuízo que irá provocar entre os plantadores de tabaco. Cerca de 65 mil agricultores da CEE tem o emprego ameaçado.

Portugal é pouco prejudicado

Em Portugal, país que se dedica desde há cerca de 15 anos à cultura do tabaco, as medidas aprovadas não irão ter grandes consequências. A maioria das plantações é recente e o tabaco produzido é de qualidade, pelo que as limitações impostas pela CEE não deverão causar problemas, ao contrário do que vai acontecer, por exemplo, na Grécia e em menor escala na França.

Aliás o governo de Atenas goza de uma concessão extraordinária, até ao ano 2006, para aplicação da directiva.

Ainda no sector da saúde, o Parlamento Europeu aprovou mais dois relatórios, um que se inscreve na campanha, «A Europa contra o cancro», da autoria da eurodeputada francesa Simone Veil e outro que limita a publicidade ao tabaco irlandês Andrews. O relatório Veill defende que a execução do programa deve passar de 55 para 80 milhões de ECU.

A relatora justifica o aumento proposto, afirmando que o objectivo do projecto - redução, em 15 por cento, do número de vítimas do cancro até ao ano 2000 - se torna irrealista, se não forem aumentados os meios indispensáveis para a sua execução.

O alarme e as soluções

Os portos e a costa estão em perigo

Por lamentável lapso de informação, os textos recolhidos na «Revista de Marinha», publicados na edição do «DL» do passado dia 14, e por nós atribuídos ao almirante Conceição Silva, chefe do Estado- Maior da Armada, são sim da autoria do comante Conceição Silva, oficial na reserva e formado em Direito.

Do equívoco pedimos sinceras desculpas àqueles dois oficiais e aos nossos leitores.

Clube Português de Imprensa

PRÉMIOS DE JORNALISMO/89

Prémio de Reportagem — *Valor 500 000$00.*
Prémio de Foto-reportagem — *Valor 500 000$00.*
Apoios: Diário de Notícias, EP, Sojornal, Presselivre, Empresa do Jornal de Notícias, Edipress, «Diário de Lisboa», Proinfec, Selecções Reader's Digest, Interpress, VASP, Projornal, SOCI — Sociedade de Comunicação Independente, SA, Direcção-Geral de Comunicação Social. **Prazo de entrega:** *31 de Março.*

Prémio de Reportagem (Televisão) — *Valor 500 000$00.*
Apoio: RTP. **Prazo de entrega:** *31 de Março.*

Prémio de Reportagem (Rádio) — *Valor 500 000$00.*
Apoio: RDP. **Prazo de entrega:** *31 de Março.*

Prémios Revelação (Imprensa/Televisão/Rádio) — *Valor 500 000$00.*
(Destinado a jovens jornalistas com idade não superior a 25 anos).
Apoio: Direcção-Geral de Comunicação Social. **Prazo de entrega:** *31 de Março.*

Prémio Europa — *Valor 500 000$00.*
(Trabalho sobre a adesão de Portugal às Comunidades, publicado na Imprensa, da autoria de jovens jornalistas ou colaboradores de jornais com idade não superior a 25 anos).
Apoio: Caixa Geral de Depósitos. **Prazo de entrega:** *31 de Março.*

Prémio Ensaio — *Valor 250 000$00.*
(Destinado exclusivamente a estudantes de Comunicação Social. Trabalho original sobre os «media», com o máximo de 40 páginas dactilografadas).
Apoio: Presselivre. **Prazo de entrega:** *31 de Março*

Prémio Viagem — *1 viagem para duas pessoas, com 5 dias de alojamento, para qualquer destino TAP (Crónicas de Viagem publicadas em 89).*
Apoio: TAP-Air Portugal. **Prazo de entrega:** *31 de Março.*

«Clube do Coleccionador»

Os CTT possuem a partir de agora mais uma publicação de qualidade, com excelente aspecto gráfico, destinada exclusivamente aos sócios do Clube do Coleccionador dos Correios. Sai de três em três meses e a sua distribuição é gratuita. Chama-se «Clube do Coleccionador» e é dirigida por Luiz Duran. A direcção executiva pertence a Almeida Gonçalves e a Redacção é composta por Teixeira Gomes e Maria João Lopes. No primeiro número da revista, posto este mês à disposição dos sócios do clube, destacam-se textos acerca dos 700 anos da Universidade em Portugal, a pretexto de uma emissão de selos comemorativa da efeméride; uma conversa com o pintor José Cândido, autor da primeira moeda bimatálica portuguesa - a de 100 escudos; uma apresentação das últimas edições da Imprensa Nacional-Casa da Moeda - o *Cancioneiro da Ajuda*, as *Poesias Inéditas de P. de Andrade Caminha* e as *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* - e da obra *Lacas Namban em Portugal* da Dra. Maria Helena Mendes Pinto, editada por Edições Inapa; uma sequência fotográfica, reproduzindo exemplares de uma colecção preciosa de *netsuke* (espécie de fecho com que os japoneses, em tempos idos, prendiam ao quimono pequenas bolsas onde transportavam objectos indispensáveis); e, ainda, a Montra do Coleccionador, que não se limita a informar sobre o lançamento de selos, moedas e medalhas, mas estende as suas propostas pelo livro, o vídeo, a pintura, a joalharia e outras peças de arte em variados materiais.

Sindicato dos Jornalistas

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Por dificuldades na composição dos textos a distribuir aos associados, comunico que a sessão ordinária da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas convocada para 15 de Março de 1990, fica adiada para o dia 23 de Abril de 1990, às 20.30 horas, na Sede do Sindicato — Rua dos Duques de Bragança, 7 — 2.º andar, em Lisboa, com a mesma ordem de trabalhos: APRECIAR E VOTAR O RELATÓRIO E AS CONTAS REFERENTES A 1989.

Na Delegação do Norte, a Assembleia funcionará no mesmo dia e à mesma hora e com a mesma ordem de trabalhos.

Não havendo número legal de sócios à hora indicada, a Assembleia funcionará uma hora mais tarde com qualquer número.

Lisboa, 13 de Março de 1990

O Presidente da Assembleia Geral do SINDICATO DOS JORNALISTAS
Mário Oliveira Figueiredo

QUOTIDIANO

Entre várias iniciativas oficiais, três autocarros da Carris percorrem Lisboa, encorajando o consumo criterioso de bens e serviços

Exposições itinerantes esclarecem o consumidor

O Dia Mundial do Consumidor está hoje a ser oficialmente celebrado em Lisboa através de iniciativas que incluem exposições itinerantes, visando proporcionar esclarecimentos acerca dos direitos de quem consome.

Essas exposições percorrem desde manhã a cidade em autocarros da Carris, num esforço por levar à prática uma directiva enunciada à Lusa pelo secretário de Estado do Ambiente Macário Correia, segundo a qual «não se fez política do consumidor no gabinete», mas sim «na rua», contacto directo com os problemas quotidianos.

Os autocarros, três velhas viaturas da Carris farão do Rossio, de Entrecampos e da Praça de Figueria as bases das deambulações, cujo objectivo será o de inteirar os consumidores sobre os próprios direitos.

Alimentação, vestuário e calçado constituem as áreas do consumo contempladas por esta iniciativa, a mais notória das que assinalam a efeméride.

Outra, consistiu na aula de abertura do primeiro curso autónomo de «Direito ao Consumo», no auditório da Direcção-Geral dos Recursos Naturais, presidida pelo ministro do Ambiente Fernando Real.

O Governo promoveu também uma distribuição volante de comunicados, encorajando os consumidores a assumirem a defesa dos seus direitos, designadamente recorrendo ao Centro de Arbitragem do Consumo.

Neste Centro, realizou-se a cerimónia da formalização da adesão ao seu Tribunal — destinado à resolução, por um sistema de arbitragem voluntária, de pequenos conflitos de consumo ocorridos na capital — de duas importantes empresas de serviço público, a EDP e a EPAL.

Estas celebrações lisboetas do Dia Mundial do Consumidor visam a correcção de uma situação que o director do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, Manuel Lucas Estevão, caracterizou à Lusa definindo Portugal como «o País da CEE onde as pessoas mais calam e mais consentem».

A agência noticiosa acrescenta a informação de que os julgamentos dos processos instruidos pelo Centro de Arbitragem do Consumo principiam na próxima semana.

B R E V E S

Abaixamento do preço do azeite

O ministro da Agricultura, Arlindo Cunha, afirmou ontem, à saída de uma reunião no Parlamento, que o preço do azeite deverá baixar progressivamente a partir de Janeiro de 1991 , logo que se concretize a ajuda comunitária ao consumo. O governante frisou que uma das velhas «aspirações de Portugal» é obter essa ajuda antes do início da segunda fase de transição da agricultura portuguesa. «Se não o conseguirmos, teremos esse auxílio a partir de Janeiro», acrescentou.

Secretariado Europa 1992 institui prémios jornalísticos

O Secretariado Europa 1992 instituiu os prémios Europa 1992 nas modalidades «Jornalismo» e «Ensino Académico», no valor de 750 contos cada, anunciou, em Lisboa, o Ministério português dos Negócios Estrangeiros. Os trabalhos dos jornalistas concorrentes versarão obrigatoriamente assuntos relacionados com a criação do mercado interno e serão classificados segundo «a qualidade, o estilo e a actualidade» dos temas. O júri é constituído por Rui Vilar, Fausto de Quadros, e pelos jornalistas Maria Elisa, Mário Mesquita e Luís Ochôa. Os prémios serão atribuídos a 9 de Maio próximo, em cerimónia integrada nas comemorações nacionais do Dia da Europa.

Portugal faz aposta em salão parisiense

O Salão Internacional do Estudante, ontem inaugurado em Paris, constitui «a maior aposta que Portugal já fez em termos de imagem internacional no domínio da juventude», segundo António Pinheiro, adjunto do secretário de Estado da Juventude. A comitiva portuguesa é chefiado pelo referido secretário de Estado, Miguel Macedo e integra 32 delegados, entre os quais 20 estudantes representando a quase totalidade das universidades portuguesas. O certame destina-se à divulgação do movimento associativo académico dos países da CEE.

Sindicatos da saúde preparam jornada

Os sindicatos da Função Pública estão a preparar uma jornada de luta, a realizar em Abril, com o objectivo de «pressionar o ministro da Saúde a abrir-se ao diálogo com os representantes dos trabalhadores», anunciou Vítor Duarte, membro da Comissão Executiva da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública. Este responsável afirmou ainda que a sua federação «considera inadmissível que o Governo, depois de receber os representantes dos médicos e enfermeiros, recuse dialogar com os representantes dos trabalhadores».

Teoria e prática matemáticas em livro

Da autoria de Maria Augusta Ferreira Neves e Maria Teresa Coutinho Vieira, a Porto Editora lançou no mercado o manual «Acesso ao Ensino Superior — Matemática» que, a par do resumo teórico das diferentes matérias, inclui exercícios resolvidos e propostos, complementados com a resolução integral de algumas provas específicas. As autoras procuraram, segundo nota inclusa, «alertar os candidatos para as vicissitudes de todo o processo, tentando proporcionar-lhes a experiência e os conhecimentos necessários a um sucesso seguro nas provas a que irão submeter-se».

Secundária das Olaias dá prazo a Ministério

Os professores da Escola Secundária das Olaias decidiram dar ao Ministério da Educação o prazo de 21 de Março para a resolução de problemas que afectam o funcionamento daquele estabelecimento de ensino. «Esta escola deveria ter, pelo menos, 18 funcionários, mas só tem 11. Quatro estão em baixa prolongada e o Ministério não substitui ninguém. Os assaltos são constantes. Há um segurança no Ministério que aparece às vezes» — disse ao DL um membro do Conselho Directivo. Os docentes da escola tiveram que optar pelo funcionamento por turnos devido à falta de pessoal. Dizem que, se o Ministério não fizer nada até dia 21 tomarão «outras medidas, apoiados pela Associação de Pais».

Prevenção dos cancros da mama e do útero

Vão ser criadas, este ano, cerca de vinte unidades de rastreio do cancro da mama e do colo do útero em todo o País, anunciou ontem, José Conde, responsável nacional no Comité Europeu de peritos de Oncologia, em conferência realizada no Centro Jean Monnet. Por seu turno, o ministro da Saúde, Arlindo Carvalho, disse que uma verba de 200 mil contos, do PIDAC, vai ser disponibilizada para operações de rastreio, no âmbito do plano de acção que integra o programa comunitário «Europa contra o cancro».

Franceses aprendem a ler Porto

Os franceses são os campeões do mundo do consumo de vinho do Porto, mas admitem que sobre o assunto sabem muito pouco. Para começar, classificam-no entre as inúmeras e sempre crescentes espécies de aperitivos industriais, esquecendo que, antes do mais, se trata de vinho. Mas, escreve em «Le Monde» o especialista Jean-Yves Nau, «o desconhecimento geral dos nossos contemporâneos pelos frutos da vinha, não é, neste caso, a única razão. É que o país maior comprador de Porto é também o que consome o pior da escolha desta produção portuguesa.

Por isso mesmo, também ignoram, na maioria dos casos, assinala o mesmo crítico, que o vinho do Porto pode atingir assinaláveis cumes enológicos e culturais

Para tentar evitar esse desconhecimento nada melhor que «fazer uma visita guiada no labirinto olfactivo desses grandes vinhos». O que acaba de ser feito por um outro especialista, Jean Lenoir, ao lançar em Paris, há poucos dias, muito apropriadamente no restaurante português «Saudade», o seu livro « *Nez du Porto* » (O nariz do Porto), agora à venda em todas as lojas de vinhos francesas a um preço muito acessivel, por poucos escudos mais que uma nota de conto.

Para já, pois, os franceses vão poder ler o Porto. Espera-se que façam uma boa leitura para o saberem beber convenientemente. Porque já, por exemplo, Somerset Maugham assinalava não haver coisa pior que «ir uma pessoa ao Continente e oferecerem-lhe um cálice de Porto a uma hora inconveniente»...

CULTURA

Falar de cinema

«Mulherzinhas de aço»

FLORES DE AÇO (Steel Magnolias) - R: Herbart Rosa (EUA, 1989); A: Robert Harling, segundo peça teatral de sua autoria; F (cor): John A. Alonzo; M: Georges Delerue; Mont: Paul Hirsch; Dir. art: Gene Callaghan e Edward Pisoni; P: Ray Stark/Tri Star; I: Sally Field, Dolly Parton, Shirley Mac Laine, Daryl Hannah, Olympia Dukakis, Julia Roberts, Tom Skerritt, Sam Shepard, Dylan McDarmott, Kevin J. O'Connor, etc D: m; Dist: Columbia, tri Star e Warner; Est: Amoreiras, Mundial, Star, Quarteto e Las Vegas; Ol: *** (M/12 anos).

Flores de Aço são as mulheres, neste filme «feminista» de Herbert Ross que adapta uma peça teatral de grande sucesso nos palcos de Nova Iorque e da autoria de Robert Harling. Dizem-nos que a obra teatral tem muito de autobiográfica, sobretudo no seu cenário sulista (a cidade chama-se Chinquapin e refere Natchitoches, no Louisiana, terra onde Harling passou grande parte da sua juventude) e nas duas figuras fulcrais do melodrama, interpretadas por Sally Field e Julie Roberts, respectivamente mãe e irmã do dramaturgo. Mas o filme de Herbert Ross tem alguns aspectos curiosos que lhe advêm do facto de se deixar atravessar por escritas que têm a ver com o teatro donde parte, com o cinema por que se expressa e pela televisão que influencia visivelmente o produto final. O que se vê é um filme para cinema, retirado de uma peça teatral, mas ao que julgamos assistir é realmente a um episódio zero de uma série televisiva norte-americana, concebida para públicos femininos, um pouco na linha de tantas já vistas entre nós, como por exemplo, «Maude».

Em teatro, tudo se passa na sala de um salão de cabeleireiro de senhoras, onde se encontram seis mulheres de gerações diferentes, que trocam confidências, cortam na casaca umas das outras, ironizam com o seu destino e demonstram uma força de aço sempre que a tragédia lhes bate à porta, como é o caso de M'Lynn e Sherby Eatenton, mãe e filha. Na sua transposição para o cinema, o espaço fechado do salão deu lugar a muitos exteriores e a acção dispersou-se por diversas situações que todas elas têm a ver com datas festivas (o filme começa numa Páscoa e acaba numa outra, creio que dois anos depois, passando por Natais e noites de Fim de Ano, Halwoeens, casamentos e aniversários...), mas tem o seu cebntro dramático na figura de Shelby, uma diabética que é aconselhada a não ter filhos, contraria as opiniões médicas, engravida, dá à luz uma simpática criança loura que, todavia, irá precipitar uma crise de rins, e tudo o que daí advem... A mãe cede-lhe um rim, para que ela possa continuar a viver, mas o drama instala-se naquela família.

A forma como Herbert Ross nos descreve uma pequena cidade da província norte-americana é muito boa, com meia dúzia de planos que situam as datas e alguns apontamentos que definem mentalidades e estilos de vida.

O elenco de luxo reunido para dar corpo às personagens é notável, impondo uma humanidade a cada uma delas que nos leva a supor conhecermos aquelas mulheres desde sempre. O tom de melodrama adoptado é, no entanto, sabiamente administrado, conjugando-se com uma certa desenvoltura de comédia, que é um dos aspectos mais curiosos desta obra. Nunca se instala em definitivo um tom. A oscilação é constante e por vezes quase brusca, mas sempre dominada pelos autores. Vejam se as cenas em casa de M'Lynn, com alguns trocadilhos de humor bem negro, relativos à troca de orgões entre mãe e filha; veja-se a sequência final, no cemitério, com M'Lynn a ser confrontada com situações de pura final, no cemitério, com M'Lynn a ser confrontada com situações de pura comédia, quando acaba de enterrar a filha... Afinal a forma encontrada por Marlind e Herbert Ross para mostrarem que a vida sobrevive à morte e que todos encontramos dentro de nós forças ocultas que nos levam a ultrapassar as maiores provações. Este é um dos lados mais interessantes por que pode ser visto *Steal Magnolias*, um filme de mulheres feito a pensar essencialmente num público feminino, onde as mulheres não têm tiradas feministas, mas dominam e controlam os acontecimentos, oferecendo-nos assim um retrato de corpo inteiro do dia-a-dia do matriarcado norte-americano.

Infelizmente, perpassa por toda a obra uma sensação de filme concebido com vista aos pequenos «écrans» de televisão, de teledramático dirigido ao mercado de vídeo-cassetes que lhe retira força e fôlego e o coloca junto de produtos convencionais com o seu quê de «já visto» numa qualquer «Pela Noite Dentro», onde foram abordados casos mais ou menos idênticos, ainda que aqui a qualidade da interpretação se sobreponha a esses modelos.

Lauro António

Herbert Ross

Nasceu em 1927 em Brooklyn, Nova Iorque. Estudou «ballet» e coreografia e antes de se estrear, em 1969, no cinema, como realizador, foi um importante coreógrafo da Broadway em espectáculos como *House of Flowers*, *You Can't Get it Wholesale*, *Golden boy*, *Do I Hear a Waltz* ou *On a Clear Day You Can See Forever*.. No cinema, colaborou com Preminger. (*Carmen Jones)*, Robert Mulligan (*Inside Daisy Clover)*, William Wyler (*Funny Girl*) ou Richard Fleischer (*Doctor Dolittle*). Como realizador, é muito desigual, capaz do melhor (*Dinheiro do Céu*, um dos mais inventivos musicais das últimas décadas) e do mais convencional.

Filmografia:

1969: *Goodbye, Mr. Chips* (Adeus, Mr. Chips); 1970: *The Owl and the Pussycat* (O Macho e a Gatinha); 1979: *T. R. Baskin* ou A Date with a Lonely Woman (Encontro com uma Mulher Só); *Play it Again, Sam* (O Grande Conquistador); 1972: *The Last of Sheila* (A Charada da Morte); 1974: *Funny Lady* (Funny Lady); 1975: *The Sunshine Boys;* 1976: *The 7-per-Cent Solution* 1977: *The Turning Point* (A Grande Decisão); 1977: *The Goodbye Girl* (Não Há Dois sem Três); 1978: *California Suite* (Um Apartamento na Califórnia); 1980: *Nijinsky* (Nijinsky); 1981: *Pennies from Heaven* (O Dinheiro do Céu); 1982: *I Ought to be in Pictures* (para TV); 1983: *Max Duncan Returns* (O Regresso do Aventureiro); 1984: *Footloose* (Footloose); *Protocol* (Protoloco); 1987: *The secret of my Success* (O Segredo do Meu Sucesso); 1988: *Dancers* (Um Amor Proibido); 1989: *Steel Magnolias* (Flores de Aço).

Salgado de Matos não foi demitido do Instituto Português de Cinema

Presidente do Instituto Português de Cinema há sete anos, Salgado Matos foi ontem reconduzido no cargo, depois de uma reunião com o Secretário de Estado da Cultura. No final da reunião com Santana Lopes, o presidente do IPC afirmou aos jornalistas que continuava em funções, acrescentando que ía agora ser nomeado o júri para o concurso geral de subsídios à produção.

Recorde-se que, como o «DL», referiu há dias, tal concurso está atrasado. A razão deste atraso, porém, não se deve, como afirmava o "Expresso", ao facto de Salgado Matos ter estado ausente durante um mês. Muito menos a ter faltado a qualquer reunião com Santana Lopes. Estas inverdades que aquele semanário publicava, em prosa não assinada, na sua última edição, levaram a que (conforme ontem declarou) Salgado Matos tenha apresentado queixa contra o "Expresso" no Conselho de Imprensa.

O «DL», antes mesmo de saber se Salgado Matos continuava em funções, ouviu algumas personalidades ligada ao cinema. Cunha Telles, presidente da Associação dos Produtores, considerou que a gestão de Salgado Matos tem sido "inteligente, competente e responsável".

Para Paulo Branco, embora com alguns erros, tem sido "extremamente positiva". Finalmente para Fernando Lopes o problema não é Salgado Matos, é o próprio IPC, que não funciona, segundo o realizador de "Matar Saudades". Houve ainda um cineasta que acusou Salgado Matos de ser "uma figura salazarenta", mas, convidado a responsabilizar-se pela afirmação negou-se a fazê-lo.

Suicidou-se o psiquiatra Bruno Bettelheim

O melhor do mundo (para as crianças) são as fadas...

Bruno Bettelheim, o psiquiatra norte-americano de origem austríaca, conhecido em todo o mundo pelos seus trabalhos sobre crianças psicóticas, suicidou-se terça-feira, numa casa de saúde de Silver Spring, perto de Washington: asfixiou-se enfiando um saco de plástico pela cabeça. Tinha 86 anos.

Discípulo de Freud, e um dos seguidores de Melanie Kleine (também discípula de Sigmund) que se dedicou nomeadamente à observação psicanalítica das crianças, Bruno Bettelheim, que muitas obras sobre o assunto escreveu, distinguiu-se, através de uma grande subtileza, com o estudo «Psicanálise dos Contos de Fadas» (Livraria Bertrand, 1984).

Nessa obra, multifacetada, Bettelheim escreveu, por exemplo, o que, na verdade, interessa a todos quantos se dedicam à literatura infantil:

«Para que uma história possa prender verdadeiramente a atenção de uma criança, é preciso que ele a distraia e desperte a sua curiosidade. Mas, para enriquecer a sua vida, ela tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Em suma, precisa de estar simultaneamente relacionada com todos os aspectos da sua personalidade - e isto sem nunca a amesquinhar, mas, antes pelo contrário, dando todo o crédito à seriedade das suas exigências e dando-lhe conjuntamente confiança em si própria e no futuro.»

Quando o fruto é verde...

Melanie Kleine, que, embora admirasse Freud, "viu" que o mundo principiava antes do divã da psicanálise, optou, na devida altura, pela "decifração" da vida infantil, descendo aos mais pequenos pormenores, quer psíquicos, quer fisiológicos, chegando, inclusive, a criar um certo escândalo pela sua actuação nesse campo.

Bruno Bettelheime não foi indiferente aos estudos de Melanie Keine - e, assim, procurou "ver" as crianças, já acrescidas mais idade, nos contos de fadas (e outros) que lhes eram destinadas. Não é de admirar, por conseguinte, que no livro acima mencionado, sejam escalpelizados títulos como, entre outros, «Os Três Porquinhos», «Sindbad, o Marinheiro», a textura de «As Mil e Uma Noites», «Hansel e Gretel», «A Menina do Capuchinho Vermelho», «Branca de Neve», «A Bela Adormecida», «A Gata Borralheira», «A Bela e o Monstro» ...

Através desses contos, analisados exaustivamente, Bruno Bettelheim, revela-nos a inigualável importância dos contos de fadas que, para além do seu papel educativo, estimulam e libertam as emoções das crianças na idade em que (passe a expressão) ainda são "verdes". Óbvio - o amaduracimento esparaas...

Frutos maduros

Nesse amaduracimento, nos anos que se vão celebrando, com ou sem bolos de velas, com ou sem canções de aniversário, é que o fracasso muitas vezes se insinua - e o divã do psicanalista surge, não raro, como o horizonte indispensável.

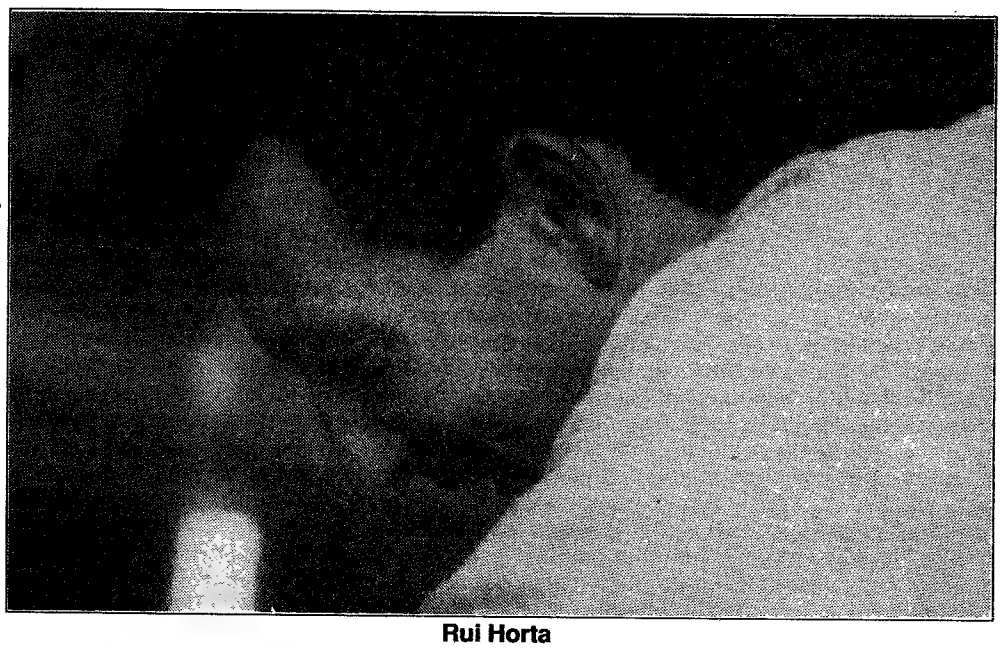
Ora o propósito de Bettelheim (embora o falhanço seja também uma hipóse a encarar) foi o de evitar o divã do psicanalista, buscando a criança nos muitos contos fantásticos que lhe são contados. Esses contos, por assim dizer, são os "espelhos" em que, dia a dia, a criança se vai revelando...

Sobre esses contos, escreveu Bruno Bettelheim, no livro que mencionámos (outros títulos, já agora: «O amor não é suficiente», «A fortaleza vazia», «As feridas simbólicas»): «Podemos aprender mais coisas com estes contos, acerca dos problemas interiores dos seres humanos e das soluções acertadas para as suas exigências em qualquer sociedade, do que em qualquer outro tipo de história que esteja dentro do âmbito da compreensão das crianças.» E isso porque a criança «precisa de ideias sobre como pôr a casa interior em ordem e, nessa base, conseguir dar certo sentido à sua vida.»

Pedro Alvim

Rui Horta estreia esta noite, no Centro de Arte Moderna, um novo bailado

Um caminho possível



Rui Horta

De hoje até domingo Rui Horta volta à sala polivalente do Centro de Arte Moderna, convidado pelo serviço Acarte. Diga-se a propósito, olhando para trás, que a colaboração inicial do coreógrafo e bailarino com o Acarte foi para si decisiva, já que lhe possibilitou a apresentação de um bailado de sua autoria no Auditório ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian, acompanhado pela Orquestra do Hot Clube de Portugal. A ideia partiu de Madalena Perdigão, que em 1985 lançou essa ponte à Companhia de Dança de Lisboa, da qual Rui Horta era então director artístico.

«Trouxe a Companhia apenas duas vezes à Gulbenkian, e durante seis dias seguidos o público esgotou os nossos espectáculos», disse o artista ao «DL». Depois disso, e após abandonar à sua sorte o grupo que fundara em 84, a carreira do dinâmico coreógrafo passou por um interregno de quase dois anos, «uma travessia do deserto» indispensável para reflectir sobre a sua carreira «e a maneira de estar na dança»...

Até que Rui Horta viu uma proposta sua aprovada por Madalena Perdigão, a obra «Linha», que integrou na II Mostra de Dança Portuguesa Contemporânea com o sucesso que se soube. «Foi uma quebra enorme com o meu trabalho anterior e o facto tem uma explicação muito clara: pela primeira vez fui capaz de criar sem preocupações de direcção de companhia, assumindo-me de corpo inteiro como coreógrafo», disse-nos. Deixando de ter como prioridades agradar a um público emergente, encher espectáculos, criar repertório, efectuar digressões, correr para atender telefones e até ter que disputar lutas internas gravíssimas (que nessa altura dividiam a Companhia de Dança de Lisboa), Rui Horta encontrou-se disponível para o acto de criação «totalmente liberto e apoiado por um grupo de bailarinos de grande valor e maturidade» - e, ainda segundo ele - «também excelentes coreógrafos como Francisco Camacho, Paulo Ribeiro, João Fiadeiro e Clara Andermatt, que já deverão ser considerados, no contexto coreográfico nacional, como sérios valores».

O actual trabalho para o Acarte, «Interiores», que esta noite se estreia no CAM, só poderia vir na sequência de «Linha», uma vez que continua com o tipo de preocupações de então. «Não me interessa nem criar para as pessoas que têm gostado sempre do que eu faço nem para aqueles que ostensivamente nunca gostaram. Pretendo sim dirigir-me a todos os que estão abertos à influência de um artista, quer gostem ou não dele. Interessa-me ter uma audiência crítica e não estereotipada. Neste momento da minha carreira tento encontrar um caminho possível, sem concessões às estéticas vigentes», adiantou-nos Rui Horta.

Significará isto, necessariamente, uma demarcação definitiva, com uma rotação de cento e oitenta graus, relativamente ao seu trabalho anterior, conotado com uma «linha jazz» pela qual Rui Horta se tornou conhecido? «Só agora é que me encontro finalmente numa via interessante e mais original. Começo a sentir-me bem. E integrado, através de um processo asssumido sem pressas. O meu trabalho foi efectivamente associado durante anos à dança-jazz, mas sempre defendi uma maneira séria de estar nela e o próprio núcleo original de artistas reunidos nos meus primeiros projectos produziu bailados muito particulares, carregados talvez de ingenuidade mas com uma certa dignidade e alguma frescura.»

Na Companhia de Dança de Lisboa já ocorrera uma mudança que contemplou outros parâmetros técnicos, nas áreas da dança moderna e contemporânea, e por isso o coreógrafo quase parece lamentar que o público tenha «necessidade de construir imagens estereoptipadas dos artistas ou tenha mesmo que rotular carreiras». E sendo assim, Rui Horta teme, «por mais que tente, ser difícil modificar certos conceitos» relativamente a um período específico da sua vida, se bem que saiba que a sua «evolução irá seguir um processo natural».

Possuindo um «background» fértil em experiências no campo da produção de dança, Rui Horta considera «essa área extremamente interessante, podendo levar a análises bastante aprofundadas sobre o panorama da "dança contemporânea portuguesa", da "jovem dança portuguesa", da "nova dança portuguesa", etc.», um movimento já com a cabeça de fora mas que ainda carece de baptismo conveniente. «O Acarte está a revelar-se fundamental no apoio à dança jovem em Portugal», pensa o artista.

O espectáculo que hoje tem início, «Interiores», também aprovado e programado pela entretanto falecida Madalena Perdigão, foi particularmente oneroso. Concebido em sistema de co-produção, o Acarte concedeu a maior fatia da verba necessária para o montar e o coreógrafo cobriu o resto a expensas pessoais: «Considero-me, neste caso, um produtor financiado por uma instituição particular que me garante a possibilidade de posteriormente rendibilizar a peça de forma a superar o meu investimento e eventualmente arrecadar alguns proventos a fim de financiar uma próxima produção.»

Rui Horta crê mesmo que a política de uma Secretaria de Estado da Cultura deveria primar por uma postura semelhante à do serviço Acarte. Isto é, «criarem-se as condições para produzir um número X de coreógrafos, pô-los a circular e a pouco e pouco conseguir uma paisagem de valores sólidos e um bom número de artistas com carreiras promissoras na nova dança portuguesa». Na opinião que expressou ao «DL», «pareceria esta uma política cultural correcta e acertada», resultando importante que as entidades oficiais «estivessem de olhos abertos para uma realidade como a deste momento (talvez crucial) que a dança atravessa».

A nova peça de Rui Horta conta com cerca de hora e meia sem intervalo, e o seu autor classifica-a como um espectáculo «tão feminino quanto teatral», uma «dança de quatro paredes» em que as imagens coreográficas propostas são filtradas por uma extensa persiana, colocando o público numa situação de quase voyeurismo. «Parto de um estado de confinamento - o bailado localiza-se num espaço definido, o dormitório de um internato, e num tempo que se aproxima de uma ambiência nocturna de recolhimento, quando todos os fantasmas se libertam - e especulo à volta do isolamento, da sexualidade, da mesquinhez, da ternura e das paixões de seis mulheres que sofrem de rejeição e desamor. É uma situação levada ao absurdo, gerando um estado próximo da loucura. O público acaba inevitavelmente por ser o espectador de si mesmo», antecipa Rui Horta sem levantar mais o véu, como convém.

Segundo uma ideia do actor francês Pascal Arbeille e com referências em «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant» de Fassbinder (além de outra literatura no feminino, tal como «Camille Claudel», «Women in Love», «A Casa de Bernarda Alba» ou «As Brumas de Avalon»), «Interiores» teve também a colaboração de um médico psiquiatra e de um psicólogo, ambos ligados à problemática da reclusão feminina. Mas personagens importantes deste «complot» foram sem dúvida (ou são e serão até domingo) as seis intérpretes - duas portuguesas, duas francesas e duas espanholas - que com uma enorme generosidade e entrega pessoal deram corpo a um projecto em que a figura «mais especial», para o coreógrafo, é justamente aquela que não vai poder assistir à sua estreia: Madalena Perdigão.

António Laginha

As bailarinas de «Interiores» em pleno ensaio

B R E V E S

Carmel na Aula Magna, logo à noite

Os Carmel, nome de cantora e do grupo que a acompanha, actuam esta noite, pelas 21 e 30, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. Amanhã, a quem interessar, repetem no Cinema Vale Formoso do Porto. Associando influências jazz, soul e rhythm and blues a uma vestimenta pop, garantindo-lhes alguma originalidade, o projecto - com formação variável mas baseada no núcleo constituído por Carmel ela-mesma, considerada uma das vozes mais preciosas da cena londrina, o contrabaixista James Paris e o percussionista Gerald Darby - aparece em palco em bom número, dez elementos, carregando nos sopros.

Não se espante o leitor se ainda ouvir, para além do mais, alguns ritmos latinos. Os tempos de batida mais ou menos punk foram abandonados quando Carmel e os seus mudaram armas e bagagens para o circuito multinacional.

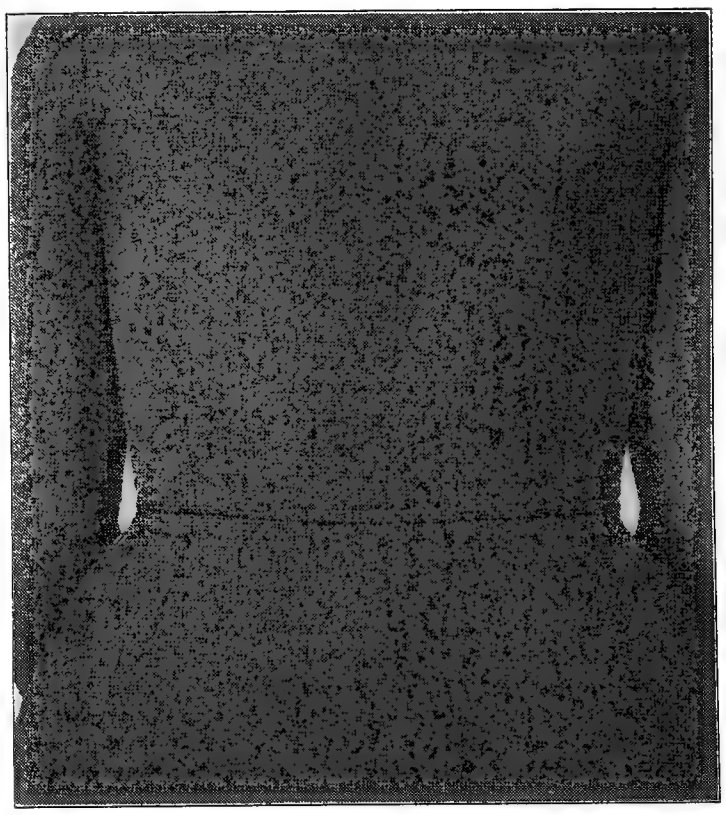
Instituto de Paulo Quintela constitui-se amanhã

O Instituto de Paulo Quintela vocacionado para a formação e investigação do Teatro Contemporâneo, constitui-se amanhã , em Coimbra, através da Escritura Pública , disse ontem à agência Lusa um dos promotores.

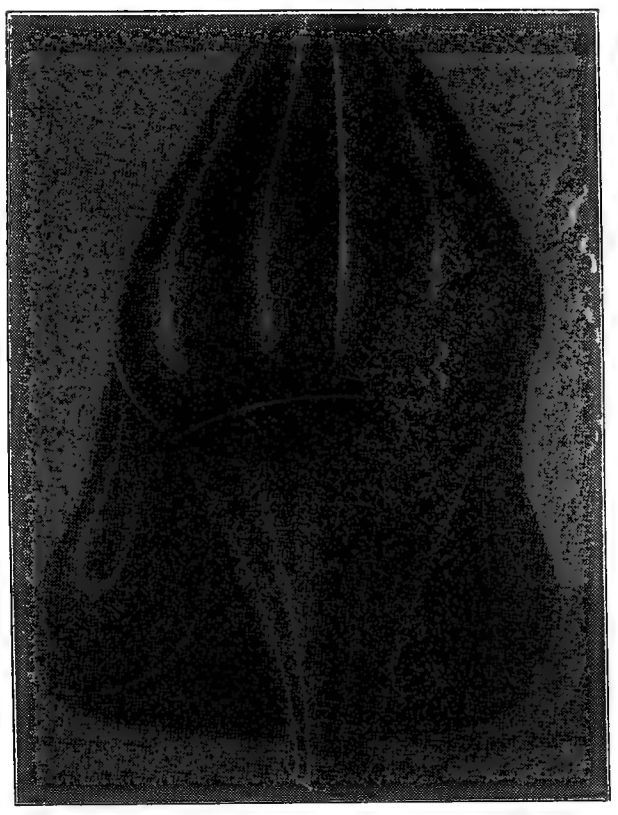
O Instituto foi lançado há dois anos no âmbito das comemorações do 50º aniversário do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC).

Homenagear o fundador do primeiro teatro de estudantes da Europa, o professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Paulo Quintela é um dos objectivos da iniciativa.

O Instituto de Paulo Quintela está a preparar um centro de documentação teatral e a edição de um «Guia do Teatro e Dança em Portugal».



Busto verde



Sapato de mulher

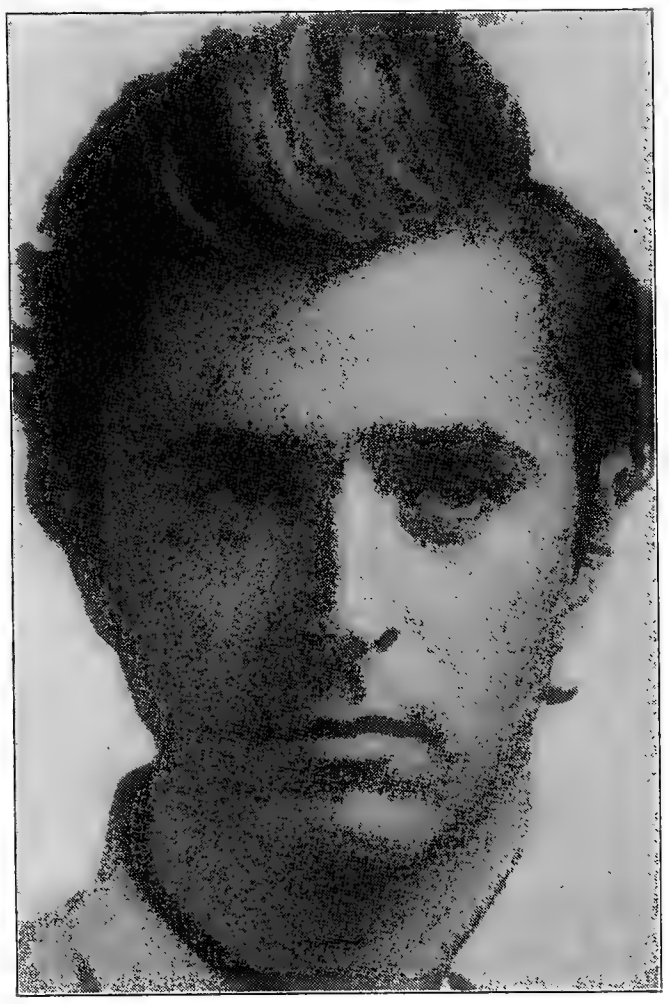
Fragmento de um casaco masculino

Domenico Gnoli

Esse obscuro desejo de objecto

Este pintor, obsecado pela linguagem dos objectos, decalca-os do real, conferindo-lhes uma suspeitosa ambiguidade. Derrubado por um cancro, aos 37 anos, Domenico Gnoli têve uma vida artística intensa, só que demasiado breve. A retrospectiva dos seus últimos trabalhos, constituída por 44 pinturas, 17 desenhos e quatro esculturas, reunidos graças à colaboração dos museus e coleccionadores privados, que a Fundacion Caja de Pensiones, apresentou, em Madrid, foi para o público visitante uma surpresa. A exposição inclui as obras pertencentes à fase em que nos fala da moda, da indumentária, do universo decorativo, temática que, na época em que foram produzidas, entre 1963-1969, não estava precisamente up to date. Se a arte se dissolve no objecto, então o objecto pode transformar-se em arte. Alguém disse isto. A verdade é que temos assistido ao passeio triunfal do objecto, enquanto símbolo, pelas largas alamedas da arte.

Apreciando as telas de Gnoli. somos tentados a inseri-lo, embora com as devidas reservas, na família dos hiper-realistas. Contudo, num olhar mais atento, sentimos que delas se desprende um metafísica qualquer e aí sobrevém a dúvida. Pensamos, ainda, em Giorgio Morandi, outro italiano fascinado pelas coisas inanimadas, e no fenómeno americano da *Pop Art*, vinculado ao *boom* do desenvolvimento industrial. São reconhecíveis as correspondências com Jim Dine, Oldenburg, Lichtenstein e Andy Warhol, artistas que deliberadamente anularam o protagonismo do humano. Os dois primeiros, mais radicais, expulsaram-no, de todo, da sua pintura. Quanto a Lichtenstein e a Warhol, através de um processo de repetição, conseguiram o mesmo objectivo, pelo excesso de presença.



Domenico Gnoli

Ilusão óptica

Gnoli pintou, "tal qual", sapatos e malas de senhora, golas, colarinhos, gravatas, fragmentos de indumentária masculina e feminina, que remetem para a perigosa espécie do "trompe l'oeil". Capturados directamente da realidade, os objectos funcionam como uma ilusão óptica. Apetece tocar-lhes, proceder a averiguações tácteis. Sustentam, todavia, os entendidos que, apesar das confluências com a corrente principal da *Pop Art*, mantem um respeito notório pelo realismo mágico e o surrealismo dos anos vinte. Compartilho dessa tese, ainda que pressinta haver naquela pintura algo de singular e de inquietante. O que significa um colarinho de camisa, com o número 15 e meio, pormenor bem em evidência, a pairar num quadro?

Salvador Dali e companhia, animados de pretensões contestatárias, sempre insistiram no propósito de desacreditar a realidade, de subverter a ordem estabelecida. Foram oportunos na manipulação de uma aristocrática ironia. «Belo como o encontro fortuito, entre um guarda-chuva e uma máquina de costura, sobre a mesa de operações». Esta imagem literária, da autoria de Lautréamont, ilustra a intenção provocatória dos surrealistas. Mas o discurso de Gnoli é outro, remete para a tradição metafísica italiana. Nada se sentimentos, nada de emoções...tanto o objecto como o sujeito remetem para uma zona do incógnito.

Os trajes dos personagens masculinos, sem rosto, são cinzentos, formais e representativos da mentalidade de uma média burguesia que se preocupa em manter intactos os valores mais medíocres e conservadores. O bom hábito do trabalho, a coesão familiar, a dignidade do estatuto social. Acima de tudo, tenta-se preservar a solidez de um mundozinho doméstico, onde as aparências, à medida dos seus padrões, contam. As mulheres usam bigoudis e sapatos que testemunham um gosto sóbrio, uma postura que não admite extravagâncias. O lenço branco, a aparecer na algibeira do fato de *tweed*, indica um esforço de pseuda elegância. Quanto aos vestidos das senhoras, ainda que colados ao corpo, apontam para uma inquestionável decência.

A derradeira homenagem

Neto de poeta e filho de um pai que desempenhou o cargo de director da Galleria Nazionale de Perugia, Domenico Gnoli nasceu em 1933, na cidade de Roma. Logo na infância, mergulhado numa atmosfera de fantasia, decidiu que queria ser pintor. Aluno aplicado dos grandes mestres da gravura, demonstrou mais tarde, que aprendera bem as lições. Expôs em diversas capitais europeias, fez cenários para o teatro, italiano e francês, mas só se projectou, a nível de carreira, depois do impacto com que foi recebido em Nova Iorque. Ali, apercebe-se de que a pintura americana dominava a cena internacional. Entretanto, após seis anos de States, regressa a Roma, onde não tarda a ser invadido pelo tédio. Viaja, pinta, expõe e escreve cartas aos amigos. Cansado, instala-se na agradável ilha de Maiorca.

Como muitos outros artistas apaixona-se pelas corridas de touros, assunto que passa a figurar na sua pintura. Porém, não se desliga dos Estados Unidos, a sua principal fonte de receitas e referência cultural maior, colaborando, como ilustrador, em várias publicações, nomeadamente a "Life" e a "Playboy". Nesta revista ilustra alguns textos do escritor Alberto Morávia.

Em finais de 1969, já esgotado pela doença, ainda comparece numa festa, oferecida em sua honra, em Nova Iorque. Apresentaram-no a Andy Warhol que, vestido com um casaco de smoking e calças de ganga, se esmerou na composição da pose *cool*. Gnoli morreu, a 17 de Abril, de 1970 no Columbia Presbyterian Medical Center. Ao que consta era um indivíduo de refinadíssima cultura. Um príncipe

Lourdes Féria

DESPORTO

«JN» adianta possível rendição de Eriksson

Beenhaker desejado no Benfica?

Segundo informa o nosso colega «Jornal de Notícias», na sua edição de hoje, o Benfica está interessado no teécnico holandês Leo Beenhaker (que chefiou o Real Madrid e actualmente comanda a turma de futebol do Ajax) com vista a eventual contratação para a próxima época. Escreve o jornalista Manuel Luís Mendes: *«as primeiras 'démarches' iniciaram-se na semana passada, tendo a direcção benfiquista enviado, propositadamente, uma carta a estabelecer o começo das conversações».*

Celta quer Madjer

O argelino Madjer, que disputa amanhã a final da Taça de África (Argélia-Nigéria) continua a receber convites para sair das Antas. O mais recente (segundo informou ontem o programa «Bola branca», da Rádio Renascença) partiu do Celta de Vigo que, para começar, oferece ao «dragão» cerca de 75 mil contos por dez jogos, ainda desta temporada oficial. O assunto está a ser analisado pelo FC Porto.

Juniores: Nacional

O Vitória de Setúbal isolou-se no comando da série «E» do nacional de juniores, ao vencer a Quimigal, por 2-1. Completadas 19 jornadas, os sadinos totalizam 32 pontos, mais dois que o Farense, 2.º classificado. Na 3.ª posição está o Portimonense, com 24 pontos.

Madeira: travada greve arbitral

Os árbitros da Madeira decidiram suspender a greve que haviam marcado para o próximo sábado, em virtude de terem chegado a uma plataforma de entendimento com a Associação de Futebol do Funchal. Um membro da comissão representativa dos árbitros disse à agência Lusa que o factor que pesou nas divergências prendeu-se com a não entrega por parte do Conselho de Arbitragem à AFF de uma tabela proposta pelos árbitros. Referiu (ainda) que, existem condições para que se chegue a um entendimento, estando prevista nova reunião com a AFF no dia 21, suspendendo até lá a prevista greve.

Guimarães: Estádio interdito

O Conselho de Disciplina da Federação interditou preventivamente o estádio do Vitória de Guimarães, com base no relatório do árbitro lisboeta Pinto Correia, que dirigiu o recente jogo dos vimaranenses em Santo Tirso, com a equipa local. Assim, o embate do Guimarães com o Boavista terá lugar em Lamego.

Marinho Peres no Sporting?

Logo que Sousa Cintra tomou posse da presidência do Sporting entrou em ligação com Marinho Peres, pretendendo que viesse render Manuel José, em Alvalade. O técnico brasileiro (alegando problemas particulares)

Madjer: «calcanhar de Deus» novamente desejado em Espanha

recusou o convite mas, agora (segundo o semanário «Liberal») está preparado para viajar até Portugal tudo levando a crer que, para a hipótese de Raul Águas não continuar à frente dos *verde-brancos*, Sousa Cintra foi buscar o desejado treinador para a próxima época leonina.

Informação precisa do «DL»

Gomes e Sporting: rescisão à vista

A notícia dada ontem, em absoluta 1.ª mão, pelo «DL», sobre pretendida rescisão de contrato com o Sporting por parte do *bibota de ouro* Fernando Gomes é integralmente mantida. Não obstante o jogador não o ter publicamente afirmado, já há uma semana que o seu advogado recebeu ordens no sentido de elaborar um documento para términus de compromisso com o Sporting, muito antes da data estabelecida na altura da ligação: em vez de estar em Alvalade até 31 de Julho de 1992, Fernando Gomes (nascido a 22 de Novembro de 1956), perante a contínua votação ao ostracismo a que está sendo sujeito na escolha do técnico Raul Águas, resolveu assumir uma atitude que o dignifica e prestigia. Embora entendendo que está ainda em condições físicas para alongar uma brilhante carreira, do mesmo modo sente que, com Raul Águas à frente do futebol sportinguista e face a uma opção por novos valores, está destinado (quando muito...) a continuar nalgumas listas dos suplentes, o que (legitimamente) não agrada ao atleta. Daí que (repetimos) esteja na plena disposição de rescindir o compromisso com os *verde-brancos*, como muito bem sabem Sousa Cintra e os outros dirigentes directamente ligados ao futebol de Alvalade.

Aliás, isso está perfeitamente implícito nas declarações do presidente sportinguista, que não se escusou a adiantar que tem tido «diversas conversas com Fernando Gomes em relação ao seu futuro e que o atleta é livre de rescindir o seu contrato e, caso queira sair do clube, o seu pedido será aceite». E acrescentou, em declaração à Lusa: «Do lado do clube não haverá problema nenhum.» Foi mais longe: para «A Bola», Sousa Cintra exprimiu-se ainda com maior franqueza: «Bem vistas as coisas, se o Gomes não joga, se quer sair, era menos um ordenado que o Sporting pagava...»

A generalidade dos nossos colegas da Informação tiveram o bom cuidado de respeitar a ética profissional: assinalando que a notícia da próxima rescisão de Gomes com os «leões» fora divulgada pelo «Diário de Lisboa». Porém, lamenta-se nesta casa a atitude tomada pela Rádio Comercial que, por duas vezes, no seu noticiário das 17 horas de ontem, remeteu o nome do nosso jornal para um impreciso «vespertino de Lisboa». Especialmente pelo respeito que temos pela emissora comandada por João David Nunes, Pedro Castelo e outros excelentes profissionais da Rádio, ficamos impedidos de, um dia destes, retorquirmos na mesma linha assumida ontem pelo Núcleo de Desporto daquela Rádio, e (por exemplo) escrevermos que, «numa emissora da Rua Sampaio Pina, nem tudo vai bem no sector da Informação desportiva».

Quanto à informação sobre o breve afastamento entre Gomes e o Sporting, mantemos a notícia com toda a firmeza, mesmo que Raul Águas não prolongue a presença na chefia do futebol *verde-branco*.

Neves de Sousa

Ciclismo: GP «Correio da Manhã»

Artistas estão na estrada

Com a participação de 90 ciclistas, em representação de uma dezena de equipas, começou esta manhã, em Coimbra, a 3.ª edição do Grande Prémio «Correio da Manhã», com a etapa que se conclui em Viseu, junto ao recinto da Feira de S. Mateus (Avenida Emídio Navarro), depois de percorridos 120 quilómetros. Amanhã corre-se a 2.ª tirada entre Viseu-Figueira da Foz, na distância de 170 quilómetros, com partida às 8 e 50 horas, do Largo do Rossio e chegada prevista para as 13 e 35 horas, junto ao Grande Hotel da Figueira.

No sábado, a 3.ª etapa entre a Figueira e Caldas da Rainha, um dos pontos de chegada de etapa da edição anterior.

Percurso de 164 quilómetros, com partida pelas 8 e 55 horas, frente ao edifício da câmara municipal, estando prevista a chegada cerca das 13 e 15 horas, na Rua de Camões.

Finalmente, domingo, a «etapa-rainha», na distância de 149 quilómetros, entre Caldas e Lisboa. A partida será dada às 8 e 55 horas, junto ao Largo Conde de Fontalva, prevendo-se a chegada dos ciclistas para as 12 e 50 horas, depois de uma volta completa, até aos Restauradores e subida, para voltar a caravana a descer, com meta junto ao cruzamento com a Avenida Alexandre Herculano.

MODALIDADES

ANDEBOL: por iniciativa da Associação do Porto, vai realizar-se naquela cidade o Encontro Nacional de Infantis com a participação de 450 praticantes em representação de 25 equipas federadas e cinco escolares.

NATAÇÃO: uma dezena de clubes portugueses vão estar presentes num «meeting» internacional, que terá lugar em Casablanca (Marrocos) nos dias 23 e 24 do corrente.

RÂGUEBI: os TLP — Telefones de Lisboa e Porto e a Federação Portuguesa de Râguebi, assinaram um contrato em que obriga a selecção nacional sénior a ostentar na camisola dos atletas o emblema daquela empresa, a troco de 5000 contos por compromisso válido por um ano.

Hóquei em patins: jogos antecipados

«Dragões» patinam para o título

Devido à participação do Benfica, Porto e Óquei de Barcelos nas competições europeias, realizaram-se ontem dois encontros enquadrados na 18.ª jornada do campeonato nacional da I divisão, com os «dragões» e os benfiquistas a regressarem vitoriosos das deslocações a Barcelos e a Alvalade (respectivamente) e com a curiosidade de terem averbado igual resultado (4-2).

Enquanto o espectáculo minhoto mereceu fortes aplausos pela qualidade demonstrada pelos artistas de ambos os emblemas, em Alvalade nem técnica, nem disciplinarmente, houve razões para que os milhares de assistentes tributassem igual manifestação de agrado.

Com estes resultados prossegue a indefinição nos lugares cimeiros, mantendo o clube de Barcelos no comando (com 51 pontos) o Porto na 2.ª posição (50) e o Benfica no 3.º posto (49). Distanciado e já decididamente afastado da corrida para o trono, o Sporting ocupa o 4.º lugar, com 42 pontos no bornal.

A jornada completa-se no próximo fim-de-semana com a realização dos encontros Sanjoanense-Tomar, Paço de Arcos-Valongo, Académica-Parede e Grundig-Quimigal (todos no sábado) e Oliveirense-Turquel (domingo).

Quanto aos mais certeiros atiradores, o benfiquista Luís Ferreira lidera a lista (38 golos), seguindo-se Serginho (Barcelos) e Leste (Sporting) com 37 remates vitoriosos.

Inquérito aos árbitros feito pelo «El Pais»

Futre só tem um concorrente na arte de (bem) simular

Através de um curioso inquérito aos árbitros do quadro nacional do Colégio espanhol, pelo jornal «El Pais», o nosso compatriota Futre é considerado juntamente com Pardeza (do Saragoça) o mais habilidoso a «atirar-se para a piscina» e o mais hábil no «teatro das simulações». Dos 35 árbitros consultados, oito não responderam ao «quesito» e os restantes consideram Futre e Pardeza os «génios da área». Para o árbitro Ramos Marco, «o português é campeão», enquanto Martin Navarette considera o nosso representante «um verdadeiro artista».

Sobre este inquérito, Paulo Futre justificou-se: «*Às vezes vejo como um defesa vem para mim e, antes que me parta uma perna, salto. Quando faço teatro, nunca protesto. Só o faço quando considero que houve falta para penalty e o árbitro o não assinala. Tanto eu como Pardeza, saltamos quando vemos sete ou oito tacos direitos às nossas pernas.*»

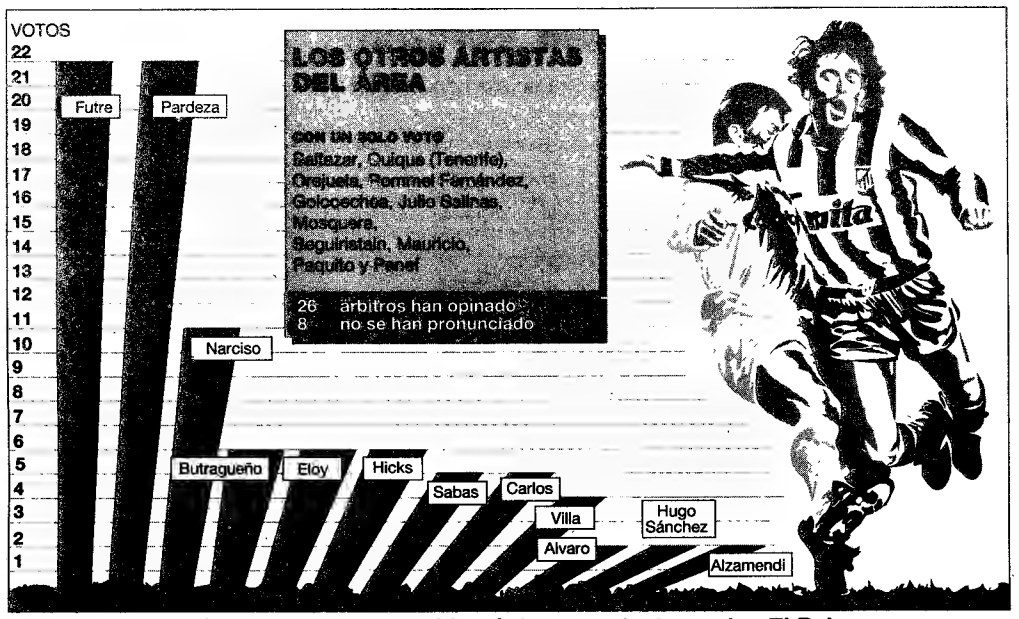


Gráfico que, com a devida vénia, reproduzimos de «El Pais»

Refira-se que, dos 26 árbitros que responderam à questão colocada pelos jornalistas do «El Pais», somente Garcia Prieto, Pértez Sanchez, Riera Morro e Vica Diaz não citaram Futre no grupo dos mais fantasistas, enquanto Alberto Gimenez, Affonso Alvarez, Calvo Córdoba, Diaz Aguero, Jiménez Moreno, Jiménez Muñoz, Nazzorra Freire, Merino González, Pérez Cabeza, Ramos Marcos, Urio Velásquez, Urzar Azpitarte, Valdés Sanchez e Yuste Gonzalez o colocam no topo da escala.

Já se fala em juízes profissionais

Associação do Porto e Boavista unidos contra alguns árbitros

Atitude que marca importante posição dentro do clima que está rodeando as arbitragens no futebol: a direcção da Associação de Futebol do Porto manifestou, em comunicado, a sua solidariedade ao Boavista no «*caso das arbitragens*», dizendo «*cada vez ter mais atenção a todas as situações que possam eventualmente pôr em causa os altos interesses do futebol*».

No documento, emitido após uma reunião com a direcção dos «axadrezados», a AFP (presidida por Adriano Pinto) diz querer «*manifestar publicamente toda a sua solidariedade ao Boavista no que concerne às injustiças de que se diz vítima e que puderam ser observadas através do vídeo apresentado*». Na mesma nota, a Associação portuense afirma «*procurar ter mais atenção a todas as situações que possam eventualmente pôr em causa os altos interesses do futebol nacional*», ao mesmo tempo que promete transmitir ao presidente do Conselho de Arbitragem da Federação as «*apreensões manifestadas pelo seu filiado*».

Na reunião com a direcção da AFP, o major Valentim Loureiro, presidente do Boavista e da Liga de Clubes, manifestou o seu desagrado pelas arbitragens que têm dirigido os últimos jogos do Boavista, considerando que o clube tem sido «*muito prejudicado*».

Mantendo o seu ponto de vista, Valentim Loureiro defendeu, em Viana do Castelo, a «*profissionalização dos árbitros de futebol*», sustentando caber ao Estado criar condições nesse sentido. O presidente boavisteiro apresentou essa ideia no decorrer da sessão solene do 92.º aniversário do Sport Clube Vianense, que teve lugar no salão nobre do clube minhoto.

O comandante da Liga de Clubes, (que se mostrou muito descontente com as últimas arbitragens dos jogos do Boavista), disse ser preferível a profissionalização dos árbitros, de forma a permitir que estes possam ter uma maior concentração, rigor e isenção na sua actividade. Na apologia da profissionalização da arbitragem, Valentim Loureiro disse que os árbitros deveriam ter cursos de actualização, testes médicos rigorosos e melhores condições financeiras.

Acerca da Lei de Bases do nossos sistema desportivo o presidente dos «axadrezados» referiu que esta irá «*revolucionar nos próximos anos o desporto a nível nacional*».

Quanto à Liga de Clubes, o major Valentim Loureiro afirmou que aquele organismo irá «*proporcionar melhores condições aos clubes portugueses e irá acabar, de uma vez por todas, com as ilegalidades fiscais dos clubes*».

Selecção de karaté no Campeonato do Mundo

Uma selacção portuguesa de karaté «shotokan» vai participar nos campeonatos do mundo da modalidade, a disputar este fim-de-semana na cidade inglesa de Sunderland.

Esta selecção, da Liga Portuguesa de Karaté «Shotokan», é constituída por seis atletas masculinos em representação da Associação Académica de Coimbra, Bombeiros Voluntários dos Estoris e do Centro Português de Karaté. A selecção integra ainda uma atleta feminina, (Alda Albuquerque), do Centro de Karaté de Braga.

Futebol de 2.ª: Norte ensarilhado

Famalicão apertado pela concorrência

Na Zona Norte do Campeonato Nacional de futebol da 2.ª Divisão, a classificação, no tocante a promoção, está deveras complicada. Após uma entrada de rompante, o Famalicão sofreu tropeções que permitiram a aproximação dos concorrentes mais directos, com evidência para o Gil Vicente que, contando menos um jogo no activo (embate suspenso com o Maia, quando os homens de Barcelos comandavam o marcador) está apenas a dois pontos dos famalicenses.

Mas a escala de valores está muito compartimentada por pequenas distâncias: Famalicão (com 29 pontos), Freamunde (28), Gil Vicente (27), Maia (26), Varzim e Paços de Ferreira (25), Desportivo das Aves (24), Rio Ave (23) e Leixões (22), pequenos degraus entre nove emblemas que podem (até ao momento) aspirar à mais alta conquista. Na próxima jornada, há embates capazes de ajudarem a melhor orientar os apaixonados pelo futebol desta área: Trofense-Famalicão, Freamunde-Rio Ave, Gil Vicente-Vizela, Joane-Maia, Varzim-Bragança, Leixões-Paços de Ferreira e Desportivo das Aves-Fafe, já para não falar em outros duelos de sinal igualmente imprevisto (Infesta-Vianense, Marco-Felgueiras). Em perspectiva: campeonato até à última migalha.

B R E V E S

Aniversário do Futebol Benfica

Fundado em 23 de Março, o Clube de Futebol Benfica está a festejar mais um aniversário, tendo elaborado um vasto programa de que consta karaté e atletismo (dia 18), convívio nacional de ginástica (dia 24), futebol juvenil e hóquei em campo (dias 13 e 14 de Abril) e jantar de encerramento (20/4).

Assembleia geral no Atlético Caramão

Os associados do Clube Atlético e Recreativo do Caramão, vão reunir-se, no próximo sábado (21 horas), para discutir e votar o relatório e contas referente ao exercício de 1989 e eleger os corpos gerentes para 1990.

Corrida pedestre da CP

Organizada pela CP — Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro com o apoio do Pelouro de Desporto da CML e a colaboração da Ferroestoril e do Clube Ferroviário de Portugal, realiza-se, no próximo domingo, a Corrida Pedestre do Centenário da Linha de Cascais com partida no Cais do Sodré e chegada em Cascais. A prova é aberta a atletas seniores, juniores e veteranos.

Campeões de enduro com o apoio da BP

No decorrer de uma conferência de imprensa que teve lugar no Hotel Tivoli (Lisboa) foi revelado que a BP vai patrocionar, pela 2.ª vez, no nosso país, a turma campeã nacional de enduro 1989 na categoria de consagrados para além de apoiar este ano (pela 1.ª vez), uma equipa na categoria de «verdes». O objectivo da empresa é associar-se a desportos motorizados que propiciam um grande contacto com a natureza e um maior conhecimento dos países.

Para a época corrente, o «team» BP terá Paulo Marques na classe de 250/500cc (com uma Honda CR), Jorge Silva na classe de 250/500cc (com uma KTM 250) e Alexandre Pires, na classe 4 tempos (com uma Honda 250 XR). A equipa de enduro BP 89 detém três títulos nacionais individuais, (em cada classe), e um título por equipa: Jorge Silva é o campeão em 125cc, Paulo Marques é o campeão em 250cc, Alexandre Pires é o campeão em 4 tempos e os três corredores arrebataram o campeonato nacional por equipas 1989, para o «team» BP.

Jorge Silva e Paulo Marques são pilotos com larga experiência nacional, já por várias vezes obtiveram títulos nacionais e foram seleccionados pela Federação Portuguesa de Motociclismo para o campeonato do mundo, onde conquistaram medalhas de bronze. Por sua vez, Alexandre Pires concretizou a posição como uma das boas promessas do motociclismo português.

O enduro é uma prova de resistência e de regularidade sobre terrenos variados, que podem ser de areia, lama ou pedra. O objectivo é testar a regularidade, habilidade e conhecimentos de mecânica dos pilotos, assim como a resistência das máquina que conduzem. Cada competição (que se pode alongar por dois dias), é constituída por um percurso secreto, com cerca de 170 km diários. Ao longo da prova existem controlos horários e provas especiais, como por exemplo motocrosse e troços cronometrados.

Para esta época o calendário oficial de provas de enduro está assim previsto: 18 do corrente (Trafaria), dia 31 (Lousã), 13 e 14 de Abril (Monsaraz), 28 e 29 (Tomar), 12 e 13 de Maio (campeonato mundial, em Viana do Castelo), 9 e 10 de Junho (Alcanena), 24 de Junho (Vila Nova de Famalicão), 6 e 7 de Outubro (Figueira da Foz) e 20 e 21, também de Outubro (Viana do Castelo).

Portimonense-Benfica sem Cartão Jovem

O encontro Portimonense - Benfica (que decorrerá no Estádio do Bonfim), é o único que não beneficia de qualquer desconto aos portadores do *Cartão Jovem*. Todos os restantes oito confrontos da ronda n.º 24 do Nacional da 1.ª Divisão futebolística, estão abrangidos por desconto, segundo informação prestada pelo gabinete do ministro adjunto da Juventude.

Rogério Contreiras: menos um «latino» no Benfica

Rogério Contreiras, antigo guarda-redes do Benfica, faleceu na passada terça-feira no Hospital do Barreiro. Contava 68 anos de idade e integrou a equipa benfiquista que, em 1950, conquistou a Taça Latina. Antes de ingressar no Benfica, actuou no GD Fósforos e Vianense e depois de ceder o seu lugar a José Bastos na guarda das balizas do clube lisboeta (1957), transferiu-se para o Juventude de Évora seguindo depois para Angola, onde representou o CF Luandense.

A seus filhos Maria Filomena e Rogério, o «DL» apresenta os votos de sentido pesar.

BIBLIOGRAFIA DESPORTIVA

«Golfe Magazine»

Dirigida por Filipe Mendes Quinto e com o jornalista Valdemar Afonso na chefia de redação, a «Golfe Magazine» prossegue a divulgação de uma modalidade de desporto que acarreta para o nosso país largo somatório de divisas dos turistas que aproveitam os excelentes campos que possuímos para o jogo do seu entusiasmo e, como íamos de fortunas, vale muitos milhões de prémios nos principais concursos.

«Horizonte»

Revista de educação física e desporto, chefiada por Teotónio Lima, a «Horizonte» inclui na sua mais recente edição, temas atractivos, com especial saliência para «O seleccionador nacional e o processo de escolha» (da autoria de Sidónio Serpa) e «Reflexões em torno do valor cultural e ético do espectáculo desportivo» (José Manuel Constantino).

«Ténis Magazine»

Moura Diniz, Rui Mendes e Luís Mascarenhas permanecem ao leme da revista «Ténis Magazine», veículo de expansão e divulgação da disciplina que está firmando um «boom» internacional. «Ténis Magazine» arquiva todos os acontecimentos que se prendem com as «estrelas» dos «courts» e, simultaneamente, apresenta aos leitores as últimas novidades em relação a vedetas que estão na moda: casos de Edberg, Becker, Graf, Berger, Duncan, os nossos Nuno Marques e Cunha e Silva, para além de ser recordada a figura do lendário (e resistente) René Lacoste.

A edição dupla de Março/Abril reporta muito bem a actuação da equipa portuguesa na Taça Davis (eliminatória realizada no Gana) e o cartão-de-visita do Estoril Open, mais uma boa reportagem do Open da Austrália (trabalho meritório de Carlos Alberto Matos).

«Setemetros»

Decididamente, o andebol está mesmo na crista da onda, especialmente porque o nosso país se prepara para estar presente na Finlândia, no torneio que dá acesso ao Grupo B europeu. Na revista «Setemetros», João Paulino salienta a escassa preparação do nosso «sete», enquanto outros técnicos (João Prudente, Jaroslav Mraz, João barata, Javier Garcia Cuesta, Horácio Poiares) dissecam problemas da modalidade que Acácio Rosa vai historiando em palavras de muita saudade pelos bons belos tempos em que a imposição do andebol nos gostos populares principiou pela variante de onze praticantes em cada equipa.

«Eles & Elas»

É obrigatório considerar Maria da Luz de Bragança e Ilídio Alves como tenazes acompanhantes de um sonho: todos os meses colocarem nas bancas a revista «Eles & Elas», de óptimo aspecto gráfico, com colaboradores de nome (Helena Roseta é um exemplo), «cartoons» de Jorge Rosa e Carlos Resende, entrevistas de muito interesse (modelar o questionário a João Soares, por Helena Pais Costa), fotos espectaculares (caso do Paris-Dakar), um bom tema desenvolvido a capricho (Cirurgia Estética) e curiosas confissões de Agostinho da Silva.

Na «Eles & Elas» de Março, é de não perder uma entrevista com José Manuel Casqueiro (autoria: Lúcia Sigalho), a reportagem com Tony Lima (actor português que faz vida em Hollywood) e diversa informação sobre o desporto automobilístico.

Mundial de Sub/19 em Portugal

Ribeiro de Magalhães será o coordenador-geral

O dr. João Rodrigues, presidente da Federação Portuguesa de Futebol e o professor Mirandela da Costa (director-geral dos Desportos) vão presidir ao Comité de Organização do Mundial de Sub-19 de 1991, que se realiza em Portugal. Após uma reunião da direcção federativa, João Rodrigues disse que o coordenador-geral do Comité será o presidente-adjunto da Federação, o dr. Ribeiro de Magalhães.

O conselho directivo do Comité Organizador será composto por Adriano Pinto (presidente da Associação de Futebol do Porto), Gilberto Madail (presidente da AF de Aveiro), Gil Mesquita (presidente da AF de Braga) e o presidente a ser eleito da AF de Lisboa. Paralelamente os ministérios dos Transportes e Obras Públicas, Administração Interna, Negócios Estrangeiros, Finanças e Planeamento, irão designar representantes seus para funcionarem em colaboração com o Comité do Mundial. Serão ainda constituídos gabinetes de promoção, relações públicas, comunicação social, adjunto de coordenação e secretaria geral. As personalidades que ocuparão estes cargos serão escolhidas numa reunião que se realizará entre os membros do Comité Executivo, o coordenador-geral e o presidente do Conselho de Apoio Estatal, que será Mirandela da Costa.

Antas e Luz aprovadas

A organização vai ter ao seu dispor vários sectores, nomeadamente administrativo, financeiro, recepção e ligação, serviços técnicos, operacional, instalações desportivas e de apoio logístico e de transportes. Segundo adiantou João Rodrigues, os técnicos da FIFA que efectuaram os primeiros testes aos estádios das Antas e da Luz aprovaram as condições daqueles recintos desportivos.

Actualmente estão já escolhidas as sedes de Lisboa e Porto para a realização da prova, estando ainda prevista a escolha de duas das restantes três sedes possíveis, casos de Braga, Aveiro e Faro. Para cada série de grupo serão utilizados quatro estádios, exceptuando aquele em que se realizarão os encontros, o que eleva para 20 o número de relvados que estarão disponíveis para a prova.

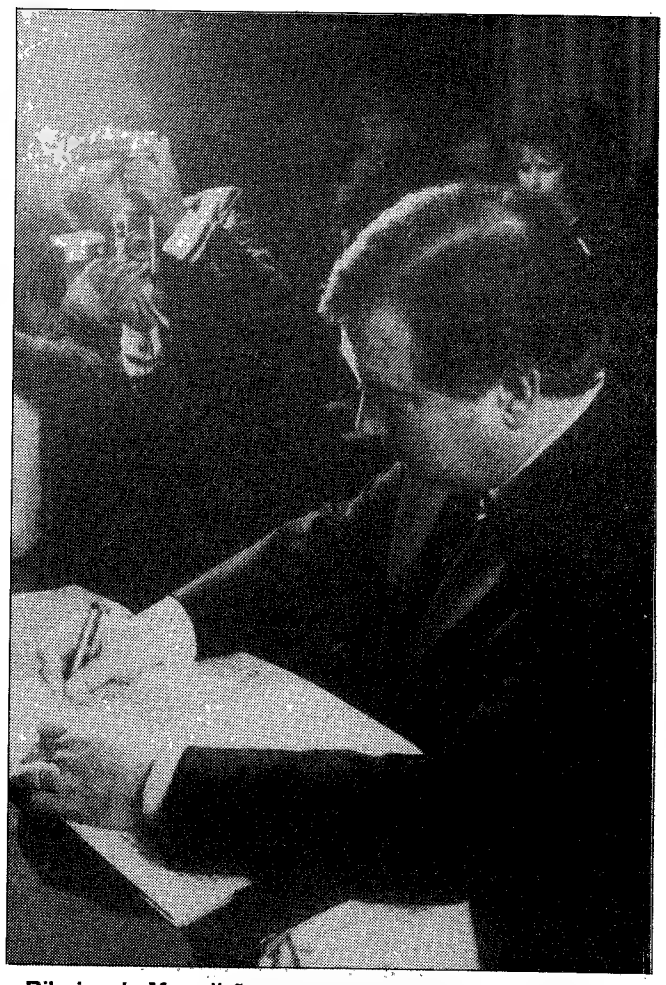
No dia 7 de Abril deslocam-se novamente a Portugal técnicos da FIFA, que irão vistoriar os estádios em que vão decorrer os encontros do mundial.

Roberto Carneiro apoia

Entretanto a direcção federativa solicitou ao Ministério da Educação a cedência de um edifício para «*instalar dignamente a sede*» do Comité Organizador do mundial.

O pedido foi feito por João Rodrigues e Ribeiro de Magalhães, durante um encontro com o ministro Roberto Carneiro.

No final da reunião, Ribeiro de Magalhães declarou que o titular da pasta da Educação «*mostrou-se receptivo à proposta, prometendo analisá-la o mais breve possível*». «*Neste sentido* (adiantou Ribeiro de Magalhães), *a direcção da Federação terá na 3.ª-feira uma reunião com o director-geral dos Desportos e o adjunto do ministro da Educação, para debater o assunto da sede e outras questões relacionadas com o mundial*».



Ribeiro de Magalhães: novo compromisso no futebol

Por seu lado, João Rodrigues confirma que «o Mundial de Juniores *está em andamento, ao contrário do que tem sido sugerido na Comunicação Social*». Na opinião de Ribeiro de Magalhães, «*a designação da Comissão Executiva é o pontapé de saída do campeonato, que todos desejam sejam um êxito*».

Seniores em sorteio

O calendário do grupo 6 de apuramento pra o Mundial Sénior de 1992 ficará definido no sábado, em Lisboa, numa reunião entre responsáveis federativos de Portugal, Holanda, Grécia, Malta e Finlândia. A defesa dos interesses portugueses estará a cargo dos federativos João Rodrigues e Ribeiro de Magalhães, e de Artur Jorge, António Oliveira (Toni), técnicos da selecção nacional.

Os delegados dos países parceiros de Portugal neste grupo europeu chegarão a Lisboa na 6.ª-feira e a «cimeira» terá lugar a partir das 14 horas de sábado.

assim vai o totobola

Penalti: 211 11X 112 X221; O Algarve: 221 111 X12 11XX; Jornal de Amarante: 211 111 112 1X11; Jornal da Beira: 221 111 XX2 1X21; Algarve Desporto: XX1 X11 1X2 1X21; Ronda Desportiva: 2X1 111 122 12XX; Correio de Coimbra: 211 111 11X 1XXX; Correio do Vouga: 111 111 1X2 1211; A Defesa: 211 X1X 1X1 1XX1; Defesa de Espinho: 211 111 1X2 X2X1; O Diário: 211 111 X12 1XX1; Diário de Lisboa: 211 111 1X2 1X21; Diário de Viseu: X11 111 112 X121; Nova Antena: 2X1 112 112 X221; Folha de Domingo: 211 11X 1X2 XX21; Ecos de Cacia: 211 111 1X2 122X; Eu Sei Tudo: 211 11X 1X2 122X; O Jornal de Felgueiras: 211 111 1X2 1XX1; Jornal do Fundão: 211 11X 1XX 1XX1; Jornal de Gaia: 211 X1X XX2 1X21; Rádio Guarda: 211 X1X X12 X2X2; Jornal da Graça: 221 X11 XX2 XX2X; Rádio Totobola: 211 X11 1X2 X221; Linhas de Elvas: 211 X11 X1X 1111; Litoral: 211 111 1X2 12X2; O Jornal da Lixa: 211 11X 1X2 12X1; Maria da Fonte: 211 111 112 12X1; O Mensageiro: 211 111 XX1 1X2X; No Estúdio e no Estádio: 211 11X 112 1X21; Jornal de Notícias: 211 X1X XXX XXX1; Notícias de Chaves: 211 X1X 112 1XX2; Notícias de Felgueiras: 211 111 1X2 1XX1; Notícias de Gouveia: 111 X11 112 1222; Notícias de Guimarães: 211 11X 1X2 1221; Notícias de Viseu: 2XX 112 XX2 X1X1; A Ordem: 2X1 11X 11X 1X21; Quadrante Norte: 211 111 1XX 1X2X; Reconquista: 211 11X 1X2 1X21; Semanário da Região Bairradina: 211 X1X 1X2 1XX1; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 211 111 1X2 1X2X; Bom Dia: 211 111 X1X 2XX2; Tempo e Resultados: 211 111 112 1X21; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 211 11X 1X2 X121; Tempo de Desporto: 2X1 X11 112 1221; Resenha Desportiva: 211 111 122 XXX1; Panorama: 2X1 111 1X1 1X11; Placard Desportivo: 211 X11 1X2 111X; Jornal de Santo Tirso: 211 X11 12X X21X; Jornal do Sul: 211 111 1X2 XX11; A Voz do Domingo: 211 111 112 1X21; Voz de Lamego: 211 111 1XX 11X2; A Voz dos Ridículos: 211 111 11X 2121; Desporto/Rádio Guarda: 211 111 1X2 1212; Contacto/Rádio Guarda: 21X XX2 212 X2XX; Encontro Com a Manhã: 211 112 122 X211; Meia Tarde: 21X 2XX XXX 1XX2; Convidámos para Lanchar: 21X X11 111 1121; Sons da Madrugada: 211 X11 X12 12X1; Disco & Daquilo: 211 111 X1X 12X1; Tarde Desportiva: 2X1 111 1X1 X1XX; Livre e Directo: 21X X12 11X XX21; Música e Desporto: X11 1X2 11X 11 1; Um Caso Por Semana: 211 XX1 1X1 1XX1; Foi Notícia: 211 X1X X12 1221; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 211 111 1X2 1X21; Cultura e Recreio: 2X1 111 X22 12X2; De Tudo um Pouco/Rádio Covilhã: XX1 1X1 12X 11X1; Rádio Alvo: 2X1 111 1X2 1121; Alvo: 111 X11 111 1111; Alvo Desportivo: X11 111 X1X 11X1; Alvo Suplemento: XX1 111 1XX 112X; O Comércio de Leixões: 211 111 11X X2X1; De Tudo um Pouco: 211 111 1X2 1X11; Notícias de Viana: 211 X1X 112 1XX1; Diário de Coimbra: 211 X11 1XX 11XX; RR/Bola Branca: 211 111 112 11X1; RR/Frente Desportiva: 211 X1X 112 1121; RR/Desporto: 211 X11 X1X 11X1.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 11/90 DE 18 DE MARÇO DE 1990

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (a) 1	BOLAS (a) X	BOLAS (a) 2
1. Portimon. - Benfica	3	6	69	1	1	10
2. Guimarães - Boavista	65	12	1	10	1	1
3. Sporting - Chaves	73	5	0	11	1	1
4. Belenenses - E. Amadora	52	25	1	8	3	1
5. Setúbal - U. Madeira	73	5	0	11	1	1
6. Beira Mar - Tirsense	52	20	6	8	3	1
7. Nacional - Feirense	59	18	1	9	2	1
8. Penafiel - Braga	33	39	6	5	6	1
9. Trofense - Famalicão	7	20	51	1	3	8
10. Académica - Salgueiros	57	19	2	9	2	1
11. A. Viseu - Espinho	20	34	24	3	5	4
12. Oliveir. - U. Leiria	11	33	33	2	5	5
13. Torreense - Barreirense	54	15	9	8	3	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
211 111 1X2 1XX ou 21

I Série N.º 62
Dia 15 de Março

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência da República

Decreto do Presidente da República n.º 14/90:
Ratifica a Convenção sobre Protecção Física dos Materiais Nucleares.

Assembleia da República

Resolução da Assembleia da República n.º 7/90:
Convenção sobre Protecção Física de Materiais Nucleares.

Ministério da Educação

Portaria n.º 191/90:
Aprova os planos de estudos dos cursos de formação complementar a que se refere o n.º 16 da Portaria n.º 352/86, de 8 de Julho, nas variantes da Educação Visual, Português e Francês, ministrados na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja.

PESSOAS & FACTOS

«Relatório Semanal» para a construção

«Relatório Semanal» é a nova publicação, lançada em Portugal pelo grupo MDIS/McGraw-Hill, através da Construdata, que passará a ser um precioso instrumento de trabalho para o sector de construção. Destinado, numa primeira fase, ao distrito de Lisboa, o Relatório foi apresentado à Imprensa e a responsáveis autárquicos, engenheiros, arquitectos, construtores, empreiteiros, comerciantes e prestadores de serviços que intervêm no sector.

O presidente do ICEP, eng.º António Alfaiate, em representação do ministro do Comércio Externo, sublinhou a importância do lançamento do «Relatório Semanal» no nosso país e realçou o significado de a Construdata ter sido escolhida pelo grupo MDIS/McGraw-Hill para desenvolver idêntica experiência em Espanha.

RSCG contrata novos directores criativos

A RSCG Portugal, inaugurada em Dezembro último, com a visita da sua Mega-estrela Jacques Séguéla, acaba de reforçar a sua estrutura com os dois mais bem sucedidos criativos de 1989: Miguel Fernandes e João Nunes. Autores das campanhas que mais e melhores prémios têm ganho recentemente (azeite Gallo, UMM, Montepio, Unicer, Manufacturer Hanover) juntam-se assim ao grupo liderado por António Bagão, Manuel Peres e Manuel Maltez, os três sócios portugueses da multinacional de origem francesa.

Com três meses de vida, a RSCG conseguiu já compor uma qualificada lista de clientes: Fagor, Modelo, Crédit, Cacharel, Biotherm, Guy Laroche, Tabaqueira, Lacasa, Solvay, Izidoro e Jaba.

CP 486 em Portugal

A Olivetti entregou os primeiros equipamentos CP 486 aos seus revendedores CEA - Consultores Economistas Associados, Daniel Barradas e Orgware.

Primeiro construtor a anunciar este equipamento na Europa, a Olivetti é a primeira a entregá-lo em Portugal. Trata-se da Computing Platform CP 486 (uma plataforma universal hardware e software que nasce da convergência de tecnologias inovadoras e standards industriais) baseada no mais recente e potente microprocessador de 32 bit desenvolvido pela INTEL CORP., o i486, sendo dos primeiros sistemas a servir-se da arquitectura EISA (Extended Industry Standard Architecture).

A sua comercialização far-se-á principalmente através de uma eficiente rede de «Systems Partners» Olivetti; o «Systems Partner» é um parceiro comercial especializado em áreas verticais que combina a qualidade dos produtos Olivetti com uma enorme variedade de aplicações.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: céu pouco nublado ou limpo.Vento fraco do quadrante leste sendo por vezes moderado no Algarve. Pequena subida da temperatura máxima .

Estado do mar: Costa ocidental - mar encrespado.Ondulação de noroeste de um a dois metros.

Costa sul: mar de pequena vaga ou cavado.Ondulação de sueste de um metro,aumentando.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: céu muito nublado. Vento moderado a forte de sul . Períodos de chuva.

Estado do mar: mar cavado a grosso.Vaga de cinco metros.ondulação Oeste.

Grupo Oriental: céu geralmente muito nublado. Vento moderado de sul. Periodos de chuva para o fim do dia.

Estado do mar: mar de pequena vaga a cavado.Ondulação de noroeste de três metros.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado do quadrante leste.

Estado do mar - Costa Norte: mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de noroeste de dois a três metros.

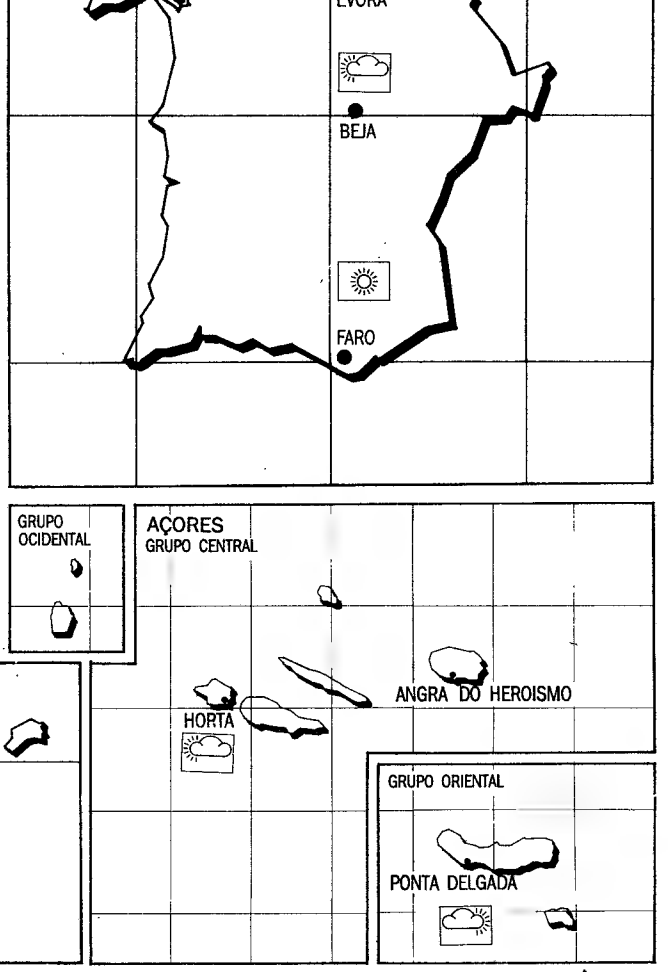
Costa sul: mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

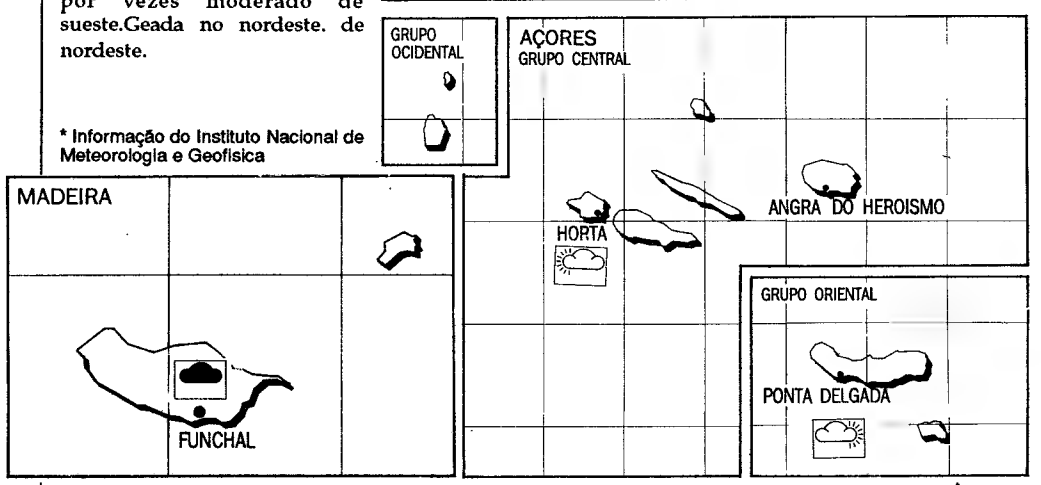
Funchal: céu com periodos de muito nublado.Vento geralmente fraco.

Amanhã

No Continente: Céu pouco nublado ou limpo.Vento fraco por vezes moderado de sueste.Geada no nordeste. de nordeste.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
05.09	3,6m	10.42	0,9m
17.23	3,5m	22.57	0,9m

Amanhã

05.38	3,4m	11.13	1,0m
17.53	3,3m	23.31	1,1m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	4	5	P. nub.
V. Castelo	5	6	Nevoeiro
Vila Real	5	5	Limpo
Porto	5	6	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	8	8	Neblina
C. Carvoeiro	12	12	P. nub.
C. Branco	10	10	P. nub.
Portalegre	13	14	P. nub.
Lisboa	9	9	P. nub.
Évora	11	11	P. nub.
Beja	10	11	Limpo
Sines	9	9	P. nub.
Faro	11	12	Limpo
Sagres	11	11	P. nub.
P. Delgada	15	15	Neblina
Horta	15	15	Encoberto
Funchal	12	13	M. nub.

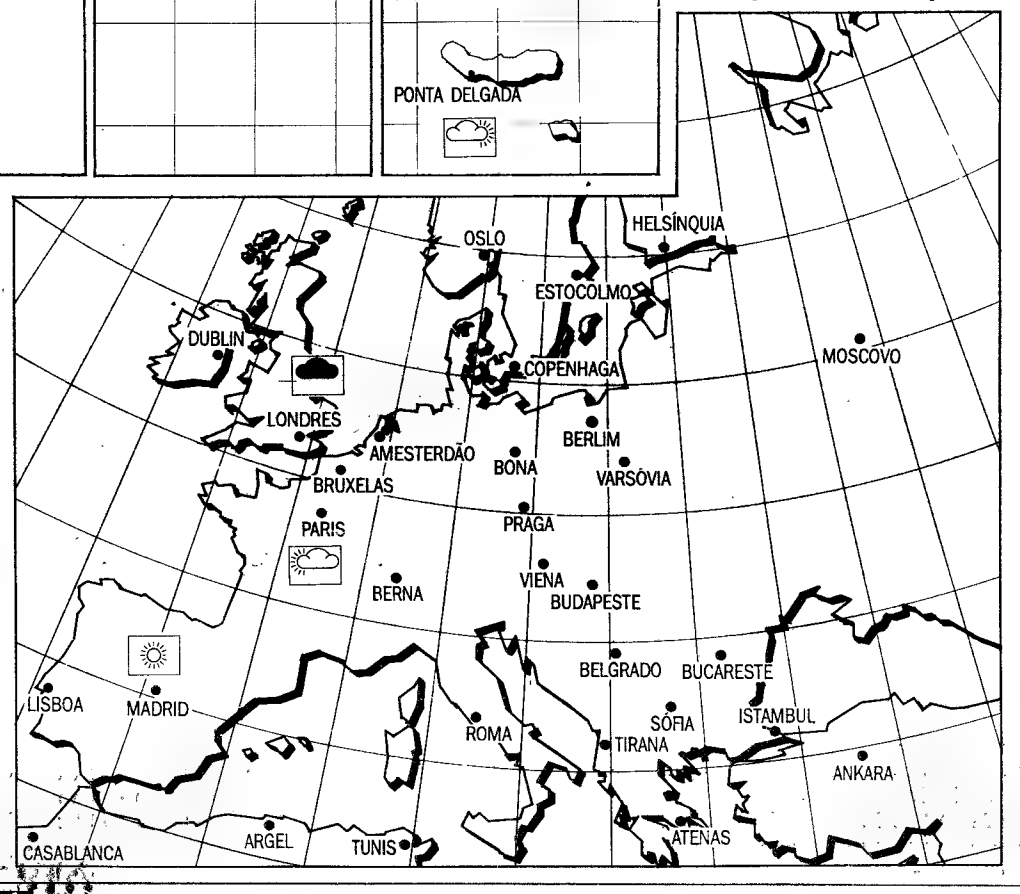
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 21; Porto, 18; Faro, 22; P. Delgada, 18; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	5	5	Limpo
Londres	5	6	M. nub.
Paris	2	2	P. nub.
Bruxelas	3	4	Limpo
Amesterdão	3	5	Neblina
Genebra	8	9	Neblina
Roma	9	10	Nevoeiro
Oslo	4	7	M. nub.
Copenhaga	1	3	Nevoeiro
Estocolmo	1	3	M. nub.
Berlim	2	2	Nevoeiro
Viena	3	5	Bruma
Varsóvia	-1	-1	P. nub.
Atenas	-	-	-
Moscovo	-9	-9	P. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	14	18	Aguaceiros
Houston	12	21	Limpo
Los Angeles	9	22	Limpo
Montreal	2	14	Limpo
Nova Iorque	10	26	Quente
S. Francisco	8	20	Limpo
Toronto	9	18	Limpo
Vancover	4	10	Chuva
Washington	14	29	Quente
Hong Kong	13	21	Chuviscos
Melbourne	10	22	Aguaceiros
Pequim	3	10	Limpo
Perth	20	30	Limpo
Singapura	25	33	Limpo
Sydney	16	23	Aguaceiros
Tóquio	5	12	Aguaceiros
Wellington	8	15	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alcântara: Nogueira, Rua de Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563; **Alvalade - Av. Brasil:** Marbel, Av. Roma, 131-A, Tel. 776235; **Almirante Gago Coutinho:** Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Anjos - Chile:** Castro, Av. Almirante Reis, 76-A, Tel. 821973; **Benfica - Bairro das Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt.ª, Tel. 707500; **Caminhos Ferro:** Vilalobos Santos, Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92, Tel. 8147019; **Castelo:** Bastos Andrade, Calçada Santo André, 107, Tel. 860450; **Chelas - Zona N 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Conde Barão:** Açoreana, Largo Conde Barão, 2, Tel. 661330; **Lapa:** Neves, Rua Bela Vista à Lapa, 37, Tel. 661251; **Lumiar - Quinta do Lambert:** Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A, Tel. 7597432; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; **Saldanha:** Cardeira, Av. Duque d'Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Bairro Alto: Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96, Tel. 321534; **Boa Hora - Ajuda:** Boa Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Fr. Feira Popular - Av. República:** Alcântara, Av. República, 74-A, Tel. 771379; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Praça de Londres:** Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 886860; **São Domingos Benfica:** Sousa, Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; **São Sebastião - Frente à Igreja:** São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Clabel, R. Ant.º Sardinha, 23-D, Tel. 4938551. Permanente; Carlos, R. Sebastião Gama, B. Casal S. Brás. Permanente; Heleno, R. 1, Lote C - Reboleira Sul, Tel. 964475. Até às 22 h; **Queluz:** Pinto Leal, R. Ferreira Castro, 61 - Massamá, Tel. 437402. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5-D, Tel. 9243693. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Reis, R. Comandante Ant.º Feio, 19, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Higiénica, R. D. Manuel I, 178, Tel. 2073017. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 766 171
766 178
766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

O Sporting é campeão nacional

PORTUGUESA NO JAPÃO

TINHA 90 CONTOS NUMA ALMOFADA

O Sporting é campeão nacional

A quatro jornadas do fim, o Sporting assegurou já a posse do título de campeão nacional de futebol, pois, com a sua vitória de hoje no Restelo e a derrota do Vitória de Setúbal ante o Benfica, passou a ter oito pontos de avanço sobre ambas as equipas, em relação às quais tem ainda a vantagem do «goal-average».

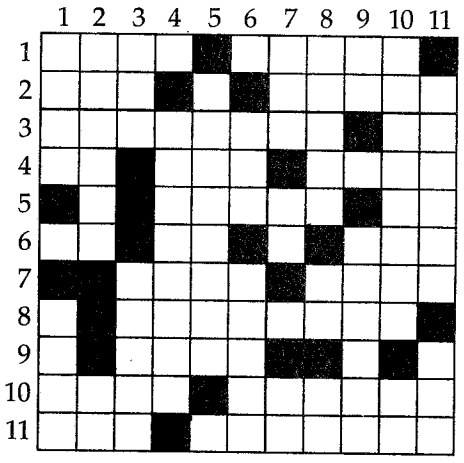
Greve de jornalistas em Paris

O Sindicato francês dos jornalistas anuncia uma greve de 24 horas em Paris, para amanhã, impedindo assim o funcionamento dos jornais, das agências de notícias e das emissoras de Rádio e TV daquela capital.

Kennedy critica EUA no Laos

O senador Edward Kennedy acusou hoje a administração Nixon de ignorar o sofrimento humano que tem resultado do crescente envolvimento militar dos Estados Unidos no Laos.

PALAVRAS CRUZADAS



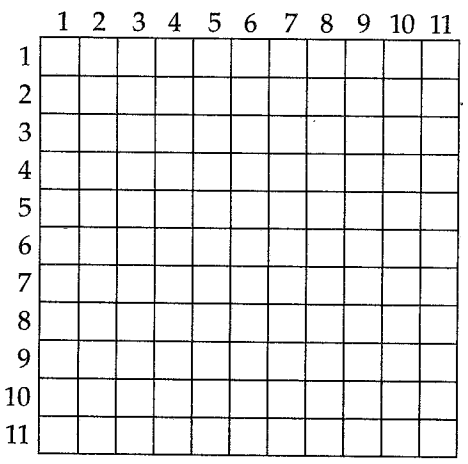
PROBLEMA N.º 17878

HORIZONTAIS:

1 - Aquele que. Acaricia.
2 - Grito. Inunda.
3 - Habitante de Iasso. Zomba.
4 - Prefixo de privação. Fedor. Içar.
5 - Fêmeas dos leões. Compaixão.
6 - Arsénio (s.q.). Rio da Rússia. Cabelos brancos.
7 - Pequena concha bivalve pertencente a um molusco do género do mexilhão que se encontra no Senegal. Triturava.
8 - Aplanais.
9 - Ratem.
10 - Ligas. Separe.
11 - Patrão. Aulas.

VERTICAIS:

1 - Espécie de inambu. Artigo definido. Galispo (ave).
2 - Espécie de lanceiros no exército austríaco russo e alemão (pl.). Prefixo de negação.
3 - Deusa da Aurora. Irmão de Moisés.
4 - Desagradáveis.
5 - Apanhará.
6 - Cabo na costa de Marrocos. Borla de barrete.
7 - Povo antropófago que chegou até ao Congo pelo meado do século XIX. Carta de jogar. Rádio (s.q.).
8 - Aleias. Ruim. Reis.
9 - Gálio (s.q.). Mau pago de um benefício (pl.).
10 - Gostais de. Preposição.
11 - Esbelta. Patas.



PROBLEMA N.º 16888

HORIZONTAIS:

1 - Rio da Rússia. Embarcação de Bengala.
2 - Formar as abas a. Culpados.
3 - Pico dos Pirenéus. Interjeição com que se indica a explosão de um tiro. Conjunção.
4 - O mesmo que argau. Freguesia de Idanha-a-Nova.
5 - Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. A Tailândia.
6 - Torna a ler. Brisa.
7 - Antiga medida de capacidade. Grande ribeira da Ásia Russa. Condado da Irlanda.
8 - Anel. Coincidi.
9 - Medida japonesa igual a dois decilitros. Sadio. Centiare.
10 - Cidade do estado do Paraná. Mil e cinco em romano. Sufixo que designa estado.
11 - Nivelar. Fruto da ateira.

VERTICAIS:

1 - Onda grande. Acariciar.
2 - Onera com dívidas. Furiosa.
3 - Soltarão. Abreviatura de Santíssimo.
4 - Grego (abrev.). Preposição. Designação das plantas herbáceas.
5 - Divindade do antigo México personificação das águas celestes, senhor do inferno chamado Tlalocan. Distar.
6 - Cidade da China. Aves pernaltas.
7 - Freguesia do concelho de Torre de Moncorvo. Lodo.
8 - Sufixo que designa estado. Arquipélago soviético do oceano Ártico.
9 - Lançaria as sementes.
10 - Transpirado. Diplomata francês que mandou de Portugal, onde foi embaixador, três pés de tabaco a Catarina de Médicis.
11 - Tosto. Pago (abrev.). Altar cristão.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 877

HORIZONTAIS: 1 - PROCURAR. Ca. 2 - Iole. Imos. 3 - Liar. SSS. Cs. 4 - Hariana. Pau. 5 - Iguala. Rm. 6 - Cantis. 7 - Sa. Atoar. 8 - Apalpa. Rabi. 9 - Rã. Aarão. Aa. 10 - Nio. Ramas. 11 - Assoas. Rei.
VERTICAIS: 1 - Pilha. SARNA. 2 - Roía. Capais. 3 - Olaria. Os. 4 - Cerignola. 5 - Tua. PARA. 6 - Rosnai. Aras. 7 - Salsa. Am. 8 - Ris. Troar. 9 - Coa. SE. 10 - COÇAR. Aba. 11 - Assumirias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 687

HORIZONTAIS: 1 - Utrecht. Ulu. 2 - Haia. Aromai. 3 - Uma. Clarão. 4 - Ras. Limasse. 5 - Ur. Safão. 6 - Amarar. Ave. 7 - Paxá. MIV. 8 - Armão. Mae. 9 - Lo. Ci. 10 - Importação. 11 - Sais. Emalar.
VERTICAIS: 1 - Uhuru. Hális. 2 - Tâmara. Roma. 3 - Rias. Pi. 4 - Ea. Sapatos. 5 - Clarão. 6 - Halifax. Até. 7 - Tramaram. Am. 8 - Orão. Arca. 9 - Umas. Ame. Al. 10 - Laos. Vi. Coa. 11 - Ui! Elevai

PROVÉRBIO: PROCURAR SARNA PARA SE COÇAR.

EFEMÉRIDES

1147

• D. Afonso Henriques toma Santarém aos mouros.

1916

• Um exército de 12 mil homens dos EUA entra no México para capturar o bandoleiro Francisco «Pancho» Villa.

1961

• A UPA desencadeia os primeiros ataques a fazendas e vilas do Norte de Angola.

1974

• O primeiro-ministro Marcelo Caetano, demite os generais António de Spínola e Costa Gomes dos cargos de chefe e vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

1975

• Morre o multimilionário grego Aristoteles Onassis.

1985

• Realiza-se pela primeira vez em Portugal, no Hospital da Universidade de Coimbra, a operação de implantação no ouvido interno de uma prótese destinada a substituir a função da coclea.

1988

• O senado dos EUA ratifica, por unanimidade, o Tratado de Protecção da Camada de Ozono.

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.30 e 00.30 horas.

ALFA 2
MISS DAISY
Filme de Bruce Beresford
Maiores de12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00; 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
CHUVA NEGRA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
ESQUADRÃO SELVAGEM
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

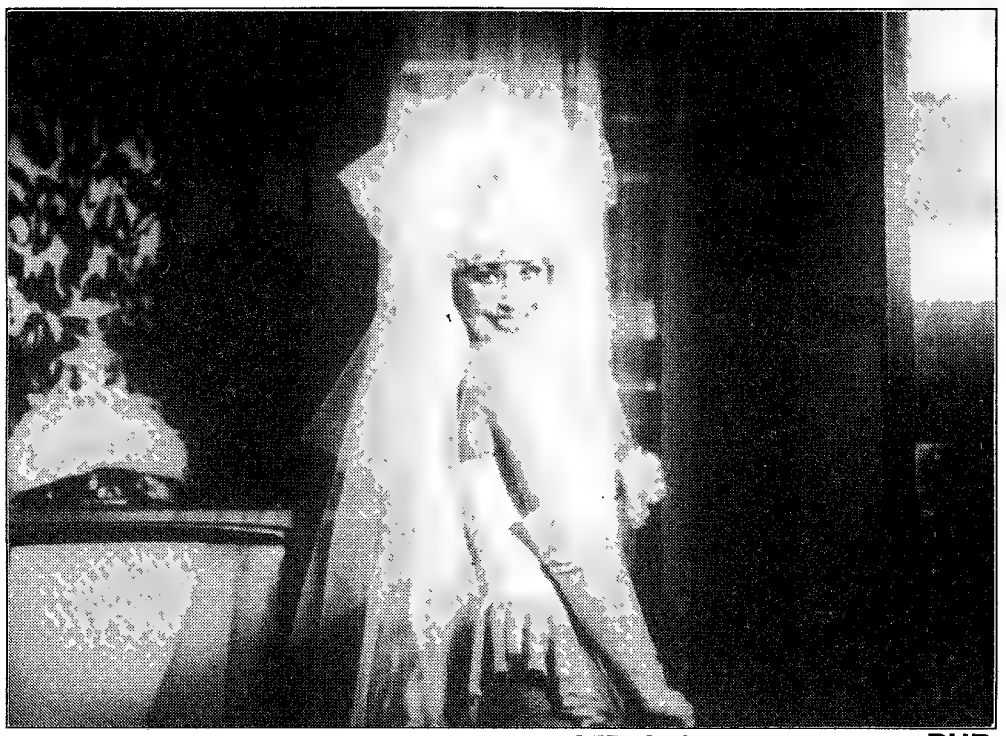
CAPITÓLIO
Parque Mayer
MINOUCHE A INSACIÁVEL
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
COMPETIÇÃO SEXUAL
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
OS HOMENS NÃO CHORAM
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO SHEZA
Telefone 9434762
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
O EMISSÁRIO DE RICHELIEU
Filme de Victor Sjostrom, às 18.30 horas.
LOLA MONTÉS
Filme de Max Ophuls, às 21.30 horas.



QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO? **PUB**
Em exibição **SALA 4** **Quarteto** **M/16 anos**

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Filme de Sidney Lumet
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
DOIS DETECTIVES EM APUROS!
Com Lorin Dreyfuss
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

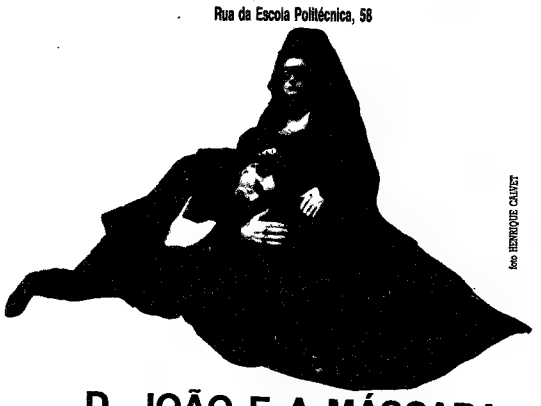
FONTE NOVA 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O BANDO DAS QUATRO
Filme de Jacques Rivette
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João

TEATRO DA POLITÉCNICA
MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL
MUSEU BOCAGE
Rua da Escola Politécnica, 58



D. JOÃO E A MÁSCARA
FÁBULA TRÁGICA
DE ANTÓNIO PATRÍCIO
ENCENAÇÃO MÁRIO FELICIANO
CENOGRAFIA MANUEL GRAÇA DIAS, EGAS JOSÉ VIEIRA
FIGURINOS HILDA PORTELA MÚSICA ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA
LUZES ORLANDO WORM
ACTORES
EUNICE MUÑOZ, JOÃO GROSSO
ESTRELA NOVAIS, RUI PEDRO, FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA, CARMEN SANTOS
ILDA ROQUETE, MARQUES D'AREDE, PAULA MORA, JORGE SEQUERRA,
JOÃO CABRAL, MARGARIDA MARINHO
Miguel Rodrigues, Filipe Costa, João Reis, Marcello Urgeghe
Telef. 67 44 74

APOIOS: SEC — FUNDAÇÃO C. GULBENKIAN — MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO — CML — FUNDAÇÃO ORIENTE — UAL (Luís de Camões) Colaboração Teatro Nac. D. Maria II e Teatro Nac. de São Carlos. PATROCÍNIOS, ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, GALP, EUROPOTEL, EURODIVISAL, ELFERSIL, SOLUBEMA, FÁBRICA LISBONENSE DE SEDAS E VELUDOS, LDA. CORTICEIRA AMORIM, CONSORCIL, SERVISEGURA, PORTO RAMOS PINTO, SOTINCO, NORDOMÉSTICOS ELBA, PARAGLAS, VIDROS SEGURANÇA, LIMPOTÉCNICA, ALCATEL, AVON, LONGRA, WIRSBO, RÁDIO COMERCIAL, ANTENA 1, TSF, EXPRESSO, DL.

De Terça-feira a Sábado às 21 h • Domingo às 16h

Ministério da Educação
Secretaria de Estado da Juventude
Secretaria de Estado da Cultura
Câmara Municipal de Lisboa

ciclos Grandes Concertos

LUSÍADAS

Concerto da Primavera
Concepção e direcção musical
Miguel Graça Moura

A Maior Orquestra Sinfónica Jamais Reunida Em Portugal • Estreia De Uma Obra Com Participação Do Público

Aula Magna Da Reitoria Da Universidade De Lisboa
20 Março • 21.30 horas
1 9 9 0

PATROCÍNIO EXCLUSIVO
GALP

APOIOS. ORQUESTRA DE CÂMARA "LA FOLIA"
ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 15 ANOS • BILHETES A VENDA NA AULA MAGNA A PARTIR DIA 12 - 9 H AS 19 H
• REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA • RADIODIFUSÃO PORTUGUESA • ANTENA 1 • PROGRAMA 2 • RADIO COMERCIAL • CORREIO DA MANHÃ RADIO • RADIOGESTE • TSF
CREATE

CARTAZ

Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BACKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
FOGO INFERNAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
DESEJOS CARNAIS
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
PHOENIX - A GUERREIRA
Filme de Robert Hayes
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
CIÚMES DE MORTE
Filme de Nicholas Broomfield
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ - KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
MORTO A TIRO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

INATEL
ACTIVIDADES CULTURAIS
TEATRO DA TRINDADE

AUTO DA ÍNDIA
DE GIL VICENTE
PELA COMPANHIA VICENTINA
TEATRO DE TODOS OS TEMPOS
TEATRO · MUSICA · BAILADO
7 de MARÇO a 29 de ABRIL de 1990

Actores
HERMINIA TOJAL
LUIS VICENTE
ANGELA PINTO
JULIO MARTIN
JORGE PARENTE

Bailarinos
SAMUEL ESTEVES
MARTA LAPA
ANA BERGANO
FILIPA FRANCISCO
CRISTINA BENEDITA
SOFIA LOPES
CELIA CARDOSO
ANTONIO FONTINHA (ACTOR BAILARINO)

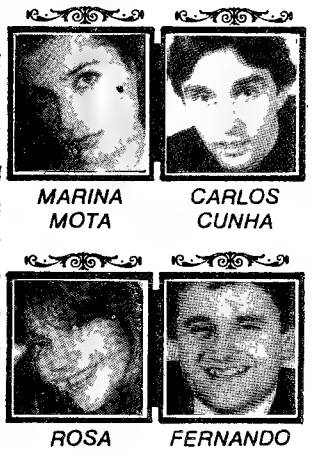
ENCENAÇÃO E COREOGRAFIA: AGUEDA SENNA
CENOGRAFIA E FIGURINOS: JOÃO QUINTÃO
MUSICA ORIGINAL: NUNO REBELO
ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO: GRAÇA CORRÊA
ASSISTENTE DE COREOGRAFIA: JOÃO SENNA

De 5ª Feira a Sábado, às 21.45 horas.
Domingos às 16 horas.
Matinés especiais para as escolas.
Descontos de 50% para os socios do INATEL, C.C.Ds., Sindicatos e grupos de 10 ou mais pessoas.

PARQUE MAYER
TEATRO MARIA VITÓRIA
Tel. 346 17 40

HELDER FREIRE COSTA e VASCO MORGADO
ORGULHAM-SE DE APRESENTAR
NO «NOVO» MARIA VITÓRIA
A GRANDE REVISTA
UM ÊXITO!
VITÓRIA! VITÓRIA!

TODAS AS NOITES 20.30 e 22.45 H.
DOMINGOS e FERIADOS TAMBÉM ÀS 16 H.
SEG.-FEIRAS: DESCANSO
PARA MAIORES 12 ANOS



MARINA MOTA — CARLOS CUNHA
ROSA DO CANTO — FERNANDO MENDES
CARLOS IVO — EVA CRISTINA — RUI DE SÁ — CRISTINA AREIA

A GRANDE FESTA DO TEATRO COM UMA GRANDE COMPANHIA!
Original de: HENRIQUE SANTANA, FRANCISCO NICHOLSON, AUGUSTO FRAGA e NUNO NAZARETH FERNANDES
Com música de: JOÃO VASCONCELOS, FERNANDO CORREIA MARTINS, NUNO NAZARETH FERNANDES e FERNANDO RIBEIRO
Montagem de: HERNÂNI e RUI MARTINS · Figurinos: JUAN SOUTULLO
Encenação de: HENRIQUE SANTANA
Com assistência de MARINA MOTA
Director musical: FERNANDO RIBEIRO
Cenografia de: HERNANI e RUI MARTINS, JOSÉ MANUEL e REBOCHO
Maquetas de: HERNANI e RUI MARTINS, JORGE ROSA e CARLOS MATOS
CORPO DE BAILE TMV
Com coreografia de: LILIANE VIEGAS e assistência de: PAULA FONSECA
PATROCÍNIO DO CORREIO da manhã
no elenco: JOÃO LOY · RUTE CORREIA · OLÍMPIA PORTELA ANABELA PEREZ-PAULA SOARES-MARIA ARRIAGA

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA 2.º ANO
PRAÇA DE ESPANHA — RESERVAS TEL. 726 08 18
NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO ÊXITO
FESTIVAL DA OTITE!
SÁBADOS AS 24 h
APOIO SAMSUNG

CARTAZ / TELEVISÃO

SNOOPY POR SCHULZ

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.35 - RUA SÉSAMO
94º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
68º episódio
21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.25 - SOFIA E CONSTANÇA
1º episódio. Uma equipa da BBC, do departamento teledramático, reuniu um elenco de estrelas e produziu esta série de 6 episódios sobre este clássico de Bennett. Rodada em Paris e no coração da cintura industrial inglesa, «Sophie e Constance» recria a atmosfera da era victoriana e eduardina. Realizada por Hugh David e produzida por Hohn Harris, esta série conta com a interepretação de Melissa Greenwood, Kathy Behean, Helen Cherry, Catherine Cusak, Linsley Beauchamp, Phyllis Calvert, Patrícia Rontledge, Alfred Burki, Nigel Bradshow e Leonard Preston.

Às 21.25 no 1º Canal, o 1º episódio da série «Sofia e Constança»

22.25 - CONVERSAS VADIAS
22.50 - 24 HORAS
23.30 - REMATE
23.50 - CARTAS DE HUMOR
5º programa - Carlos Paulo

RTP-2

16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE

«A Mácula», uma nova série para o 2º Canal, a partir das 18.25

EXTRATERRESTRE
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
Durante muitos anos, Jean-Jacques Lemetu compôs música nova para as peças de Ariane Mouchkine, que eram apresentadas pelo «Théatre du Soliel», em Paris. Para isso recuperou uma grande colecção de instrumentos, cópias das quais eram feitas nas oficinas do teatro e alguns eram mesmo virtualmente inventados, tudo isso para obter aqueles sons especiais de que precisava para as suas peças.
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
61º episódio
18.25 - A MÁCULA
1º episódio
19.25 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 20º episódio
20.20 - PRIMEIRO ANDAMENTO
O pianista Miguel Henrique interpreta a obra «Dolorosos» do compositor Oscar da Silva
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
8º episódio
21.55 - SINAIS DO TEMPO
22.55 - QUINTA DIMENSÃO

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - GLOSS
14.15 - VILA FAIA
15.25 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
18.55 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.09 - DIREITO DE ANTENA
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
21.25 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.20 - TELEMUNDO
22.50 - CHEFE, MAS POUCO
23.20 - 24 HORAS
24.00 - REMATE
00.05 - PELA NOITE DENTRO
«Violação»

RTP-2

14.30 - TELEMERCADO
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.20 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - 3,2,1 CONTACTO
17.25 - A HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
17.55 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.30 - HAJA MÚSICA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.30 - AS CIDADES E AS TERRAS
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.05 - ACERTO DE CONTAS
23.35 - ROTAÇÕES

«Nas recepções oficiais adoptei o sumo de tomate (...) por uma questão simbólica. Para que os políticos percebam o que realmente faz falta a este País»

Nuno Abecasis, «Homem Magazine», Março 90

A PERGUNTA DO DIA

João Coito director do «Jornal de O Dia»

O «Jornal de O Dia» está em riscos de fechar?

«Talvez. Pelo menos é o que se depreende da circular enviada aos redactores, onde se contêm algumas inexactidões e outras inverdades. Não duvido que a situação financeira seja difícil, apesar de o «Jornal de O Dia» ter uma redacção mais barata do que todos os outros diários, e mesmo de alguns jornais regionais. Não minto se disser que não reina optimismo entre este punhado de profissionais e candidatos a profissionais que devem ser os únicos trabalhadores para os quais a inflacção jamais contou. Depois da época dos salários em atraso, a velada ameaça de possível desemprego a breve prazo. Culpados?...Talvez sejamos nós os principais, que aceitámos trabalhar nas mais precárias condições. Se necessário, tudo será um dia esclarecido...»

ENTREVISTA

Diogo Pires Aurélio é o actual administrador da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. A passagem pelos jornais deixou-lhe a paixão da análise política. Porém, não a considera, como outros, causadora de crises

«Sempre estive no jornalismo com um pé dentro e outro fora»

D.L. - Que é que de mais importante a Imprensa Nacional tem neste momento para editar?

D.P.A. - A Imprensa Nacional vai lançar na próxima Feira do Livro uma série de livros, entre os quais destaco a correspondência entre Jorge de Sena e Eduardo Lourenço, as conferências proferidas no «Balanço do Século» e a obra completa do poeta Gastão Cruz.

D.L. - A Imprensa Nacional (IN) é frequentemente acusada de demorar muito tempo a editar obras. Porquê?

D.P.A. - O nosso programa, tal como o de qualquer outra editora, não se pode subordinar à vontade e aos justos interesses dos autores. Por isso, há sempre obras que saiem mais depressa e outras demoram mais tempo. No entanto, a IN não tem estado parada, como se pode ver pelo catálogo e pelos livros que continuam a sair, à média de quatro por mês.

D.L. - A colecção «O Essencial» é totalmente diferente de todas as outras publicações. Será uma forma de tentar democratizar a cultura?

D.P.A. - É diferente no formato, no preço - os livros são mais baratos que os maços de cigarros - e ainda no número de páginas. Tirando isso, é absolutamente coerente com a vocação desta casa, que consiste em dinamizar a cultura portuguesa e em levá-la ao maior número possível de pessoas.

D.L. - O cargo que desempenha tem alguma relação com a emissão de dinheiro, feita pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda?

D.P.A. - Enquanto administrador desta empresa, sou corresponsável por tudo o que lhe diz respeito. Mas, à partida, não tenho nada a ver com a emissão de dinheiro, uma vez que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda é um mero executor e essa actividade não está directamente ligada ao meu pelouro.

D.L. - Como é que foi parar à Imprensa Nacional?

D.P.A. - Não me cabe a mim dizer as razões que levaram o Governo a escolher-me para um cargo que estava completamente fora do meu horizonte pessoal, pelo menos para os tempos mais próximos.

É possível que o facto de ter sido, desde 1983, colaborador desta casa, como director da revista «Prelo», possa ter contribuído alguma coisa para que o meu nome aparecesse entre os possíveis candidatos. De qualquer forma, julgo que tem teve a ideia e a executou terá pensado que eu tinha o perfil e o currículo adequados para o cargo.

D.L. - Durante muitos anos foi jornalista e agora abandonou a profissão. Isso reflecte um cansaço perante o jornalismo?

D.P.A. - Reflecte, isso sim, um cansaço que não tem a ver com os jornais. Deriva do facto de eu estar desde sempre no jornalismo com um pé dentro e outro fora. Fui lá parar por acaso em 1974, quando já pensava ingressar na universidade, e depois fui ficando, muito embora desde 1980 passasse também a ensinar na Universidade Nova de Lisboa. O grande responsável pelas minhas incursões no jornalismo foi o Mário Mesquita que, 15 dias depois de eu ter regressado a Portugal, em 1974, me convidou para ir trabalhar para o «República».

D.L. - Enquanto esteve na Comunicação Social, a sua principal actividade foi a análise política. Para que é que servem as análises políticas?

D.P.A. - Fiz análise política com bastante frequência e desempenhei sempre essa actividade com grande interesse e entusiasmo, talvez porque na universidade a política tenha estado sempre no meu campo de investigação. Enquanto leitor, gosto de ler uma análise bem feita, no que julgo estar acompanhado por uma franja considerável do público. Além disso, considero que a análise política fará cada vez mais parte dos jornais, que têm que dar algo mais do que a simples notícia. No entanto, devo dizer que não alinho entre os que dramatizam ou enfatizam esse género jornalístico, julgando-o causador de crises, semana após semana.

D.L. - Como é que se conjuga a cultura com a política?

D.P.A. - A política deveria sempre ser secundada, no que toca àqueles que a protagonizam, por uma ampla perspectiva cultural. Posto isto, acho que o Estado, tal como está a acontecer um pouco por toda a parte, se deve coibir o mais possível de tentar condicionar a actividade cultural, ainda que seja com intuitos aparentemente sublimes.

D.S.

Sexta-feira no Diário de Lisboa

Congresso do CDS em Grande Angular

As guerras da televisão por F. Piteira Santos

Sintra: o paraíso negligenciado

As eleições na RDA

meteorologia

Café de saco

Na poderosa parábola narrada como em delírio por Dostoievski em «*Os Irmãos Karamazov*», «A Lenda do Grande Inquisidor», o maior da Igreja de Espanha tenta convencer o Cristo regressado antes de o expulsar ou de o recrucificar, que não é preciso nenhum Messias de novo, só perturbaria a ordem estabelecida. Aliás, o retrato de Jesus é o único acabado do autor russo que muitos esboços fez. O seu Cristo é um homem belo, de graça quase insuportável, mas mudo. Uma das mais penetrantes visões da importância fatal da palavra, mas também uma das mais perturbantes do destino dos profetas.

Do mesmo modo, que Pessoa não saia do Panteão, que fique quietinho. Sobretudo, que não apanhe o eléctrico e não desça na Praça do Comércio, não lhe dê a tentação de revisitar o seu Martinho da Arcada. E, se por acaso penetrasse nesse espaço modificado, que não lhe passe pela cabeça sentar-se a uma mesa e pedir uma chávena de café de saco. Nenhum Senhor Manuel, criado, lhe traria o habitual com o velho açucareiro de metal, a colherinha dentro do orifício, nem o cinzeiro de latão. Ninguém se sentaria à sua mesa. Almada Negreiros que vá pintar para outro lado...

Pessoa? Fora! «Go home»!

E é normal que assim seja. Apenas me surpreendo com o espanto dos colegas e dos da Direcção da Associação Pessoana dos Amigos do Martinho da Arcada (APAMA) que talvez quisessem que... o Martinho, salvo da morte lenta ou rápida pelos gentis pessoanos, servisse o café proibido a Pessoa.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Arceno S.A.
CONCESSIONÁRIOS VW AUDI
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO
LITERÁRIO
SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 15 DE MARÇO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Cathleen ni Houihan, excerto de uma peça de Yeats, pág. 3; entrevista com José Craveirinha, págs. 4 e 5; Malcolm Lowry por Herberto Helder, Goethe por Nuno Júdice, Marin Sorescu por Eugénio de Andrade, Reiner Kunze, por Maria Teresa Dias Furtado: traduções, págs. 6 e 7

YEATS
e a renascença literária irlandesa

Dos cerros altíssimos a que se elevou a literatura irlandesa de expressão inglesa avista-se mal a dolorosa contradição de onde partiu, e de que a obra de William Butler Yeats (1865-1939) é exemplo notável, ao aliar a expatriação linguística a uma opção clara e firme pela Irlanda.

Yeats decidiu escrever em inglês, mas em política foi partidário do velho feniano John O'Leary, perfilhando, em matéria mitológica, as orientações de Fergusson e O'Grady, e dessa mistura explosiva retirou a força para conferir à literatura anglo-irlandesa da viragem do século, a energia e as consequências de um movimento.

Em **The Wanderings of Oisin** (1884), o primeiro poema longo a granjear-lhe renome e a admiração do público, ou nos frisos em prosa de **The Celtic Twilight** (1893) e **The Secret Rose** (1897), Yeats recolhe e transfigura poeticamente materiais históricos e folclóricos das velhas tradições da verde Erin, desbravando um caminho que logo seria trilhado pela literatura e pela poesia irlandesa: o do louvor e reabilitação de uma prodigiosa memória cultural negada ou subalternizada pela colonização.

Com o auxílio de Lady Gregory, Yeats, em 1899, estende ao teatro a sua acção regeneradora, propondo-se a realização de um programa baseado no tratamento cénico de lendas heróicas, realismo rural, velhos romances da popular tradição oral e outras espécies da imaginação folclórica, sem descurar a língua nacional. Uma das primeiras peças de Yeats, **Cathleen ni Houlihan** (1902) inspiraria o ardor dos nacionalistas nos tumultos que ensanguentaram a Dublin dos princípios do século, inculcando no poeta a firme determinação de não voltar a escrever textos de propaganda. A sua obra posterior, fortemente influenciada pela teosofia rosacruciana, resulta de um sistema de pensamento que atribui à Irlanda o estatuto de terra sagrada com uma decisiva missão espiritual no conturbado mundo materialista contemporâneo.

Retrato de WB Yeats por Sean O'Sullivan

A viragem do século

Na obra teatral de Yeats, a figura de Cuchulainn combina esses valores espirituais com uma antiga energia pagã, espécie de aristocrático antídoto contra as ansiedades do mundo mercantil, mas na viragem do século o estilo do poeta evolui para formas mais satíricas e combativas, muito diferentes da vaga linguagem pré-Rafaelita do seu lirismo inicial, caracterizado por um modismo que se chamou de «Celtic Twilight».

O público não aceitou pacificamente as novas propostas de Yeats, transformando o Teatro da Abadia em centro de controvérsias, pateadas e frequentes desordens.

No volume **Responsabilities** (1914), onde Yeats pranteia «a morte da Irlanda romântica, sepultada com O'Leary na mesma campa», a sua ironia torna-se mais musculada, coexistindo com a antiga esperança — que nunca abandonou o poeta — na revivescência da Irlanda heróica.

A partir de então, as novas opções de Yeats traduzem-se numa série de poemas elegíacos, nomeadamente **Easter 1916,** com o célebre refrão **«A terrible beauty is born»,** mas a sua poesia deste período não é optimista. A morte do major Robert Gregory, o seu **«dear friend's dear son»,** na Grande Guerra obrigam-no a rever os conceitos até aí perfilhados sobre o heroísmo. Seguem-se a Guerra Civil Irlandesa e a Revolução Russa, num torvelinho que força Yeats à conclusão de haver nascido uma nova era, um novo tempo que põe fim à vigência histórica dos seus ideais de arte, espiritualidade e beleza, assim como ao aristocrático estilo de vida por ele erguido em santuário, garantia e refúgio contra a decadência contemporânea. As grandes sequências de **The Tower** (1928) e **The Winding Stair** (1933) expressam liricamente estes pontos de vista que o poeta torna cada vez mais (auto)críticos até à sua morte, em 1939.

Yeats influenciou decisivamente a poesia irlandesa do seu tempo, suficientemente iluminada, em génio e número, por autores que partilhavam preocupações e temáticas comuns, ao ponto de ser lícito afirmar-se que constituiu um genuíno movimento literário.

George Russel, com **Deirdre,** visionária peça de teatro que é um fresco da mágica paisagem irlandesa; Pádraic Colum, autor da colectânea de poemas **Wild Earth** e do drama **The Land,** que possuem o esplendor sombrio das sagas; James Stephens, que irrompeu na cena literária com **Insurrections,** volume de poemas coléricos contra a injustiça social e as perspectivas esquálidas da vida urbana; F. R. Higgins, Emily Lawless, T. W. Rollerton, William Larmine, Joseph Campbell e Edna Carbery — todos eles dão fé dos prodígios de uma terra cujas fronteiras são o sobrenatural. Mas o misticismo cristão e o sentido do destino nacional, que em Yeats encontraram a sua síntese mais perfeita, estão sobretudo patentes em Patrick Pearse, Thomas MacDonagh e Joseph Mary Plunkett, três poetas que participaram activamente

(continua na pág. 2)

(continuação da pág. 1)

na Insurreição de 1916 e foram mortos nas execuções que se lhe seguiram.

O revivalismo teatral

Foi, porém, no teatro, que as manifestações revivalistas actuaram com mais força, sob os auspícios do Teatro Literário Irlandês, instalado no Antient Concert Rooms, e do Abbey Theatre de Dublin, onde foram apresentadas peças de autores tão importantes como George Moore, Alice Milligan, Douglas Hyde, James Cousins, Lady Gregory, Pádraic Colum, Seamas MacManus e J. M. Synge.

John Millington Synge (1871-1909) dominou a primeira década do Abbey Theatre, produzindo nos seis anos derradeiros da sua curta e trágica vida uma série de poderosos dramas sobre a vida rural irlandesa, culminando nessa extraordinária tragicomédia que é **O Valentão do Mundo Ocidental,** cuja apresentação deu origem, em Dublin, a rixas entre o público e monumentais desordens nas ruas. Através do prisma do seu poético discurso, Synge apresenta uma visão da Irlanda camponesa simultaneamente tão desolada e hilariante, tão simples e apaixonada que o público reagiu contraditoriamente ao que lhe era mostrado em cena, dividindo-se entre o fascínio e a indignação (sobretudo por causa da desmistificação das mulheres, até aí objecto de extrema idealização mítica nos textos dramáticos). Habituado ao fervor patriótico do Yeats de **Cathleen ni Houlihan,** o **Valentão** aparecia-lhe como uma caricatura do heroísmo nacional, uma paródia das épicas fanfarronices patrioteiras.

A Irlanda de Carleton segundo Phiz, que ilustrou os romances de Dickens

A via aberta por Synge teria em Sean O'Casey o mais brilhante expoente, com a sua galeria de patéticos anti-heróis, mais credíveis e adaptados aos novos tempos. As obras-primas de O'Casey, saudadas por Yeats «como uma nova esperança e uma via nova para o teatro», passaram a constituir a base do repertório do Abbey, já que mostravam a realidade viva e inelutável de um povo face aos seus opressores sem rosto. Com O'Casey, consuma-se a despedida aos deuses e guerreiros das idades druídicas, aos Lugh, Nuad, Finn, Deirdre, Cuchulainn, a que a Irlanda apelou tantas vezes. Esse adeus, contudo, não significava uma renúncia total às formas de cultura que fizeram da última Thulé do Ocidente uma terra mítica.

O humor negro

Por outro lado, não deixa de ser significativo que num país cuja crónica é um imenso martirológio, numa ilha regada a sangue e lágrimas, só muito tarde tenham aparecido grandes poetas dramáticos como Yeats, Synge ou Sean O'Casey. É que não houve nação onde o riso, apesar dos sofrimentos e injustiças que suportou ao longo dos séculos, fosse mais venerado. Dir-se-ia que ao assegurar a invulnerabilidade da mais íntima humanidade do homem, ao rejeitar as experiências aniquilantes e os sofrimentos impostos ao indivíduo pela realidade exterior, ao preservar o espírito dos traumatismos intelectuais e afectivos que tendem a retirar ao ego a plena liberdade de decisão sobre o seu próprio destino, o humor, na sua expressão mais elevada, significa o triunfo da liberdade sobre a necessidade, dos poderes do espírito sobre as condições da vida.

Freud, ao caracterizar um dos modos típicos da atitude humorista, define-o como tentativa no sentido de poupar o desgaste exigido pela dor e exemplifica-o com a anedota daquele condenado que levado à forca numa segunda-feira, comentou diante do patíbulo: «Ora aqui está uma semana que começa bem!» Swift, permanentemente dividido entre a cólera e o cepticismo, a indignação perante a injustiça e a casquinha fúnebre em face do medíocre espectáculo da vida, revela-nos assim o seu modo de sentir: «Sempre detestei todas as nações, profissões ou comunidades, e nunca pude amar senão indivíduos. Aborreço e odeio sobretudo o animal que se chama homem, embora ame com todas as forças do meu coração João, Pedro, Tomás, etc.»

É o célebre *wit* irlandês, esse humor negro que soube sempre reduzir a dor à escala da existência: «uma farsa com papéis para todos». Submetida, esfomeada, a vingança da Irlanda sobre o adversário traduz-se em oferecer-lhe os melhores escritores satíricos de que a sua literatura se pode orgulhar: Swift, Sterne, Sheridan, Congreve, Farquhar, Goldsmith. Maturin, Oscar Wilde, Moore, Shaw, para já não falar em Joyce e Beckett, transformam o tão afamado humor britânico numa criação especificamente irlandesa, ao memo tempo lúcida e insolente, como só um povo habituado a um longo convívio com o desespero mais áspero podia forjar.

Trezentos anos de literatura

A história da literatura irlandesa de expressão inglesa pode esquematicamente dividir-se em quatro fases: Colonial, Regional, Metropolitana e Contemporânea.

O período colonial decorre entre a Batalha de Boyne (1690) e o Acto da União (1800) e é representado, fora da Irlanda, por uma linha que vai de Congreve a Sheridan. No interior do país, o período começa com Molyneux e Swift e termina com o último discurso de Grattan no Parlamento Irlandês antes da sua dissolução.

A fase regional inicia-se em 1800 com a publicação de *Castle Rackrent,* célebre novela de inspiração rural da autoria de Maria Edgeworth, e a emergência do nacionalismo cultural de Davis, Mangan e Fergusson, terminando em 1842 com o aparecimento do jornal *The Nation.*

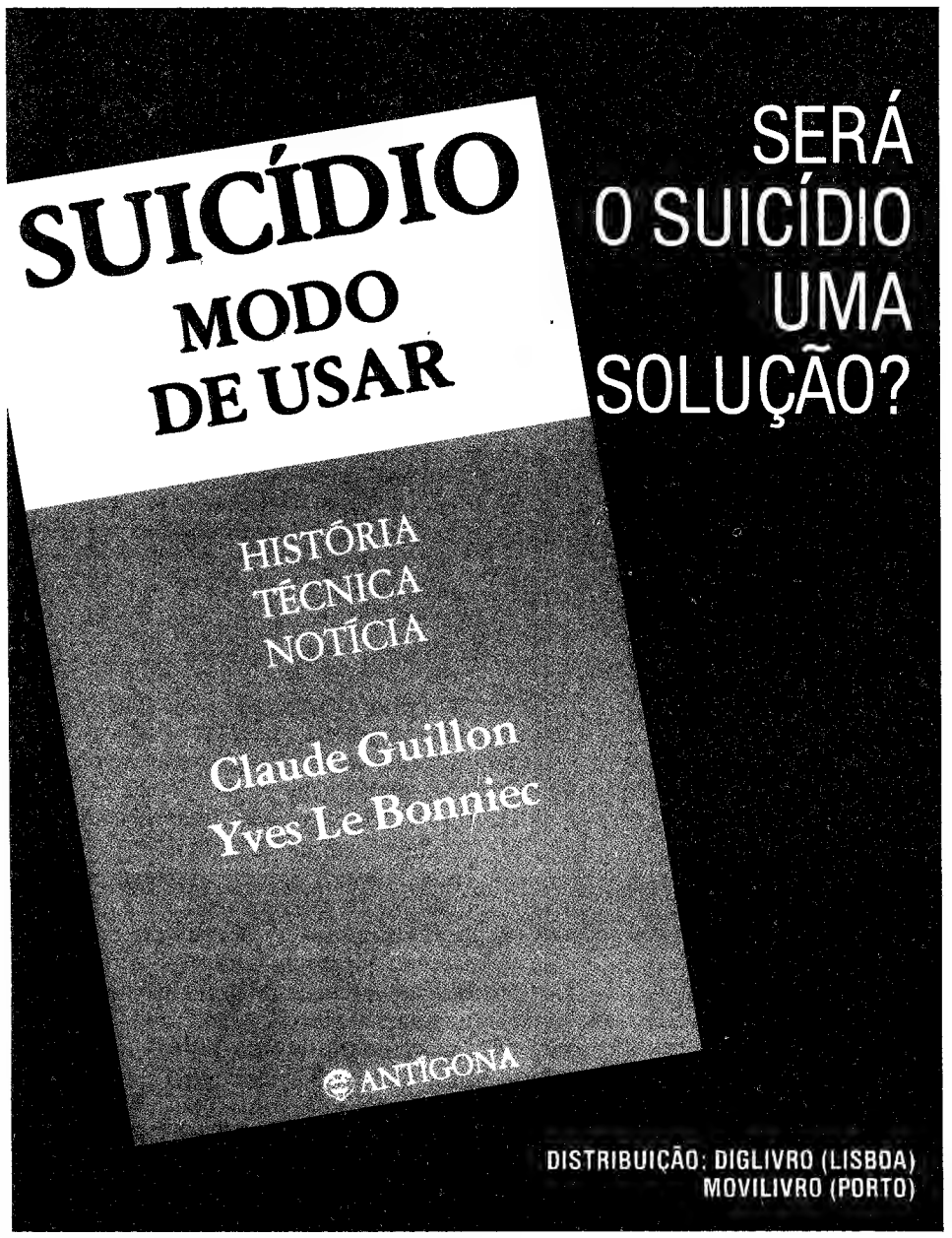
A era metropolitana, em que a Irlanda abandona a sua situação colonial e regional e conquista um estatuto de plena autonomia cultural, decorre entre 1842 e 1922, ano que assinala o início da Guerra Civil e o começo da etapa final para a instauração da completa autonomia política (1926). É a época de ouro da arte e da literatura irlandesas, que fizeram renascer o esplendor, a estranheza e a força de uma cultura misteriosa, que tem tanto de popular quanto de esotérico.

Finalmente, na época contemporânea, autores tão diversos como os já referido Sean O'Casey e Samuel Beckett, e ainda Austin Clarke, Brendan Behan, Hugh Leonard, Richard Murphy, John Montague, Thomas Kinsella, Seamus Heaney, Liam O'Flaherty, Flann O'Brien, Francis Stuart, James Plunkett, Elisabeth Bowen, Frank O'Connor, Seán O'Faoláin, Mary Levin, Edna O'Brien, Brian Moore, Michael Farrel, etc., testemunham, em ondas contraditórias de adesão e rejeição, a distância que vai da cidade real à sua miragem, da existência ao seu mito. Como o Stephen Dedalus, de Joyce, os escritores irlandeses do nosso tempo toleram mal a sobrevivência invencível, qual força atévica ou imperativo religioso, de algo que lhes recorda o velho tempo da servidão: o domínio absoluto da Igreja Católica Romana e dos padrões de cultura ingleses.

Não é aqui o lugar de discorrer sobre a literatura gaélica, que na Irlanda moderna tem cultores tão importantes como Peig Sayers, Tomaz Criomhthain, Mártín Ó Direaín, Breandán Ó Ethir, Seán Ó Riordáin ou Máire Mhac an tSaoi. Digamos apenas que os começos da escrita poética e narrativa em gaélico se perdem na noite dos tempos, derivação céltica de uma remota tradição indo-europeia, e que ainda a Europa estagnava na barbárie e já os gaélicos tinham os seus livros e conventos, de onde saíram teólogos como Alcuino ou Scot Erigeno, geógrafos e gramáticos como Dicuil, artistas como os prodigiosos miniaturistas dos Livros de Kells, Lindisfarne, Armagh, e até apóstolos como São Columbano, São Fiacre, São Kilian, São Fursa, evangelistas de um cristianismo que culmina em São Patrick e São Brendam.

Não cabe, com efeito, nas dimensões deste artigo, qualquer coisa que aspire a ser um *cataloque raisonné* de uma literatura que desde os contos mitológicos da sua primeira prosa narrativa até ao revivalismo actual, passando pelo ciclo do Ulster, com os seus reis e heróis, pelo Fiana e o ciclo de Fionn macCunhaill, pelas gestas pós-normanda, é sempre grande entre as maiores.

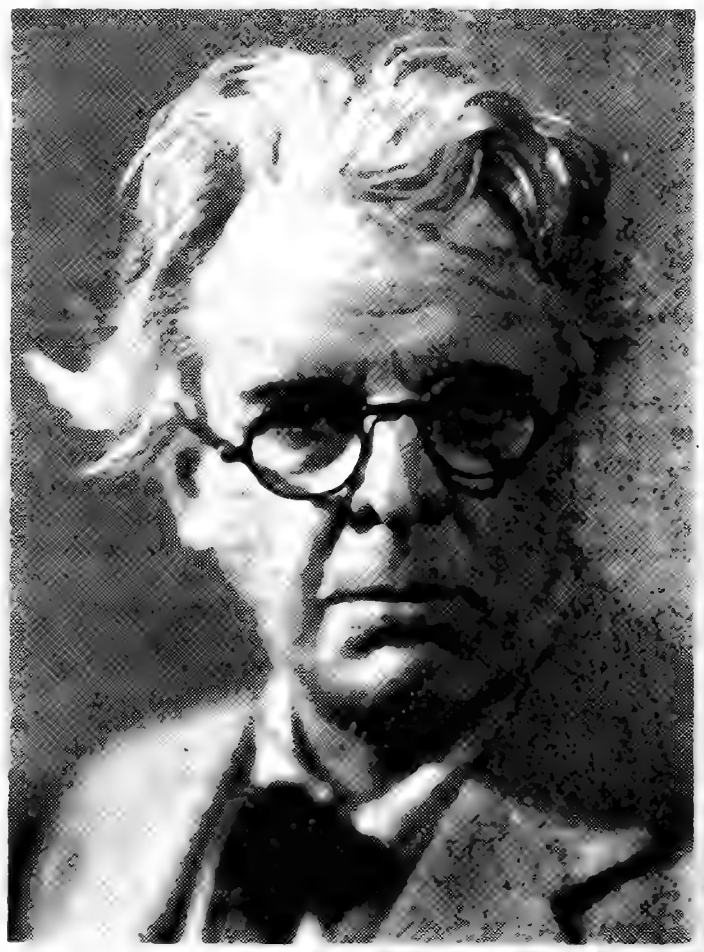
Ernesto Sampaio



literário

CATHLEEN NI HOULIHAN:

Um excerto



Personagens:
Peter Gillane
Michael Gillane, o seu filho que se vai casar
Patrick Gillane, um rapaz de doze anos, irmão de Michael
Bridget Gillane, mulher de Peter
Delia Cahel, noiva de Michael
A pobre velha
Vizinhos

BRIDGET *(para a velha)*. A senhora quer um copo de leite?

VELHA. Não é de comida ou bebida que eu preciso.

PETER *(oferecendo a moeda)*. Aqui tem uma coisa para si.

VELHA Não é disso que eu preciso. Não é de prata que eu preciso.

PETER. O que deseja, então?

VELHA. Se alguém me quiser ajudar terá de se entregar completamente, terá de me dar tudo.

Peter vai até à mesa fixando confuso a moeda que tem na mão e fica a falar baixinho com Bridget.

MICHAEL. Com essa idade e não tem ninguém que cuide de si?

VELHA. Não, não tenho. De todos os amantes que me deram o seu amor, não guardei para mim nem um só.

MICHAEL. E anda assim só pelas estradas?

VELHA. Tenho os meus pensamentos e tenho as minhas esperanças.

MICHAEL. A que esperanças se agarra?

VELHA. À esperança de recuperar os meus belos campos, à esperança de pôr os estranhos fora de minha casa.

MICHAEL. E de que forma é que pensa fazer isso?

VELHA. Tenho bons amigos que me ajudarão. Estão a juntar-se agora para me ajudar. Nada receio. Se hoje eles forem derrotados, amanhã sairão vitoriosos. *(Levanta-se)*. Preciso de ir ter com os meus amigos. Eles vêm para me ajudar e eu preciso de estar pronta para os receber. Tenho de juntar todos os vizinhos para os receber.

MICHAEL. Eu vou consigo.

BRIDGET. Não são os amigos dela que tens de receber, Michael; é a rapariga que vem para esta casa que tens de receber. Tens muito que fazer; tens de trazer comida e bebida para casa. A mulher que vem para cá não vem de mãos vazias; não queiras apresentar-lhe uma casa vazia. *(Para a velha)*. Talvez a senhora não saiba que o meu filho se vai casar amanhã.

VELHA. Não é a um homem que se vai casar que eu peço auxílio.

PETER *(para Bridget)*. Mas quem é ela, afinal? Sabes?

BRIDGET. A senhora ainda não nos disse o seu nome.

VELHA. Alguns chamam-me a pobre velha e há outros que me chamam Cathleen, a filha de Houlihan.

PETER. Penso que já conheci alguém com esse nome. Quem terá sido? Foi com certeza alguém que conheci quando eu era criança. Não, não, agora me lembro, ouvi esse nome numa canção.

VELHA *(que está no vão da porta)*. Espantam-se por haver canções que foram escritas para mim; já muitas canções foram feitas para mim. Ouvi uma no vento esta manhã.

(Canta)
Não façais um grande prato
Quando as campas se abrirem amanhã.

Não chameis os cavaleiros de lenços brancos
Para o enterro que se cumpre amanhã.

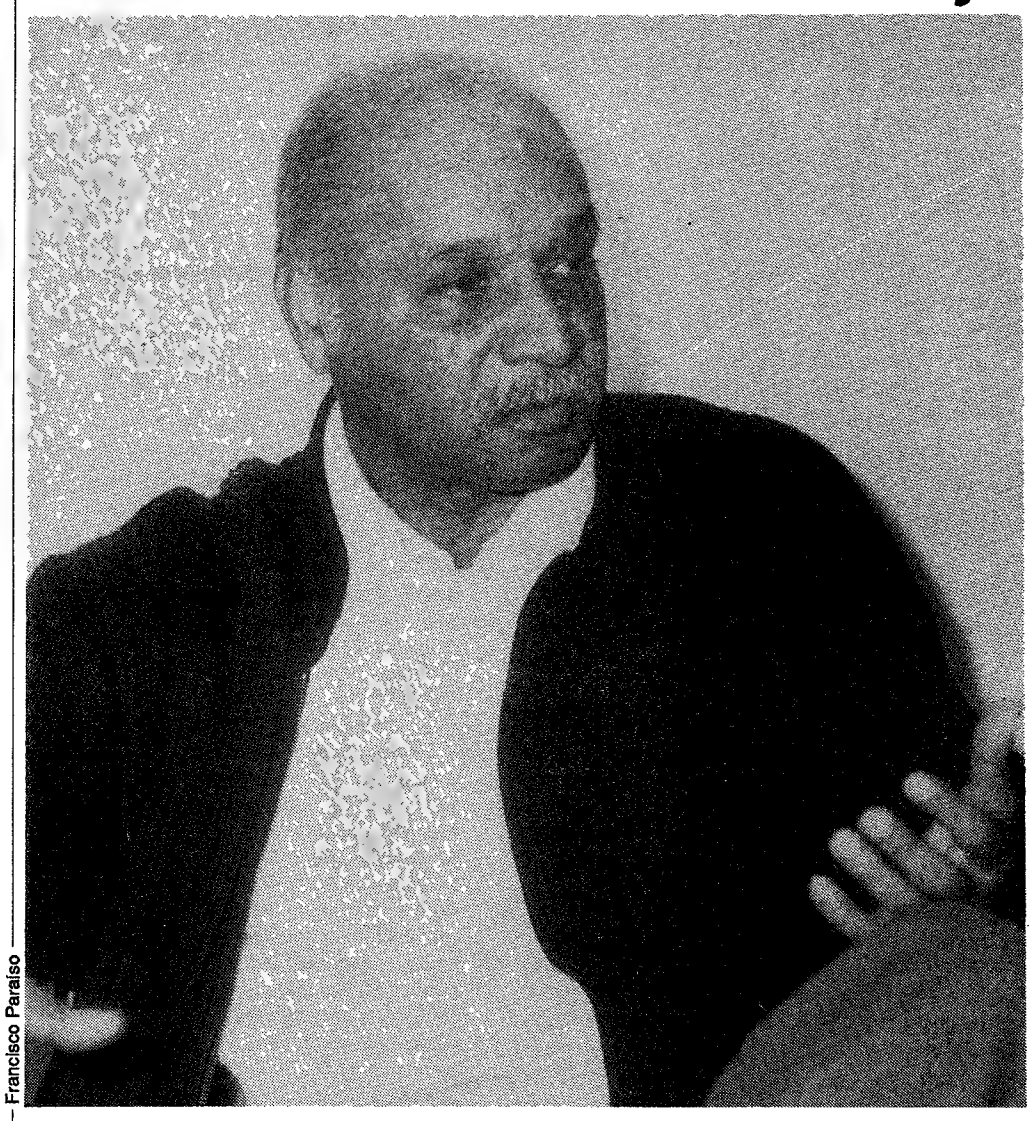
(continua na pág. 8)

SINOPSE

Yeats escreveu *Cathleen ni Houlihan* em 1902. A acção da peça reporta-se a 1798 e conta a história de uma família que vive em Killala e que se prepara para casar o filho mais velho — Michael Gillane. Enquanto conversam sobre o fato do casamento de Michael, ouvem aclamações vindas da cidade. Intrigado, Patrick, o irmão mais novo, dirige-se à janela e vê uma velha que vem pela estrada. Imediatamente se lembra de uma história que lhe haviam contado segundo a qual sempre que a Irlanda atravessasse um período de guerra uma velha era vista a percorrer as ruas do país. É essa mulher estranha que vem interromper as conversas, que giram em torno do casamento, pedindo para entrar em casa dos Gillane. Eles abrem-lhe a porta pensando que é uma pedinte mas cedo se apercebem de que há nela algo de diferente: as suas declarações são ambíguas, quase oraculares. Ao longo do diálogo que ela mantém com a família, é Michael que se apercebe que Cathleen (pois é esse o nome), a filha de Houlihan, não é mais do que um símbolo da própria Irlanda e que, velha e cansada, percorre o país atraindo jovens que por ela lutem. O inimigo é obviamente a Inglaterra, que roubou as suas terras, os seus quatro campos verdes, como ela diz referindo-se aos quatro províncias da Irlanda. Não podemos esquecer que 1798 foi um dos anos das revoltas irlandesas, não desligadas dos acontecimentos da Revolução Francesa, que fora, de resto, encarada com simpatia pelos irlandeses que se queriam ver apoiados na sua luta centenária contra a Inglaterra. Rejeitando o dinheiro que lhe tentam oferecer, Cathleen explica que não é dele que precisa mas antes do amor de Michael, esperando que ele possa vir a oferecer a própria vida por ela, tal como tantos o tinham já feito. Michael cede, fascinado por aquela mulher que canta canções estranhas. Logo esquece a casa, a família, o casamento, e parece não ouvir as lamentações de Delia, a sua noiva, que lhe pede para não se juntar aos franceses. No meio das aclamações da rua, Patrick, que vinha a entrar em casa com Delia, cruza-se com uma mulher. Não é, porém, uma velha mas antes uma rapariga jovem cujo andar é semelhante ao de uma rainha.

Esta é uma das peças de Yeats que mais apela ao espírito nacionalista dos seus compatriotas. É necessário que os jovens se comprometam ideologicamente com a sua velha Irlanda de modo a poderem contribuir para a sua autonomia cultural e política. Só assim ela poderá recuperar a sua juventude e o seu porte majestoso digno de uma verdadeira rainha.

JOSÉ CRAVEIRINHA
O vaticínio infalível



Francisco Paraíso

Em quantas partes?

Em quantas partes se divide um grito
em quantos corações se parte uma terra
em quanto olhos se come o sol
e em quantos pães se mata um sonho?

E se uma mulher despida é sempre um desejo
mais aperfeiçoado do que todos os milagres
o que significa neste Mundo o miolo
de um pão obsceno às metades
na mesa de seis bocas?

E quando é certo que um negro
dorme os velhos sonos tão completamente
só imitando outra pessoa a dormir quando já não pode
carregar um saco
ou levar o menino à escola

em quantas partes se divide um riquexó na ilha
em quantas partes se vive uma chávena de chá
em quantos sofás de mandioca se deita a filha mais nova
e em quantas partes se morde um bife de nervo
até ao delírio do osso no espaço tenro
do mundo na lua espetada num tronco
de imbondeiro no jantar engendrado no mato?

E neste poema em quantos trapos
se esconde o rei da fome de cada um
e levanta a cabeça o preciso
verso da fome de cada lei?

(Poemas do livro "Karingana Ua Karingana", Lisboa, Edições 70, 1982)

Tem o rosto sereno e fala com a lentidão quente do contador de histórias. Como não se perderia um poeta moçambicano em Londres? Craveirinha ri-se a aflorar as peripécias da sua última viagem ao Reino Unido, para onde foi convidado pelo departamento cultural da Embaixada portuguesa, ou mais concretamente, pelo seu velho patrício e companheiro de letras, Eugénio Lisboa: **«Quando me convidou, pensei primeiro que era para passear. Depois mandaram-me o programa das festas: só então percebi que tinha que trabalhar. Queriam que eu falasse nas Universidades britânicas. Apanhei um susto!»**

Durante dias foi enchendo folhas de papel com coisas a dizer aos universitários ingleses. No avião ainda ia anotando outras ideias, porque isto de um poeta fazendo discursos não é assim tão simples. Mas, depois, foi a revelação: **«Não usei nada do que escrevi: foi tudo de improviso».** E não será esse, o verdadeiro processo da comunicação? Um longo improviso, a mútua descoberta, a consciência de que todos não nos conhecemos tão pouco?

O certo é que, para pôr tudo em pratos limpos, Craveirinha fez questão em definir, logo de início, no King's College de Londres, onde existe um departamento exclusivamente dedicado ao ensino das literaturas africanas de língua portuguesa, os parâmetros em que a conversa se devia desenrolar: **«Eles tinham que compreender uma coisa muito básica.É que, no espaço de Moçambique, cabem mais de três Inglaterras e que só a cidade de Londres tem mais habitantes do que o meu país inteiro».** A partir daqui, muita coisa haveria a entender, nomeadamente no que diz respeito à poesia.

«Excelentíssimo sr. Governador».

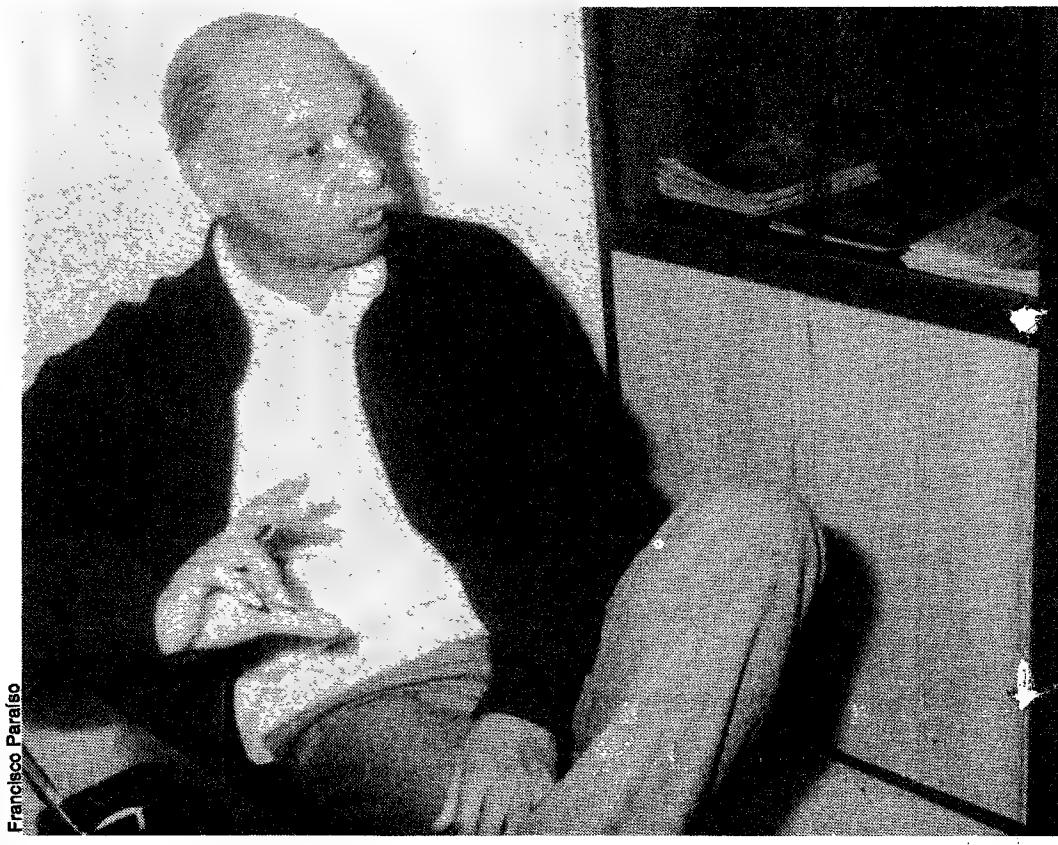
Às duas da manhã de 1963, José Craveirinha escrevia um poema no qual se dirigia ao Exm.º Sr. Governador e no qual afirmava que **«o poeta de coração na sua terra/ do alto da sua profética insignificância/ não passa de um simples fabricante/ de problemas e vaticínios/ mais tarde ou mais cedo/ sempre certos».**

Ninguém contesta esta capacidade de fabricar «vaticínios infalíveis» e, muito menos, a este moçambicano de 68 anos, que o acabou provando com o tempo que os tornou realidade. Assim o demonstra o tempo que é, em geral, aquele que tem menos pressa, apenas aquela indispensável para saborear a vida.

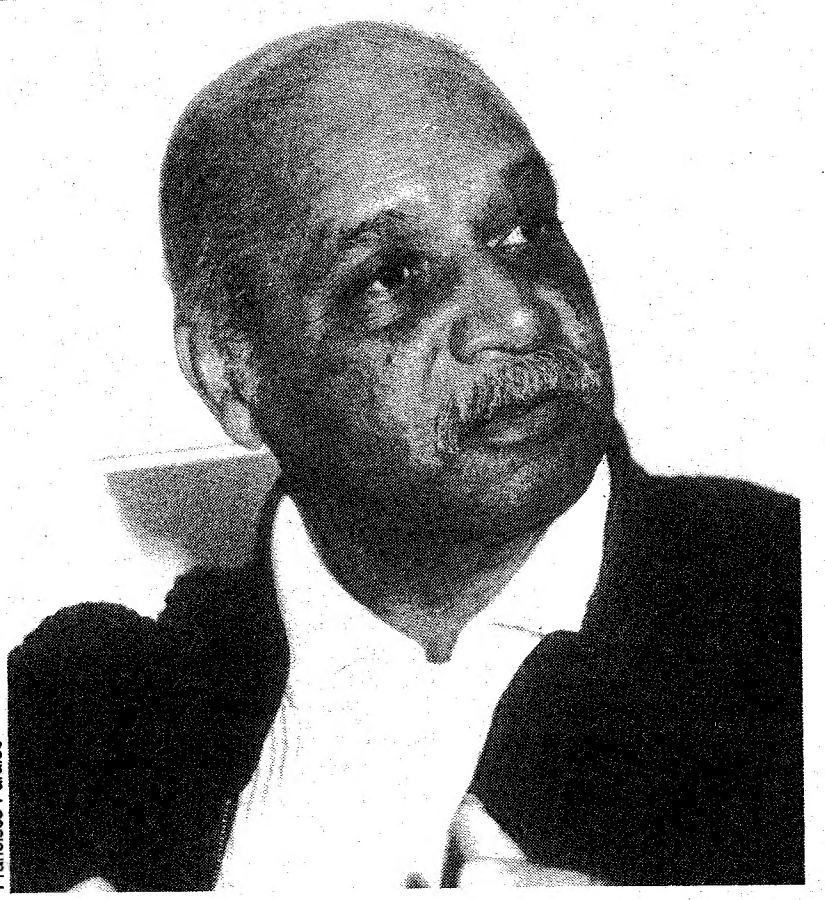
É que, entretanto, Moçambique tornou-se um país independente, resistindo a um longo e doloroso processo que não se sabe muito bem quando terminará: **«Claro que temos problemas graves, principalmente nas zonas rurais onde existe uma situação que você qualificou como sendo de guerra. Eu preferia qualificá-la de ambígua, porque para mim ela não faz sentido. Faria sentido, isso sim, se existissem ataques destinados a modificar o governo, a corrigi-lo. Mas não. O que acontece é que as vítimas são, deliberadamente, crianças e mulheres, gente inocente, completamente fora do contexto político ou governativo. Poderia compreender a destruição das infra-estruturas. Mas o assassinato de inocentes e, ainda por cima, com os requintes com que são cometidos, ultrapassam o meu entendimento. E penso mesmo que quem promove esses ataques, já não está a contribuir para nada que tenha a ver com qualquer ideal político: chegou ao climax e já nada tem a ganhar, tendo deixado de ser qualquer tipo de alternativa.»**

Uma grande desinformação.

É verdade: tinha ficado claro desde início que a nossa conversa não se limitaria à poesia. Como poderia ser assim, uma vez que falar de Moçambique é falar da guerra, da fome, de um processo esquivo em que outros interesses se sobrepõem ao processo normal de um país que ainda recentemente ascendia à independência. Como não falar de tudo isso com um poeta que sempre viveu num dos mais importantes bairros suburbanos de Maputo, a Mafalala, cantada na sua poesia, reverenciada na sua linguagem musculada brotada directamente dos seus becos onde o desconseguimento é uma forma serena de enfrentar as dificuldades



Francisco Paraíso


Francisco Paraíso

Fragmentos poéticos de José Craveirinha

Maria Sende

Havia o vento sobre as cabeças dos milhos
havia a chuva sobre as águas dos rios
e havia a carícia de fogo do "cavalo-marinho"
sobre as cabeças dos homens.

E na longa noite de África
havia
almas perdidas em desejos de vida
canções surumadas de sofrimento
mãos endurecidas na masturbação das facholas
e bocas aluadas de gritos
no xigubo!

.

E nós, Maria Sende
homem e mulher na manhã das origens
juntos na espiral de um sonho
preto-e-branco
sem raças!

e de
uito
nos,
que
ra o
me-
sável

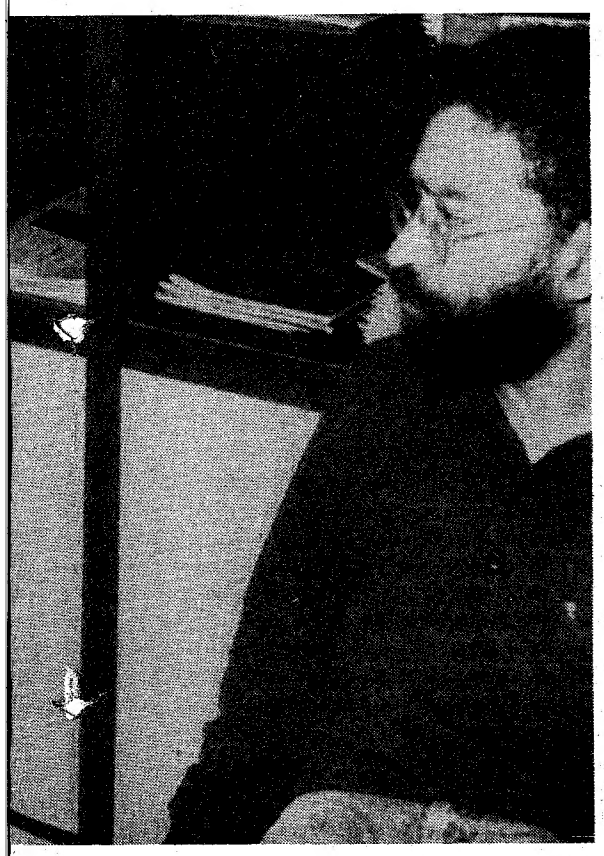
nou-
um
sabe
que
ente
itua-
o de
mbí-
enti-
sem
over-
nte-
men-
ente,
ítico
ler a
as o
r ci-
ome-
ento.
e es-
para
ideal
tem
quer

e iní-
ária à
a vez
erra,
n que
cesso
nente
falar
re vi-
os su-
ntada
nguа-
e dos
uma
dades

do dia a dia: **«Todos nós somos um bocadinho políticos. Mas há os políticos da política e os políticos sem política que somos todos nós, aqueles que se sentem peões neste tabuleiro. E esses sentem que há aqui qualquer coisa que não está bem, ou não querem que esteja bem. Porque não se chega a um acordo? É que, se de facto existem objectivos e eles podem ser alcançados à mesa das negociações, porque são tentados, preferencialmente, pela via das armas? O governo moçambicano já pôs as suas condições, clérigos serviram de intermediários, para fazerem sentir a necessidade da paz. Mas mesmo depois dessas tentativas já se registaram centenas de mortes. E já nem sequer falo das medidas de clemência ditadas pelo governo. É que, se por um lado tiveram alguns benefícios (houve quem se entregasse às autoridades), por outro temos que reconhecer que não serviram para acabar com essa situação».**

Mas, nestas viagens pelas Universidades Inglesas (Cardiff, Bristol, Newcastle), e também pelas ruas de Lisboa, qual a sensação que tem?

«Essencialmente a desinformação que existe e não beneficia Moçambique. Numa das vezes em que intervim em Inglaterra cheguei a dizer que, para falar mal de Moçambique basta dizer a verdade! Quando as pessoas que não gostam do meu país exageram e vão ao ponto de mentir, nessa altura já estão a dizer bem dele. Porque ele não é tão mau como as pessoas aqui fora proclamam. E os erros, as falhas, os pontos negativos, são os próprios dirigentes que não os negam e os apontam. As pessoas no exterior não estão actualizadas sobre o que se passa em Moçambique e então transportam para lá figurinos de outros lados. O actual governo moçambicano já tornou público que em 91 haveria eleições e está em curso a revisão da constituição em moldes que alteram fundamentalmente a anterior. Não sei o que se pode exigir mais! Acho que depois desta declaração pública no sentido daquilo a que se chama (cá fora gostam muito desse termo) «Estado Democrático», ficam desertas as manipulações que ainda acontecem no exterior para influenciar uma determinada mudança em Moçambique».



Um poeta de antes de ontem

Mas a pergunta estava há muito engatilhada. O que é escrever num país em guerra, numa situação extremamente difícil? Até que ponto tudo isso tem influenciado o «escreviver» moçambicano das novas gerações? **«Directamente é como se não existisse essa situação a que chama de guerra. Mas é claro que os que escrevem, princaplamente na poesia e no conto, não podem ficar indiferentes ao que acontece ao redor.»**

No entanto, não se pode negar que já vão longe os meados de 40 quando com Noémia de Sousa e outros, iniciou a caminhada da criação de uma poesia de afirmação nacional que, naturalmente, foi evoluindo à medida que o próprio conceito de nação se foi consolidando e ganhando contornos definidos. Altura em que escrevia: **«Vim de qualquer parte / de uma nação que ainda não existe/ vim e estou aqui»!**

O certo é que a nação agora existe e prossegue também a poesia: **«Claro que as motivações são sempre diferentes. Mas para o escritor, o poeta (ou como lhe quiser chamar), o que está em causa é ser sensível aos problemas que o afectam, directa ou indirectamente. O Poeta ou o escritor não pode ser um homem que esteja indiferente aos problemas. E nós sabemos que em Moçambique existem problemas».**

Mas, naturalmente, existe também uma espécie de deslocação do sentir da nova geração de poetas surgidos depois da independência em que, de um modo muito geral, poderíamos dizer que se deambularam da «Mãe África», para uma zona em que a mulher é seu tema (veja-se, a título de exemplo um Eduardo White). **«Nunca tinha dado por isso, mas em relação à mulher, ela foi sempre tema na poesia moçambicana, tendo servido até como metáfora, como símbolo para iludir, antes da independência, a censura prévia e todas as engrenagens que impediam que se dissessem as coisas tal como elas eram. Quanto ao resto, eu não posso falar daqueles que começaram a escrever agora, porque faço questão em afirmar que eu sou um homem de antes de ontem. E o facto de existir e ter o prazer e a honra de não estar sozinho hoje, neste agora, de ter companheiros daqueles tempo que ainda ouvem e sentem e ainda têm palavras para dizer, dá-me uma grande alegria».**

Aliás, José Craveirinha tem a sua posição sobre o verdadeiro boom de poetas e jovens criadores literários que surgiram depois da independência: **«A poesia é um género literário muito actuante. Mas para mim tem importância aquilo que se faz em termos de qualidade, e não em quantidade. Que há muitos poetas, hoje, em Moçambique? Olhe, já houve mais, mas cada vez há-de haver menos. Mas isso é uma lei a que não se pode fugir. O tempo irá depurando. E, por isso, é bom que haja muitos poetas e aprendizes da prosa. Porque só assim irão surgir os bons, os óptimos e os medíocres».**

O antes e o depois?

E, na verdade, o tempo é infalível: pode-se enganar no seu juízo da década, mas nunca no espaço de meio século. Cinquenta anos de poesia é muito tempo. O que permite dizer, parafraseando um personagem do escritor cabo-verdiano, Gabriel Mariano: «O que a vida tinha para ver, eu já vi. Agora eu adivinho».

E é nesse adivinhar que José Craveirinha se interroga sobre a novíssima geração, a braços com uma forma de orfandade poética, já distante da afirmação, mas ainda numa espécie de terra de ninguém na procura do próprio processo poético. **«Eles não têm que procurar. Se, depois de 15 anos de independência ainda andam à procura, é porque se esqueceram de olhar para trás. Nada aparece do nada e numa década é impossível inventar literatura. E, mais ainda: parece existir um aparente litígio que me faz confusão. O que é ser um escritor de antes da independência e de depois da independência? Há escritores que só se revelaram depois, embora tivessem mais de 50 anos. Vamos agora estabelecer valores a partir das certidões de idade, como para o serviço militar? O acto criativo também obecede a escalões etários? Pessoalmente repugna-me ouvir falar em choque de gerações quando se refere a literatura moçambicana. E há mesmo quem proponha esse choque. Primeiro é pomposo falar nesses termos. E, segundo, não sei que choque poderia haver. A não ser que haja lugares cativos, lugares vitalícios. Ora desde criança (e isso antes da independência) que eu aprendi que o saber, assim como o talento, não ocupa lugar. Se aparecerem mil valores, mil talentos na literatura e outras áreas de conhecimento, naturalmente que há lugar para todos».**

Os que partiram

Para José Craveirinha, tudo isto passa também por um trabalho crítico que é fundamental em Moçambique e que já começa a ser feito.. Mas, tal como realça, quando da mudança da colónia para país independente, Moçambique perdeu muitos valores intelectuais que não é fácil substituir. **«Poderiam ser valores discutíveis, polémicos, mas eram valores. E não é numa geração que eles podem ser substituídos ou vir a ocupar os lugares que eram ocupados por moçambicanos como Eugénio Lisboa ou Rui Knopfil, para só citar esses».**

Uma situação ainda recentemente descrita por Eugénio Lisboa, numa «Carta de Moçambique» e na qual ele afirma que **«pessoas como nós (...) nascidas em Moçambique ou para lá idas muito novas (...), são gente profundamente dividida: há em nós uma impregnação profunda — e fecunda — de duas culturas, de duas atmosferas, de duas vivências, e nenhuma delas pode ou deve ser rejeitada. A divisão está em nós, é parte de nós, origem de algum sofrimento, mas também de alguma exaltação e de não pouca riqueza interior».**

Assim, saíram muitos nesse êxodo: **«Foi uma pena, porque houve portugueses que seriam mais válidos para um Moçambique independente do que um medíocre como eu. Sim, escreva isso!».**

Mas, simultaneamente, também o orgulho de Moçambique que **«se pode hoje vangloriar de ter contribuído com valores seus, espalhados por tantos locais, não se confinando ao território nacional».**

O homem dos vaticínios infalíveis desaparecia, pouco depois, pelas ruas do Bairro Alto, uma espécie de Mafalala árabe que também vai com o seu andar.

Guilherme Ismael

Com a já anunciada publicação de mais algumas traduções de poemas e depoimentos sobre esse controverso trabalho se encerra a fugaz experiência que foi manter no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» um lugar onde fosse possível fixar ou fazer ecoar a voz sempre fugidia e fugitiva da poesia.

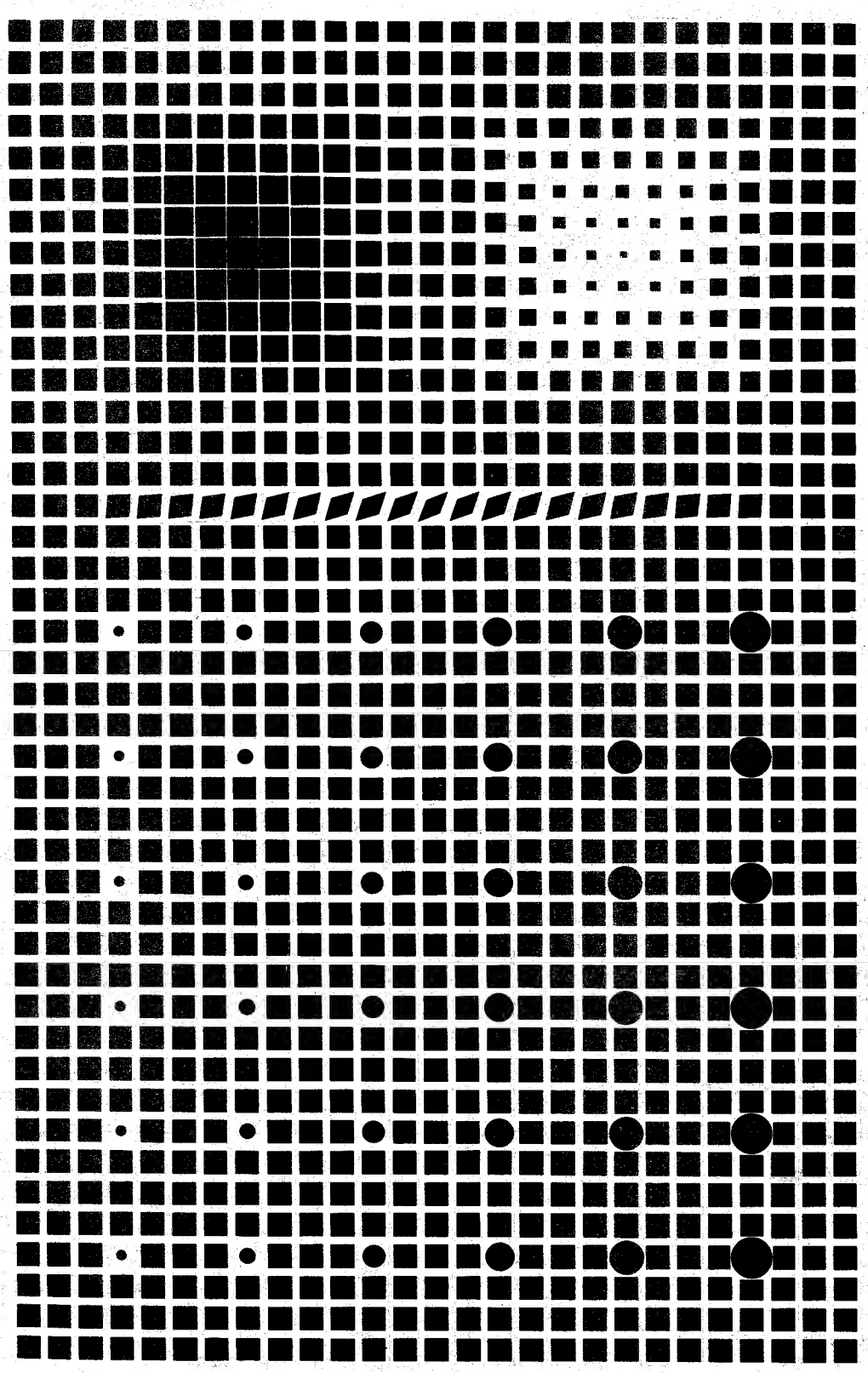
Gastão Cruz

O ESPELHO DA TRADUÇÃO

Toda a poesia é tradução; e só existe quando evoca, ou invoca, ou resume, ou parafraseia, ou plagia, ou imita, uma outra linguagem. Nada pior do que os poemas que se pretendem originais, que aspiram à descoberta (à «trouvaille»), as peças que se destacam pelo brilho de um estilo-polimento de sapatos verbais. Nenhum poeta começa por o ser — e só chega a sê-lo quando se consegue libertar dessa ilusão, dessa aparência e dessa ambição, isto é, quando deita fora a sua originalidade e entra nessa ordem de que a primeira regra é o abandono da afirmação pessoal. Talvez escandalize algumas pessoas o dizer que a língua é a última coisa a ter importância na poesia. Sim: há a música, alguns sons que jogam uns com os outros e soam bem, uma ou outra palavra melhor escolhida: mas aquilo que eu leio na «Tabacaria» encontro-o igualmente na tradução para «Bureau de tabac»; não li menos o que são os poemas de Rilke por os ter lido em francês ou em inglês e não no original alemão; confesso que — por uma certa insensibilidade à beleza do castelhano — prefiro o Gôngora ou o Garcilaso em francês ao original. Então será que uma rosa est une rose is a rose? É óbvio que cada língua — como a referida flor — terá o seu perfume próprio; e nem todas florescem do mesmo modo. Ora o poema, menos do que dizer esses acidentes da diferença, preocupa-se sim em exprimir o essencial, o que permanece mesmo para além dos sons. Quem conseguirá, ao certo, saber como soavam Ovídio ou Propércio? Os seus poemas não existem menos por esse facto.

Traduzir talvez determine nalguns estas angústias. Raramente traduzi — menos de meia dúzia de poemas, um dos quais de resto (uma contra-rima de Toulet) pertence a um dos meus livros. Mas isto explica-se pela frase inicial; todos os meus poemas têm, como finalidade, traduzir toda a poesia (de que eu gosto — mas também não sei se haverá outra para além desta). Essa é a melhor das traduções porque, na falta dos originais, ninguém poderá apontar as eventuais traições. Julgo, até, que será no mundo da poesia que o ideal comunista ainda tem alguma validade — ou antes, é o único campo que permite a sua prática plena. Por isso, ao acabar de traduzir um poema como «O amor paisagista», de Goethe, fiquei com sérias dúvidas sobre qual seria o seu legítimo proprietário, na linha do conhecido exemplo borgesiano do Menard autor do Quixote. Se o traduzi, foi porque havia nele algo que era meu; acabei por me apropriar, finalmente, dele — e guardá-lo junto com os meus outros poemas. Agora publico-o sob essa ambiguidade, isto é, dizendo que, se o traduzi, foi porque em certa medida acabei por ter sido eu a escrevê-lo.

Nuno Júdice



Victor Vasarely
Supernovae

O AMOR PAISAGISTA

Sentado numa pedra, manhã cedo,
olhava fixamente a névoa:
derramada, como tela de fundo escuro,
cobria tudo, para os lados e para o alto.

Uma criança chega ao pé de mim
e diz: «Amigo, por que te limitas
a olhar placidamente a tela vazia?
Terás perdido de vez a alegria
de pintar e de criar formas?»

Vendo-a, pensei em segredo:
«Esta criança quer-se armar em mestre!»

«Mas se te manténs indiferente e ocioso»
Continua a criança, «nada esperes de valor.
Olha, agora mesmo vou pintar um que te agrade.»

Apontou, dizendo isto, o indicador,
Tingido de carmesim como uma rosa,
Para o tapete amplamente desenrolado,
E com o dedo pôs-se a desenhar.

Começou por pôr em cima um belo sol
Que me ofuscava com o seu brilho,
Debruou de ouro a franja das nuvens
E fez com que os raios nelas penetrassem.
Depois pintou os tenros cimos frágeis
De árvores repletas de frescura de vida, uma a uma
Revelou as colinas por trás delas,
Precaveu-se para que não faltasse a água, em baixo,
Traçando com um risco fraco um ribeiro
Por forma a que rebrilhasse com o sol
E parecesse murmurar sobre os seus flancos.

Ah! O riacho estava bordejado de flores,
E as cores salpicavam o prado,
Ouro e esmalte e púrpura e verde da erva;
E ali só esmeralda e rubi!
Depois, pintou em tons transparentes
O céu com, ao longe, o azul dos montes,
E eu, edificado, deliciado, tanto
Contemplava o pintor como a sua pintura.

«Não te provei já», diz-me ele,
«Que me oriento bem nesta obra?
Mas o que falta é o mais difícil.»

Com a ponta do dedo desenhou então
Com grande cuidado, perto do bosque, ao fundo,
No próprio local onde a luz intensa do sol
Se via repercutida pelo claro solo,
Desenhou então a mais encantadora das raparigas,
De corpo perfeito, com um vestido gentil,
Com um rosto fresco sob os cabelos castanhos,
E esse rosto era da mesma cor
Do pequeno dedo que o criara.

«Menino, quem é o mestre», exclamei,
«Que te educou na sua escola, a ti
Que rapidamente e com tanta naturalidade
Começas sem hesitação e levas tudo bem até ao fim?

Ainda durante o meu discurso, eis
Que um vento se ergue, faz mover os cimos das árvores

Ergue uma ondulação no ribeiro,
Enche as pregas do véu da bela rapariga;
E por grande que seja a minha surpresa, oh! surpresa
maior ainda, ela move um pé,
Põe-se a caminho e aproxima-me do lugar
Onde me encontro perto do sabido que me ensina.

E tudo, sim tudo estando em movimento,
Árvores, rio e flores, e até o véu
E o pé subtil da mais bela de todas,
Julgais acaso que na minha pedra eu tenha
Tal como uma pedra, ficado imóvel?

Goethe
Trad. Nuno Júdice

revista de poesia

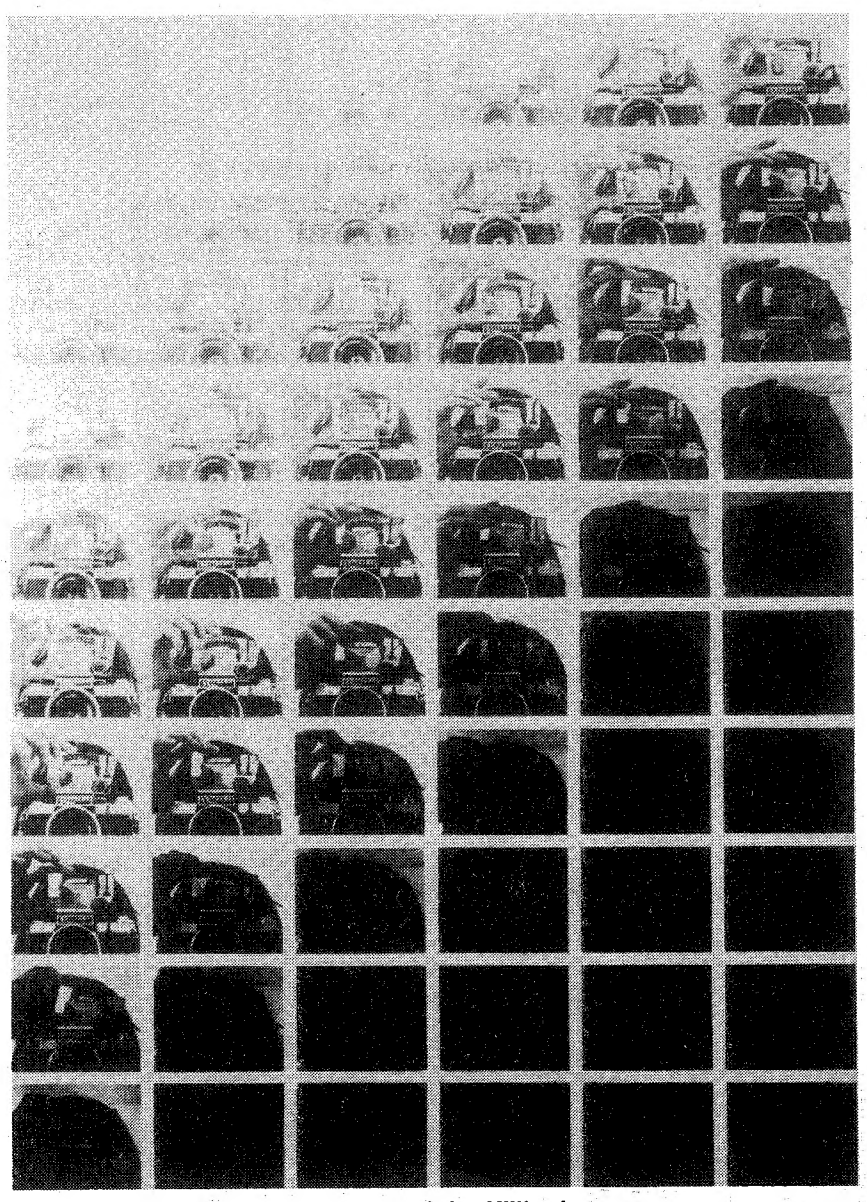
TRADUZIR POESIA

Pesar bem todas as palavras
não esquecendo o bater do coração

Seguir o poeta mesmo quando o verso
nos deixa às escuras

Com ele ir até ao fim [1]

Reiner Kunze, poeta alemão nascido em 1933, tem feito numerosas traduções de qualidade, sobretudo de poetas checos, como o Nobel Jaroslav Seifert e Jan Skácel. No poema em epígrafe fala da sua própria experiência, que é a experiência de qualquer tradução de poesia nas mesmas circunstâncias. As palavras traduzidas devem manter o seu peso e o seu impacto poéticos na língua de chegada. O tradutor que quer cumprir cabalmente a sua tarefa não desiste, mesmo quando a tradução lhe exige um paciente e aturado labor de interpretação. No entanto, a obscuridade original do verso deve predominar sobre a claridade que o esforço interpretativo tiver alcançado. A tradução de poesia não deixa de ser co-criação, não paralela ou rival do texto de partida, mas profundamente solidária com a sua fonte, o poeta, com quem o tradutor de poesia entra em íntima comunicação até se banhar no fulgor das suas imagens, até saborear os espaços mais recônditos da linguagem e da experiência poéticas.



John Hilliard
Camera Recording its Own Condition

SÚPLICA A TEUS PÉS

Morre antes de mim, um bocadinho
antes

Para que não sejas tu
a regressar sozinha
a casa [2]

REGRESSO DE PRAGA

Dresden Primavera de 1968

Tenho uma lição para dar na ponta da língua, no entanto
a alfândega revista-me os dentes [3]

SEM RODEIOS

Dos germanistas só ama a poesia um entre cem
Vocação para germanista além deste nenhum tem

Para uma interpretação
Além deste um
não gosta o autor de mais nenhum [4]

Maria Teresa Dias Furtado

1 Reiner Kunze, *eines jeden einziges leben*. Frankfurt a. M., S. Fischer V., 1986, p. 30.
2 Id., Ibid., p. 64.
3 Id., *Sensible Wege*. Hamburg, Rowohlt, 1983, p. 70.
4 Id., *auf eigener hoffnung*. Frankfurt a. M., S. Fischer V., 1981, p. 104.

ÂNGULO

Pôs-lhe a mão num dos olhos
e apontou-lhe o mundo
imenso
desenhado numa lâmina.

— Que letra é esta?,
perguntou.
— A noite, respondeu.
— Enganas-te, é o sol.
Todos sabemos que a noite
não tem raios. E esta?
— A noite.
— Não me faças rir!
É o mar, onde viste tu
tanta sombra no mar?
E esta?
O homem vacilou um instante
e respondeu:
— A noite.
— Oh! É a mulher.
A noite não tem seios, querido.
Foi o cabelo negro, certamente,
que te enganou. E esta?
Repara bem nela,
antes de responderes.
— É também a noite.
— Que pena!
Também não acertaste.
Essa letra és tu,
exactamente.

— Entre outro!

MARIN SORESCU

Tradução de Eugénio de Andrade

Marin Sorescu — poeta romeno, nasceu em 1936. É também dramaturgo e tradutor. A sua peça JONAS conheceu enorme êxito. Principais obras de poesia: *Poemas, A morte do relógio, A juventude de D. Quixote*, **etc. A sua poesia encontra-se muito traduzida.**

MALCOLM LOWRY

GLÓRIA

A glória é como uma terrível catástrofe,
pior que a casa incendiada; enquanto
se abate a trave-mestra, o fragor
da destruição repercute-se cada vez mais depressa;
e tu contemplas tudo aquilo, inane
testemunha da danação.

Como uma bebedeira a glória devora
a casa da alma, revela que trabalhaste
para coisa pouca: para ela —
ah, queria que esse beijo traiçoeiro nunca tivesse
molhado a minha face: queria
fundir-me, só, para sempre, na obscuridade, na noite.

(trad. Herberto Helder)

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa
NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de
☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____
Morada _____
Código Postal _____
Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

literário

(continuação da pág. 3)

Não espalheis comida a atrair estranhos
Para os velórios que se realizam amanhã;
Não deis dinheiro para orações
Pelos mortos que morrerem amanhã...

Eles não precisarão de orações, eles não precisarão de orações.

MICHAEL. Não sei o que quer dizer essa canção mas diga-me o que posso fazer por si.

PETER. Vem para o pé de mim, Michael.

MICHAEL. Silêncio, pai. Oiça o que ela tem a dizer.

VELHA. É duro o fardo daqueles que me ajudam. Muitos dos que têm hoje um ar saudável, amanhã estarão pálidos; muitos dos que hoje se passeiam livremente pelos montes, charcos e juncais terão amanhã de percorrer caminhos difíceis em países distantes; muito boas intenções serão abandonadas; muitos dos que juntaram dinheiro não ficarão para o gastar; muita criança nascerá e não haverá pai no seu baptizado para lhe dar um nome. Os que têm hoje um ar saudável, amanhã estarão pálidos por amor de mim e, mesmo assim, pensarão que são bem pagos.

(Sai; ouve-se a sua voz a cantar lá fora)

Eles serão sempre lembrados,
Eles estarão sempre vivos,
Eles vão sempre falar,
O povo vai sempre ouvi-los.

BRIDGET *(para Peter).* Olha para ele, Peter. Tem o ar de um homem que sentiu o chamamento. *(Levantando a voz.)* Olha para aqui, Michael, para o fato do casamento. Que belo fato, este! Devias experimentá-lo agora; seria uma pena se amanhã não servisse. Os rapazes haviam de se rir de ti. Pega nele, Michael, vai para o quarto e experimenta-o.

(Põe o fato no braço dele)

MICHAEL. De que casamento estão a falar? Que fato é esse que usarei amanhã?

BRIDGET. Este é o fato que vais usar quando casares amanhã com Delia Cahel.

MICHAEL. Já me tinha esquecido.

Olha para o fato e dirige-se para o quarto interior mas pára ao som de aclamações que vêm do lado de fora.

PETER. Já chegam os gritos à nossa porta. O que é que se está a passar?

Entra um grande grupo de vizinhos. Patarick e Delia estão com eles.)

PATRICK. Há navios na Baía; os franceses estão a desembarcar em Killala!

(Peter tira o cachimbo da boca e o chapéu da cabeça. Levanta-se. O fato escorrega do braço de Michael.)

Delia. *(Ela não presta atenção.)* Michael. *(Ele vira-se para ela.)* Porque me olhas como se não me conhecesses?

(Ela larga-lhe o braço. Bridget dirige-se para ela.)

PATRICK. Todos os rapazes já correm pela encosta para se juntarem aos franceses.

DELIA. Mas Michael não vai juntar-se aos franceses.

BRIDGET (para Peter). Diz-lhe para não ir, Peter.

PETER. Não vale a pena. Ele não ouve uma palavra do que dizemos.

BRIDGET. Tenta convencê-lo a vir para o pé da lareira.

DELIA. Michael, Michael! Não me vais deixar! Não te vais juntar aos franceses e nós vamo-nos casar!

Ela abraça-o e ele volta-se para ela como se estivesse prestes a ceder.)

(A voz da velha do lado de fora)

Eles vão sempre falar,
O povo vai sempre ouvi-los.

Michael liberta-se de Delia, fica por um momento à porta, depois corre para fora seguindo a voz de velha. Bridget toma Delia nos seus braços que chora silenciosamente.)

PETER *(para Patrick, pondo-lhe a mão no braço).* Viste alguma velha a descer a colina?

PATRICK. Não, mas vi uma jovem e tinha o andar de uma rainha.

FIM

M.ª Angélica Varandas
Janeiro/1990

A FUGA EM DIRECÇÃO AO DESTINO

A ficção de Hermann Hesse, como ele próprio também admitia, é quase invariavelmente autobiográfica e **«Demian»**, a história da maturação emocional e espiritual de Sinclair desde os seus dez anos de idade até à sua mobilização para a guerra, é um dos muitos exemplos.

O subtítulo, «História da juventude de Emil Sinclair», denota um conflito e um desdobramento entre dois mundos diferentes: o ambiente familiar bem ordenado onde reinavam o amor, a severidade e o respeito, os bons exemplos e costumes, a (boa) educação, o sábio equilíbrio entre deveres, culpas, arrependimentos, confissões e bons propósitos, e o mundo tumultuoso e oculto que habitava os mesmos lugares: escândalos, degradação moral e física, assassínios, suicídios etc., como que ignorados mas persistentes.

O enigmático companheiro de escola, Demian, alusão ao «demónio», aparece no momento exacto para resolver um grave problema — a penosa crise de consciência do protagonista depois de ter sido envolvido pelo mau génio de Kromer (outro companheiro de escola), num primeiro pecado, o roubo de maçãs num quintal — e a posterior extorsão de dinheiro que faz com que Sinclair se aperceba da monstruosa diferença entre os dois mundos que existiam numa aparente paz.

Fascinado pela psicanálise (foi tratado por um aluno de Carl Jung depois da morte do pai que provocou nele uma «quebra nervosa») e contagiado pelo espírito das curas exorcistas (na sua primeira crise emocional, quando tinha quinze anos, e seguida por uma tentativa de suicídio), Hesse procurou a salvação numa fuga constante que lhe parecia bem estruturada conforme a teoria do inconsciente, e abandonando a mulher e os filhos, partiu para a Índia que o deslumbrava com a sua cultura de complexo e inesgotável simbolismo.

Ressalta ainda no começo do livro o reprimido complexo de Édipo através de um sonho em que o chantagista Kromer, apertando-lhe na mão uma faca, indicava-lhe que devia matar o pai. Aparecem ao longo da história as três componentes distintas mas relacionadas entre si do complexo de Édipo: desejo incestuoso (a mulher de Hesse tinha o mesmo nome da mãe — Maria, e aqui na personagem de D. Eva, aparece como amada, amante, mãe, protectora, disposta para um «incesto» numa eternidade projectada para um futuro indefinido mas certo); rivalidade com o pai (na medida em que o «crime» do roubo o faz opor-se à sua moral) e a identificação com o pai como forma típica de solução do conflito (na vida real, Hesse não se identificou com o pai mas com o seu avô materno, Hermann Gundert, ultrapassando, talvez, desta forma, um autoritarismo pessoal e directo do pai — homem, aliás, dócil e gentil, missionário na Índia).

A posterior tentativa de Hesse de desenvolver uma compreensiva estável análise psicológica e filosófica e conjugá-la com as suas afinidades naturais de escritor não o levaram àquela extinção «normal» do complexo. E assim começa a longa caminhada, a fuga interminável da solidão em que se declarava «admirador da infidelidade, da mudança e da fantasia». Mas via-se repetida e inesperadamente acompanhado pela própria fuga que ele procurou transfigurar e camuflar com símbolos e esquemas obscuros e confusos para não distinguir a solidão da fuga, obcecado pela ideia de uma caminhada em direcção a si próprio, como uma regressão definitiva, pre-existencial, numa fusão com o primordial inconsciente colectivo.

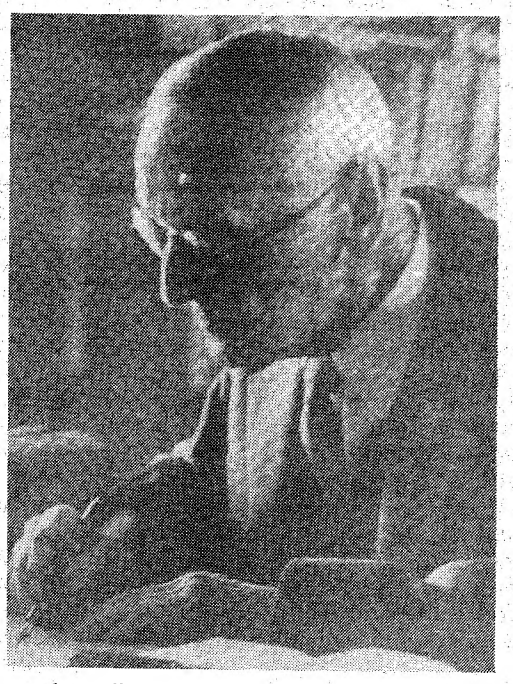
Numa sistemática oposição entre o mal e o bem, entre o destino como construção racional e algo predeterminado (para não desprezar a indispensável ideia de mérito pessoal), cria o narrador uma atmosfera de inspiração ora poética ora mística de um drama existencial em que o mistério nasce principalmente da omissão de elos lógicos na sequência narrativa ou da recusa caprichosa das personagens — profetas («Mas desculpa-me, tenho de ir para a casa») e confessa não ser «capaz de distinguir o sonho da realidade». Consegue-se uma densidade de sentimentos, vivências e tensões através de uma atitude programática do protagonista onde os recuos são apenas aparentes, o desespero tão só uma fase preparatória para a revelação de uma verdade destinada unicamente a ele.

Tudo no percurso de Sinclair são pequenos incidentes depois de Demian lhe ter descoberto que ele tinha na testa o invisível «sinal» do Caim, que era marcado pelo Destino. Mas Sinclair, apesar de hesitações e dúvidas (partes integrantes do implacável destino) estava convencido da sua predestinação cuja expressão verbal era tão indefinível como o profeta-guia Demian que a proferia: a sua cara era «nem de rapaz, nem de homem, algo de mulher, mas por momentos pareceu-me não ser madura nem infantil, velho ou jovem, mas ao mesmo tempo, milhenar e atemporal, (...) um espírito ou um quadro». Era afinal um fantasma de carne e osso e fala em que divisava uma «estranha e animalesca ausência de tempo».

Se os filhos do Caim tinham o «sinal» congénito, ou seja hereditário e não merecido, Sinclair foi o oposto ao seu pai, logo foi eleito ou predestinado por algum mérito inexplicável mas presente. O problema do livre arbítrio ou da vontade livre, o poder telepático de Demian apareceu como simples pretexto para agitar o seu espírito e criar a sensação de uma evolução racionalmente orientada mas onde esta racionalidade estranha, para ganhar mais força, se perde no dramático que é obrigatório pois as grandes mutações são sempre dolorosas. Uma linearidade do cumprimento do destino, que no fundo é algo por acontecer, privaria a narrativa da sua força persuasiva. Por isso é-nos apresentado numa retrospectiva projectada para um futuro antecipado sem referências de tempo ou de espaço minimamente delineadas.

Poder-se-ia interpretar esta caminhada em direcção a si próprio como um apelo para um individualismo extremo mas incapaz de sustentar, isoladamente, a liberdade pretendida. E assim, como só a poucos eleitos é dado o «sinal» do Caim, o humanismo abstracto do narrador resulta num elitismo talvez tão sinistro como aquele que obrigou Hesse a fugir para a Suíça.

As potencialidades para se tornar humano que existem em toda a gente e são reconhecidas com uma condescendência muito parecida com a indiferença por outro eleito, o organista Pistorius, não impedem a franca repulsa: «Bem vê quantos deles (as gentes) não passam de peixes



ou de ovelhas, vermes ou sanguessugas; tantos que são formigas e outros abelhas!». A imortal visão paranóica do eleito Sinclair não difere muito numa fase bastante avançada da sua ascensão missionária: «em muitos dos rostos, eu via um sinal (que não era o nosso), belo e pleno de dignidade, que significava amor e morte».

Entre outras coisas não se entende bem o demoníaco esforço de reunificar o divino e o demoníaco para se tornar humano quando tudo demonstra que eles se encontram numa relação dialéctica, numa indissolúvel unidade. A história, apesar de muito cuidadosamente construída, para encaixarem todas as peças, quando tal não acontece o autor deixa um espaço para nesse vazio cada um inventar ou completar o mistério e entrever a pretendida união mística com «Abraxas, o Deus que era Deus e Demónio».

O amor, a paixão, não passam de imagens, de exaltação do espírito por um encanto (Beatriz) mantido à distância, que apesar de ter exercido uma «influência profundíssima» na vida do protagonista, serviu apenas de ponto de orientação na procura do Eu: era um símbolo desbotado de Demian que por sua vez era uma cópia da mãe, a D. Eva, longínquo eco da mãe primordial onde o individual e o colectivo deviam ter sido uma e a mesma coisa. Numa seriação até ao abismo dos tempos qualquer comunhão com outro ser, por mais perfeito que fosse, acaba por se revelar insuficiente — como dois espelhos do mesmo tamanho e feitio que se reflectem um no outro — perde-se a noção tanto da existência própria como da existência do outro. Resta então uma sensação de presença indefinida mas rica que facilita veriadíssimas interpretações no tempo, concebido como material inesgotável para a construção do destino e do universo. E neste moldar do próprio destino nunca ninguém se enganou, nunca ninguém errou ou fracassou. «Não deveria comparar-se com outras pessoas: se a natureza o criou para ser morcego, não pode querer transformar-se em avestruz», aconselha Pistorius aquele que é superior na sua missão e no seu entendimento intuitivo. O perigo oculta-se em ser «normal». Mas como o desgraçado eleito Sinclair poderia saber o que é normal? Ninguém lhe revela este segredo: nem o Demian, nem Eva, nem Pistorius, nem Abraxas. Porque todos são um veículo na longa caminhada para o passado quando não havia normas, nem diferenças, quando o nada era uno. E o nada é inatingível, por se encontrar numa proximidade imediata, dentro de cada um, mas que não impede o movimento da imaginação.

Na sua angústia Hermann Hesse cria múltiplas imagens para dar vulto a uma libertação do Eu: «O pássaro liberta-se do ovo. O ovo é o mundo. Quem desejar nascer terá de destruir um mundo. O pássaro voa para Deus. Deus chama-se Abraxas». Não há dúvida que todos os dias destruímos um mundo nosso para o reconstruir logo a seguir ou depois de algumas horas de sono e sonhos. Mas será que o pássaro se liberta do ovo? Porque não é a casca que se chama «ovo».

Libertando-se de um invólucro cria-se uma fina camada do Eu, da essência do nosso ser que rapidamente endurece e novamente urge outra libertação.

Mas quem nos saberá dizer onde está Abraxas quando a cada um foi possível resolver, se estiver escrito, voar para fora do mundo. O mais provável é que todos se encontrem no mesmo mundo, onde Abraxas não se quer manifestar de forma alguma. Uma imaginação em fuga da escrita, ou da linguagem mística» que desmistifica tanto as coisas reais como as imaginárias muito mais do que a linguagem quotidiana.

Há sempre, porém, uma maneira de imaginar o desejável. Já viram em algumas montras aquelas torneiras que parecem suspensas no ar ou suportadas pelo jorro da água? É simples: a água entra por onde devia sair e sai outra vez pelo mesmo sítio. Sobe o inconsciente até ao seu extremo e depois desliza sobre a sua superfície exterior. Um verdadeiro **perpetuum mobile** do inconsciente. Basta não se aproximar de mais, pelo menos conscientemente.

Dimiter Ânguelov

DEMIAN
Hermann Hesse
Publicações Dom Quixote, 1989